

História e Geografia do

CAMINHO DE

—
SANTIAGO DE

COMPOSTELA

—

**Como andar (e
aproveitar) pelas estradas
que levam a**

***Santiago de
Compostela***

Ivar Hartmann

***Guia do Caminho Francês, na história, na
geografia e na lenda***

***Autorizada a cópia. Pede-se informar a
origem
ivarhartmann@terra.com.br***

Índice Geral página 163

***Confesso que vivi!
Pablo Neruda***

TIAGO - Dito Tiago Maior, para diferenciá-lo de Tiago Menor. Nasceu na Galiléia em 12 AC, filho de Zebedeu e Salomé, irmão de São João Evangelista. Foi martirizado em Jerusalém, em 44 DC, a mando do rei Herodes. De profissão pescador no lago de Genezaré, foi chamado por Jesus e, ao lado de João e Pedro era da Sua intimidade, tendo sido testemunha de seus principais milagres.

Segundo São Jerônimo, homem de letras cristão que viveu no séc.IV, Tiago teria pregado na Espanha no ano 40 e voltado á Terra Santa.

Seus restos mortais teriam sido transportados de volta á Península Ibérica, onde foram encontrados no séc.IX, por um rei católico, Afonso, que precisava de bons artifícios para sua gente combater os mouros. Assim, sem querer, ele deu inicio a romaria que se perpetua.

Tiago é o padroeiro militar da Espanha. Deve ter ajudado muito os soldados espanhóis nas guerras de independência da América Latina.

Sua festa se comemora em 25 de julho. No Brasil, Dia do Colono e Dia do Motorista. Colonos como ele, um desbravador e motoristas como ele, um viajante continental.

Alguns dos principais artistas europeus, como Ticiano, Garofalo e Dürer o representaram, em obras que se encontram em palácios e catedrais da Europa.

Há uma estátua sua na Catedral de Burgos.

Prefácio

O primeiro registro histórico a respeito do Campo das Estrelas, ou Compostela e ao final Santiago de Compostela, ou seja, o São Tiago do Campo das Estrelas, nos foi dado pelo general e imperador romano Júlio César (100-44 AC).

Durante sua guerra contra o colega de triunvirato Pompeu, pelo domínio de Roma, atravessou o Rubicão, conquistou a Cidade e fez o inimigo fugir para o Egito. Partiu então para a Espanha, para dominar as tropas romanas lá estacionadas, e que eram fiéis a Pompeu. Uma noite quente, em viagem pelo norte do país, na região da atual Galícia, dormia do lado de fora de sua barraca, quando foi despertado por uma grande luminosidade. Raios de luz que pareciam estrelas cadentes, derramando-se sobre um outeiro próximo.

Certo de que deveria haver ouro no local, face ao brilho, afastou-se em silêncio do acampamento e começou a andar entre as pedras da elevação, em direção ao alto da colina arborizada. Súbito, ao contornar uma pedra maior deu de encontro a seu filho de criação, Brutus, que também acordara e também em silêncio procurava o ouro. Brutus vinha armado com um punhal. César, surpreendido e assustado, gritou-lhe: “Até tu, Brutus?”

Esta frase se repetirá, alguns anos depois, em pleno Senado Romano, com conseqüências mais trágicas para César, do que o ouro não encontrado na Espanha.

Muitos mais anos ainda se passarão até que pastores, errando com seus rebanhos por aqueles campos, dormindo no local, também sejam surpreendidos por raios de luz caindo sobre o outeiro, mas então o apóstolo e mártir Tiago já estava lá enterrado.

E a história tem outro desfecho.

Capítulo 1 – Dos motivos que levam um cristão a Compostela

Nos meus tempos de colégio jesuíta, os padres diminuían a olhos vistos; em poucos anos, nos seminários, havia mais camas ociosas que ocupadas, salas eram fechadas e alas inteiras isoladas, para que os noviços não se perdessem nos corredores vazios ou temessem assombrações, sempre possíveis em longos corredores escuros.

Não era pois de estranhar que o Padre Ramirez, um espanhol da Galícia, continuasse dando aulas, não obstante o entendimento comum entre os alunos de que, por sua idade, tivesse sido ordenado pelo próprio Fundador da Ordem, Inácio de Loyola, uns 500 anos antes.

No caso, seus afazeres eram aulas diárias do credo católico, a qual todos os alunos eram obrigados a assistir. Estas aulas eram dedicadas a conservar a fé dos crentes e tentar a conversão dos hereges - alunos protestantes e judeus da classe média e alta de Porto Alegre.

Segunda feira era o dia macabro nestas aulas de religião: os alunos eram questionados sobre o trecho da Bíblia que alicerçara o sermão do padre na missa de domingo. Para sabê-lo, só assistindo a própria. E, não sabendo, não compensavam as páginas e páginas de cópia do Regulamento do Colégio, a título de aprendizado: melhor ter ido á missa. Mas como um judeu ou um protestante iriam à missa? E porque, em nome da igualdade, não eram obrigados também, a conhecerem o sermão de domingo do padre?

Imaginávamos: alguma decisão iníqua da Direção protegia os hereges e obrigava as pobres crianças católicas ao martírio dominical.

No entanto, os jesuítas, com seu espírito prático e empreendedor, logo passaram a imprimir um folheto, com o sugestivo nome de “O Domingo”, o qual, além de ladainhas e crônicas religiosas, trazia impresso em vermelho o trecho bíblico determinado pelo bispado a todos os padres, em todas as paróquias da Capital. O jornal era distribuído aos alunos assinantes nas sexta feiras, na hora da saída do Colégio. Ninguém teria tempo de emprestar, ou decorar o texto, no trajeto entre a porta da sala de aula e a porta da escola.

Com tais benefícios, não havia necessidade de nenhuma campanha publicitária, para fazer de “O Domingo”, o órgão de imprensa mais lido do Colégio.

Mas o Padre Ramirez era um apaixonado de sua Galícia natal. E, entre seus ensinamentos, sempre achava forma de falar dos milhares de peregrinos que, desde tempos imemoriais para nossas cabecinhas, caminhavam centenas de quilômetros. Movidos pela fé, desde a fronteira da França, nos Pirineus, até a magnificência da Catedral de Santiago de Compostela e dos restos mortais de Tiago, discípulo amado do próprio Jesus Cristo.

Mandado decapitar notem, decapitar, por Herodes Agripa I (que nome!) em Jerusalém, em 44 DC. Segundo alguns autores, teve seus restos mortais trazidos por audazes marinheiros á Espanha. Foram escondidos e ficaram perdidos até serem descobertos centenas de anos depois.

De acordo com outros, tão audazes eram estes mesmos marinheiros, que o trouxeram em um barco de pedra e foi enterrado cristamente, graças a uma rainha pagã. Esta conversão teria sido seu primeiro milagre. Primeiro? Certamente não! Segundo. O primeiro foi o do barco. De qualquer modo, lá ficou, embaixo da terra, de onde saia apenas para lutar entre os cavaleiros cristãos que guerreavam contra os mouros da Península Ibérica. Por acaso, centenas de anos depois, como dito, sua sepultura foi descoberta.

E, a estas alturas, já santo, São Tiago. Milagres que só a boa fé dos cristãos pode explicar.

Mas há uma verdade. Que até hoje não foi explicada. E com testemunhos vivos até a pouco, mas que transmitiram a informação. O jesuíta bávaro Padre Reus (João Batista Reus 1868-1947), morreu, já com fama de santo, depois de mais de 50 anos de Brasil, em São Leopoldo-RS, professor de teologia no Seminário local. Há testemunhos de seus milagres. Mas milagres são coisas relativas, dependendo muito do enfoque. No entanto às vezes, durante as missas para poucas pessoas que rezava, em estado de êxtase, durante a consagração, ele levitava. Ou seja, erguia-se do solo, contrariando as leis da física, e, qual anjo, assim permanecia por instantes.

Aí estamos diante do imponderável.

Anualmente, até hoje, seu túmulo, no cemitério jesuíta de São Leopoldo, é ponto final de romaria de milhares de fiéis da Grande Porto Alegre, que para lá rumam em longas caminhadas.

A Igreja Católica, tão rápida em declarar santo a personagens européias, desde 1958 posterga seu processo de canonização. Pode ser que outro bávaro, agora o Papa, seja mais ágil.

Voltando: quanto a São Tiago, os alunos hereges tinham outras explicações mais lógicas para o fato, conforme não cansavam de tentar nos convencer nos recreios, mas nossa fé era inabalável. E, como ao tempo, o latim era língua obrigatória nas salas de aulas, gritávamos alegremente para eles: “Vade retro Satanás!”- Para trás Satanás! Como dissera o Mestre de Tiago, ao seu tempo de provações no deserto.

Certa manhã de março, um judeuzinho novato no Colégio, morador do Bom Fim e desconhecedor dos hábitos do Padre Ramirez, ao ouvir a peroração de sempre a respeito das maravilhas da Galícia e de Santiago de Compostela não se conteve:

- Padre Ramirez! - Chamou alto- E, no silêncio da sala, em tom de blague, continuou: De que adianta o Santiago Com-costela se ficou Sem-cabeça?

O velho sacerdote demorou alguns segundos olhando o abelhudo, para recobrar-se, e responder com veemência a leviandade. Quando respondeu, era tarde. A gritaria dos hereges e as gargalhadas dos católicos transformaram a aula em um pandemônio. Alguns minutos de maravilhosa anarquia se passaram. Lembro que, aos poucos, foi se fazendo silêncio na sala de aula. Um silêncio que tomava conta das gargantas até á pouco sonoras. Quando prestamos maior atenção, ao ar que se fazia pesado, e ao silêncio que reinava, o temido Padre-Prefeito, sujeito sem amigos conhecidos entre nós, estava em cima do estrado, furibundo, mirando dentro de nossos olhos, rasgando nossas carnes, penetrando em nossas pequenas almas.

Samuel, ao final, depois de agüentar - em vermelho- o sermão que não tinha na sinagoga, e de muitos pedidos de desculpas, foi castigado com o “buque”, o pior castigo possível. Uma semana de comparecer ao Colégio á tarde para fazer os temas e copiar artigos do Regulamento, impresso em nossas cadernetas escolares. Pior de tudo: os pais deveriam assinar o ciente do que estava ocorrendo, o que, naqueles bons tempos, significava mais castigos em casa. Do tipo: não ir ao cinema domingos á tarde, lavar a louça das refeições, não comer sobremesa, ir dormir às vinte horas, e tantas outras opções disponíveis para pais com espírito de iniciativa. Sem esquecer, por óbvio, levar algumas chineladas no traseiro.

Samuel ainda teve sorte, porque aqueles eram os dias em que o Padre Pio, um santo homem, o jesuíta capelão da temível Penitenciária Estadual, situada na Volta do Gasômetro e depois demolida, conseguia quilos e quilos de balas e caramelos das fábricas locais, para serem distribuídos aos presos, por ocasião da Páscoa que se aproximava.

As balas eram empacotadas no refeitório dos padres, em saquinhos de vinte unidades, Os alunos-voluntários, durante a execução do serviço, realizado ao redor de uma enorme mesa, podiam comer a vontade às guloseimas, mas nada de levar para casa uma sequer. Na saída todos eram revistados, não importava o sobrenome ilustre que ostentassem.

Às vezes fico a imaginar, não seria uma idéia a aplicar nas sedes dos Legislativos e Executivos brasileiros? Passar nossos governantes pelo Raio-X?

Definitivamente, o Colégio Anchieta não era um colégio como os de hoje, o país mais evoluído cultural e economicamente, onde se respeita os delitos cometidos pelos colarinhos brancos ou seus filhos.

Voltando as balas. É óbvio que, para tal serviço, faltavam voluntários e assim os alunos do “buque” eram as cobaias ideais. Naquela ocasião, por solidariedade, nossa primeira série ginásial fez bonito. Todos se dispuseram a ajudar. E o santo Padre Pio, não sabendo das preliminares, cantava alegre por aquele contingente inesperado. “Meninos que são exemplos vivos de caráter e amor ao próximo! Serão grandes homens no futuro” conforme nos destacou quando, dias depois, na chamada diária, estávamos todos enfileirados, como soldados no pátio de um quartel, junto com as outras turmas jesuíticas. Felizmente ele era bom futurólogo. Nos anos seguintes, acompanhando o ciclo da natureza, crescemos muito. Nenhum ficou anão.

Capítulo 2 – Dos santos e dos pecadores

Uma bula papal do séc. XII perdoa todos os pecadores que fizerem a peregrinação a Compostela, garantindo assim, independente de credo religioso, a entrada no Paraíso. Ante esta tremenda facilidade de conseguir passaporte para o reino de Deus, fruto da grande camaradagem sempre existente entre Ele, proprietário do Paraíso, e o Papa, seu representante legal na terra, que conseguiu esta benesse por certo com autorização expressa, não existe forma mais fácil de acertar nossas contas com o Poderoso.

Tão grande ficou a peregrinação para Compostela no correr dos anos, que nos séculos seguintes foram construídas por toda a França e Espanha, igrejas e albergues para dar proteção e apoio aos peregrinos nas rotas por onde passavam.

Como são pecadores os humanos. E como correm atrás de desconto para suas dívidas.

No séc.XVI havia alemães e suíços que, conhecedores do Caminho, cobravam para fazê-lo, em nome daqueles que não tinham tempo, saúde ou coragem. Os que pagavam pela peregrinação destes espertos prepostos, ficavam com o direito das graças e perdões.

Imaginem um anúncio hoje no caderno de turismo do jornal:

“Santiago de Compostela- Precisa-se de uma pessoa para fazer a peregrinação a Santiago de Compostela. Deve ser pessoa robusta, honesta e cristã. Pagam-se as despesas de estadia, alimentação e bom salário. O contratado, quando de sua volta, obriga-se a repassar as bênçãos, graças, indulgências e outras vantagens espirituais auferidas pela peregrinação...”

Naquele século, já era bem conhecida em toda a Europa, a quantidade de *reliquias*, assim chamadas às partes do corpo de um santo, ou de qualquer objeto que a ele pertenceu. Todas legítimas, com carimbo de autenticidade, originárias da terra que viu passar Jesus Cristo e seus apóstolos, e que estavam guardadas pelas igrejas do Caminho.

Em 1557, incrêdo e curioso, um suíço protestante de Basileia, Felix Platter, recém formado médico em Montpellier - na França mediterrânica - desejoso de conhecer estas relíquias, resolveu fazer o Caminho de Santiago com outros alemães.

Na última hora, foi convencido por amigos a ir á Paris onde - lhe prometeram - havia tantas ou mais relíquias, guardadas em relicários de ouro e pedras preciosas. Com a vantagem de a viagem ser mais fácil e Paris, á noite, mais divertida.

Seu diário, guardado até nossos dias, conta que chegando a Paris, foi visitar a Igreja e o Mosteiro de Saint Denis, cidade perto de Paris, onde estão enterrados os reis de França.

Relatou com alegria, para a posteridade, ter encontrado entre crucifixos, relicários e quadros, peças sacras que deixariam São Tiago de Compostela de boca aberta. Se isso fosse possível, pois, recordemos, foi decapitado e sua cabeça se perdeu. Entre as *reliquias* expostas, encontrou a cabeça de São Dionísio (Saint Denis), primeiro bispo de Paris, padroeiro da França e, como São Tiago, decapitado pelos romanos. Conta à lenda que tomou a cabeça nas mãos, e, guiado por um anjo, seguiu com ela até o local onde desejava que construíssem seu santuário. Sujeito presunçoso este Denis.

Platter arrolou ainda, entre outros: o crânio e o braço de São Bento, fundador dos beneditinos. Um dente de São Pancrácio, menino decapitado em Roma, durante a perseguição religiosa promovida por Diocleciano. Deveria ser padroeiro dos dentistas pela maneira como soube conservar seu dente. E, ainda, um ombro de São João Batista e a mão de São Tomé.

Quanto ao ombro de São João Batista, mais valioso seria se fosse o de São Cristóvão, aquele que atravessou um rio com Jesus Cristo ao ombro. Nada se sabe de importante quanto ao ombro de João Batista, mas de sua cabeça sim. Foi decapitado por ordem de um rei Herodes e sua cabeça lhe foi entregue em uma bandeja de prata. Esta bandeja, infelizmente, se perdeu.

São Tomé é o apóstolo descrente de Jesus que só acreditava vendo e tocando. Pois a mão é justamente aquela que inclui o dedo que tocou a chaga de Cristo. Que sorte de quem comprou, hem? Ou de quem vendeu? Com certificado de procedência inclusive.

E isso é apenas o início.

Glória das glórias, lá Platter pode ver também: um pedaço da cruz verdadeira do Redentor, o dinheiro recebido por Judas para vender seu Mestre, a lanterna usada pelo mesmo para iluminar o rosto do Cristo e facilitar sua prisão e, pasmem leitores, alguns fios de cabelo do próprio Jesus Cristo!

O maior facilitador de que estas peças maravilhosas, que beiram o sobrenatural, provas palpáveis da existência de Jesus e da veracidade dos Evangelhos, viessem a ser resgatadas dos infiéis e guardadas com toda pompa no Ocidente, foi o Rei Luis IX da França, canonizado como São Luis. Ele comprou por 135.000 libras a coroa de espinhos e um fragmento da cruz da crucificação de Jesus Cristo, entre os anos de 1239-1241. Para poder se avaliar o que significavam estas libras pagas, a capela gótica de Sainte-Chapelle, até hoje um dos símbolos de Paris, considerada com uma das mais belas igrejas do mundo, mandada edificar para guardar estas relíquias, custou 60.000 libras.

Naquela época de fervor religioso, todos os esforços e dinheiros para comprar relíquias eram válidos, e Luis IX conseguiu algumas das melhores. Nas Cruzadas, movimento do qual participou, não se deu bem, mas nas suas compras, sim. Por sua competência, como comprador de objetos religiosos do Oriente, foi canonizado. Com o título de São Luiz, o Ingênuo.

Como nenhuma destas relíquias, honestas e verdadeiras, estão mais disponíveis em Paris, para os crentes do século XX, e me informaram de que objetos, ossos e pedaços de membros pertencentes a santos ainda existiam espalhados – espalhados mas bem cuidados - pelo Caminho de Santiago de Compostela, resolvi aproveitar, tirar trinta dias de férias e fazer a peregrinação. Mais ou menos como quem sai em busca do Santo Gral, mas com alguma comodidade.

Por falar nele, e a respeito de relíquias guardadas ao longo do Caminho, o Santo Gral, cálice sagrado usado por Jesus Cristo, na sua última refeição com seus apóstolos, foi trazido de Jerusalém e esteve guardado no Monastério de San Juan de la Peña.

Este mosteiro, encravado nas montanhas, foi fundado no século IX. Não longe da França e no início do Caminho Francês para Santiago. Se Luis IX soubesse disso hem? Que barganha poderia ter proposto. Ou até invadido a Espanha para proteger o Graal.

Outra parte interessante quanto ao Caminho. Por mais que busque, não encontro nos dias de hoje, agente de viagem ou agência de turismo mais competente do que o rei Afonso, autor da descoberta do corpo de Santiago em Compostela.

Permitam-me este parêntesis para falar de Afonso, rei das Astúrias, cognominado o Casto, e que iniciou a revolta dos católicos contra o domínio mouro, passando a vida em luta para reconquistar as terras cristãs da Ibéria.

Com tão imenso trabalho, seu apodo foi dado com justiça; só restou-lhe ser Casto, em face de absoluta falta de tempo para outras atividades.

A felicidade que teve de, por imensa casualidade, descobrir o sepulcro de Santiago em seus domínios, trouxe-lhe fama, fortuna e os soldados necessários para suas campanhas bélicas.

Foi o terceiro milagre registrado de São Tiago.

Naquela época estava provado que São Tiago saíra de Jerusalém por volta de 40. Depois de Cristo, é claro. Viera para a Espanha onde pregou a palavra de seu Mestre.

Voltou depois á Jerusalém, sendo passado na espada em 44 pelo rei romano Herodes Agripa. Agripa tinha coriza permanente.

Daí uma enfermidade batizada com seu nome: a gripe.

Marujos espanhóis que comerciavam pelo Mediterrâneo, trouxeram a parte de baixo do corpo de São Tiago de volta, já que a cabeça, decepada, foi perdida, e o local onde o enterraram perdeu-se no tempo até ser achado pelo rei. Alguns incrédulos ainda hoje estranham de como o cadáver do santo foi encontrado por Afonso, quando mais necessitava de auxílio, exatamente no melhor local de seu reino e tão longe das antigas rotas marítimas do Mediterrâneo.

Mas, como dizia o Casto: “tudo se resume em *fé de mais* ou *fé de menos*.”

Antes dos mais beatos me exorcizarem, creiam: a melhor maneira de fazer a peregrinação é com uma pitada de humor no cérebro e leveza no coração.

Capítulo 3 – Dos processos mentais da auto-persuasão

a) Pensando em ir

O Caminho de Santiago, para aqueles que pretendem fazê-lo e chegar até ao fim, começa de forma agradável: sentado em sua cadeira predileta, ao telefone, se fazem os contatos iniciais com a Embaixada ou o Consulado Espanhol (vide telefone no Google ou peça o auxílio da telefonista). Eles nos enviarão os primeiros folhetos explicativos e o grande mapa da Espanha onde a estrada aparece firme, grande e limpa na cor lilás, atravessando todo o norte espanhol, desde os Pirineus até o Atlântico.

No Consulado de Porto Alegre havia uma funcionária, Dona Maricarmen, que era maravilhosa no atendimento.

A primeira vista, como até as auto-estradas estão traçadas com linhas menores, deve ser uma façanha impossível se perder no trajeto. Na verdade quem executou o mapa foi o Amigo da Onça, mas isso não vem ao caso.

O folheto que o acompanha, tem o nome que se imagina: Caminho de Santiago de Compostela. Dedicado ao que farão o caminho a pé, tem importantes informações e nele se misturam história, geografia, tempo e sugestões de ordem prática, quanto ao caminhar e o equipamento. Dá um esboço geral do Caminho, dividindo-o em seis grandes etapas, que nada tem a ver com o trajeto diário de cada um dos peregrinos. Enumera os hotéis principais das maiores cidades, preços e vias de comunicação.

Por precaução e para deixar o candidato tranquilo em caso de necessidade, um sem número de telefones úteis de emergência, são relacionados.

É o único guia de turismo que recomenda apenas lugares, comidas e vinhos que devem fazer parte do nosso itinerário. Nem uma palavra sobre compras de artigos típicos!

Também... pudera, não?!

Mesmo quem ainda não está ainda convencido de fazer ou não a peregrinação, vale à pena solicitar este folheto.

b) Decidindo ir

Examinado com vagar, o folheto recebido nos informa que ir a Espanha e percorrer o Caminho não é mais uma temeridade. É antes uma aventura, uma aventura espiritual. A mais singular possível em todo este nosso aflito e angustiante mundo. Incluindo os esportes radicais.

Será um exercício de paciência e de fé, sob sol quente ou neve fria. Garoa, chuva ou temporal.

Uma viagem aos confins da terra, feita da mesma forma há mil anos, pelas mesmas centenas de cidades, vilas, igrejas, casas, fontes de água ou simples marcos extraviados pelo trajeto, que nos levam para dentro do passado.

Será também, com segurança, o mais barato roteiro turístico europeu de trinta dias, disponível no mercado.

Agora que concluímos ter o tempo disponível, e verificamos que nossa saúde e preparação física estão de acordo, vamos ao passo seguinte.

Um lembrete antes que esqueçamos: você pode fazer o trajeto desde os quatorze anos (acompanhado dos pais), até os setenta anos (sem necessidade deles).

Se, após as informações acima, você ainda está decidido, o próximo passo é entrar em contato com uma das Associações de Amigos do Caminho de Santiago.

No Brasil, a mais antiga é a de São Paulo e seu telefone consta do folheto enviado pela Embaixada. São pessoas simpáticas e atenciosas capazes de dirimir todas nossas dúvidas.

Através dela poderemos solicitar uma “Credencial Del Peregrino” que será enviada pela volta do correio, após preenchermos um formulário da Federação Internacional das Associações de Amigos do Caminho de Santiago na Espanha.

Pelo Caminho estaremos em constante contato com a história. A própria credencial já é o início dela. No início do século XI, quando as peregrinações começaram, os fiéis tinham de atravessar um sem número de reinos, principados, ducados, cidadelas, etc. Daí originou-se o costume de levar uma carta de salvo-conduto ou de apresentação, mediante cuja apresentação o portador dava ciência de onde vinha e para onde ia.

Esta carta lhe facilitava o caminhar no meio das desconfianças recíprocas dos vizinhos guerreiros dos territórios por onde passava. Apenas não livravam o peregrino da peste, do assalto ou do recrutamento á força como soldado.

Mais sorte tiveram as peregrinas da fé, a exceção de Joana D’Arc.

A credencial pesa algumas gramas e deve ser carregada, porque no seu verso contem os espaços, pequenos quadrados, onde serão apostas as assinaturas e carimbos, que certificam a passagem do peregrino por igrejas ou albergues do Caminho, em um determinado dia.

A soma destas certidões é que darão direito, quando da chegada a Santiago, de receber a Compostela, ou seja, o Certificado de que o portador cumpriu a peregrinação na sua totalidade, ou ao menos os últimos cem quilômetros a pé ou a cavalo ou os últimos duzentos quilômetros em bicicleta.

Cumprida uma das duas condições acima, acrescida de que a peregrinação tenha um sentido cristão, tem-se direito a certificação. Mesmo que seja apenas para a busca interior, o trajeto pode ser feito também de avião ou automóvel o que é deveras mais confortável depois de alcançarmos os quarenta anos. Mas não dará direito ao certificado.

Se o Caminho estivesse no Brasil, há muito tempo uma quadrilha já estaria fornecendo por preço módico a Compostela. Legítima e selada.

Os pequenos mapas que a acompanham mostram as variáveis possíveis: o Caminho Português, assim chamado porque cruza Portugal em direção norte, com pouco mais de 100 quilômetros. O Caminho do Norte que acompanha o litoral espanhol no Atlântico e tem 468 km. O Caminho da Prata com quase 1000 km. Desde Sevilha, cidade que depois da Descoberta do Novo Mundo, foi o ponto de passagem da riqueza saqueada da América e daí o nome deste Caminho.

E o principal, mais tradicional, e objeto deste livro: o Caminho Francês, soma de vários outros Caminhos da Europa rumo à Compostela, desde as distantes capitais, Roma, Budapeste, Praga, Berlin ou Oslo até a mais próxima, Paris, convergindo todos para os Pirineus e para Saint Jean Pied de Port.

A benção especial ao peregrino é simples: “Receba este apoio para que seja como sustento durante tua marcha e teus trabalhos, pelo caminho de tua peregrinação, para que possas vencer os empecilhos e chegar seguro aos pés de Santiago e depois de feita a viagem voltar para junto de nós com alegria, com a ajuda do Senhor, que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amém.”

Isso em uma tradução recente.

Outra tradução, mais antiga, era anti-turista e dizia: “receba este auxílio para tua peregrinação para que, castigado e emendado, te apresses em chegar aos pés de Santiago, onde tens ânsias de chegar...”

Não é para menos que foi trocada, não acham?

Dadas estas informações iniciais, vamos à busca de Compostela.

Este livro-depoimento pretende unir, as facilidades virtuais da internet, às necessidades materiais do peregrino, de viajar com segurança, sabendo o que o espera á frente em termos de geografia, e aproveitando o legado deixado pela história no local onde se encontra.

Capítulo 4 - Da materialização de uma idéia ou de uma viagem acidentada

A Embaixada Espanhola, contei, forneceu-me um mapa de seu país onde o Caminho de Santiago está marcado com um risco lilás carregado, correndo paralelo a sua fronteira norte, desde próximo ao Atlântico até os primeiros contrafortes dos Pirineus. Aí se bifurca e entra na França ou por Saint Jean Pied de Port ou por Urdos. No primeiro caso são oitocentos quilômetros de viagem, no segundo mais de novecentos.

A bula papal inicial, que dava remissão dos pecados aos peregrinos, não esclarecia qual o caminho que devia ser obrigatoriamente seguido. Assim, ao longo dos anos, Saint Jean passou a merecer o título de marco inicial da longa caminhada.

Como se verá, passados mais alguns anos, os peregrinos oriundos das terras americanas, sabedores dos mil metros de desnível que os esperava logo ao início da jornada, entre Saint Jean, ao pé dos Pirineus e Roncesvalle no alto, resolveram que, para eles, o caminho deveria ser feito apenas em terras espanholas. Ganharam assim um dia de viagem. Mas perderam a agradável possibilidade de fazer penitência á Santiago, ao subir mil metros em quinze quilômetros, no meio da floresta, sujeitos a aranhas, mosquitos, espinhos, sobes e desces sem fim.

Cena I –

Tirei férias e voei para Oporto, cidade do vinho em Portugal, para daí seguir á Lisboa, Faro e, por ônibus, Sevilha e Madri. Depois, Pamplona e Saint Jean Pied du Port.

A Cidade do Porto chama-se Oporto, ou seja, deve-se dizer “Vou para o Oporto”. Algo como O O, Le Le ou The The. Os portugueses explicam que línguas maldosas duvidavam da masculinidade de seus habitantes e por isso eles resolveram caracterizar bem o sexo de sua cidade. Não um simples Porto, mas o O Porto ou, como grafam, Oporto.

A viagem Brasil-Oporto tinha sido maravilhosa.

Quando pela metade da manhã desembarquei não no Oporto – vim de avião e não de navio, lembram? - mas no AeroOporto e entrei na sala da Polícia de Fronteiras, havia duas filas frente aos guichês. Sobre um deles havia uma placa que dizia: Comunidade Européia. Nela se comprimiam dezenas de pessoas provenientes do nosso vôo e de vôos anteriores e que chegaram antes dos zelosos funcionários. A outra placa informava: Latinos e Brasileiros.

Frente a esta, apenas uma pessoa.

Não sei como os portugueses conseguem diferenciar um latino de um brasileiro, mas, lembrando que Portugal descobrira o Brasil julguei que aquilo fosse alguma deferência. Algo do tipo Pátria-mãe. Brasileiros são nossos irmãos. Portugal é Brasil na Europa. Tratei de pegar rápido meu passaporte de capa verde, do país latino co-irmão. Logo chegou minha vez, pois o anterior era latino e foi despachado rápido. Apresentei-me alegre ao funcionário. Ele pegou o documento, folhou e me olhou com desconfiança:

- Que vens fazeire aqui ó gajo?

- Estou de passagem para Santiago de Compostela.

- Porque por o Oporto?

- Porque não?

O homem, até então apenas desconfiado, olhou-me furioso e começou a folhear o passaporte com mais insistência, buscando alguma falha. Talvez até por falta do que fazer ou porque sua mulher adorava ver jogador de futebol brasileiro jogar. A fila da Comunidade Européia já desaparecera, pois era um simples passar pela porta.

- Qual seu tempo de permanência em Portugal?

- Poucos dias. Vim conhecer a cidade e depois vou para Lisboa e daí para a Espanha.

Terminara a revisão do passaporte. O funcionário, de má vontade, sem achar nada de anormal, carimbou-o e ao devolver-me vagarosamente o documento avisou, olhando-me com cara de mau:

- Axx penaxx para quem queire ficair clandestino em Portugal são seveiras...

Não foi possível refrear, pois me contaram no Brasil, de uma rota de brasileiros (?) que iam para a Europa via terra lusitana:

- O senhor acha que eu, por louco que fosse, trocava o Brasil para ser clandestino em Portugal? Nem os travestis brasileiros ficam aqui! Respondi em despedida, saindo antes que o homem me prendesse.

Cena II –

Em Oporto, em uma agência de turismo, a funcionária informou-me que os preços das passagens começavam em algumas centenas de escudos (moeda portuguesa da época) e iam baixando conforme o renome da Companhia Aérea.

O menor preço era de uma Companhia que a atendente, com um sorriso amável, disse chamar-se Air England. Puxa, pensei, uma companhia aérea britânica, com uma promoção tão boa.

Há época, uma companhia inglesa, para a inteligência média dos brasileiros, era confiável, assim comprei a passagem. Só em vôo os passageiros descobriam, porque as companhias de seguro não faziam seguro de vida dos pilotos.

A Air England precisava faturar e aumentar as rendas, já que os passageiros, digo, os incautos, era poucos. Assim, tratara de conseguir uma aeromoça robusta e de criar um uniforme com um número menor do que o manequim da moça. Ora, durante o vôo, quando ela passava pelo corredor vendendo alimentos e, quando se abaixava para pegar algo no carrinho, deixava á mostra parte de seu busto. Quanto mais se abaixava, mais o busto aparecia, até onde, no centro escuro dos mamilos, surgia uma protuberância rosada. Por casualidade, os pratos e bebidas mais caras do cardápio oferecido, eram os que estavam ao rés do chão.

As senhoras presentes, em protesto, só tomaram cafezinho.

Os demais passageiros logo que entenderam o jogo, passaram a não regatear com o preço da alimentação.

Mas a maior sorte dos passageiros – creio – foi que a viagem era curta e nenhuma asa se desprende da fuselagem até Faro, aeroporto que serve as praias do sul do país.

As melhores praias de Portugal. E da Inglaterra também, a julgar pela quantidade de ingleses que possuem apartamentos, casas, quintas e automóveis na região.

Cena III-

Em Faro, embarquei em um ônibus, rumo á fronteira e Sevilha. O ônibus- se isso é um elogio - era melhor que o avião. Porém sem ar-condicionado. Houve, é certo, uma pequena discussão á bordo, depois de duas horas de viagem, fruto talvez do calor ou pelas partes envolvidas. Um argelino que viajava com a família, sentado logo atrás de dois espanhóis, discutia com estes, acaloradamente, se a janela dos espanhóis deveria ficar aberta ou fechada, face ao calor reinante e o vento que ia para o banco traseiro.

Pelas tantas, o muçulmano barbudo levantou de seu banco, sacou uma faca e aos gritos, em árabe, mandou os espanhóis á sua frente fechar a janela. Estes se tornaram rapidamente bilíngües, enquanto obedeciam, porque a forma como o beduíno manipulava a adaga não deixava dúvidas: o homem estava possesso.

Nós, os demais passageiros, já víamos o sangue manchar o corredor. Mais expedito foi o motorista. Uma brusca freada. O árabe titubeou e caiu. O cobrador saltou sobre ele e tomou-lhe a faca. O condutor levantou-se rápido e veio em direção aos contendores.

Seus gritos fariam inveja a um diretor de penitenciária. Mandou que se não calassem já a maldita boca e mantivessem a porcaria da janela aberta, iriam todos ficar na estrada, agora mesmo. E destravou uma quantidade de qualificativos impublicáveis para os até então másculos digladiantes. Que diminuían de estatura a olhos vistos. Feroz, ajudou o muçulmano a levantar-se do chão, empurrou-o para seu banco, enquanto se debruçava sobre os espanhóis destratando-os. O motorista, por certo acostumado às vicissitudes do trajeto, e por via das dúvidas, subira á bordo levando uma pistola que mostrava a cintura.

Este motorista deve ser um dos gênios da diplomacia contemporânea, conselheiro informal da OTAN e dos Estados Unidos.

Chegamos à fronteira de Portugal com a Espanha com nosso diplomata dirigindo e os passageiros de janelas abertas. Pela cor das roupas do saariano e a de seus familiares, de um antigo branco que a sujeira de há muito tingira, seria de imaginar as janelas fechadas...

O beduíno, total minoria no ônibus dos cristãos, taciturno, fazia uma litania á Ala, pedindo fossemos todos condenados ao inferno por não concordar com o resultado adverso de sua discussão.

Ou, algo mais á altura dos tempos que se iniciavam, que houvesse á bordo alguma mulher-bomba, pronta á imolar-se. Mulher-bomba porque nenhuma Al Qaeda da vida, de acordo com os costumes árabes, iria sacrificar um combatente masculino em um ônibus inexpressivo, em uma estrada comum, com passageiros desconhecidos. Só o país, nossa terra-irmã Portugal é incomum. Aliás, dizem, o sonho antigo de todo português era ser Camões. Hoje é ser avião da TAP.

O ônibus parou no posto fronteiro, e um guarda português entrou mandando que os africanos e latinos presentes tirassem suas bagagens para revista. Por mentira que pareça, a ordem era esta mesma. E revista minuciosa. Destas coisas de levar toda a bagagem para o posto policial, abrir as malas, chamar um pastor. Não um pastor evangélico, que em Portugal todos são católicos e seria uma heresia. Um pastor cachorro, no caso alemão, porque o único pastor-português que o país conseguiu produzir, a partir de seus grandes avanços na área veterinária, com centenas de cruzamentos inéditos, foi sacrificado em sua atividade principal.

É que farejava, farejava e nunca encontrava drogas. Até que um dia descobriram que ele criara um atavismo, a partir de um ancestral do Alto Douro: farejava em busca de Vinho do Porto. Foi expulso com desonra da tropa policial e enviado para o norte. Lá, abandonado, acabou morrendo.

Agora, contam e crêem os nativos locais, é uma alma penada, um pastor-português, vagando sem descanso pelas vinhas ribeirinhas do Rio Douro, buscando inebriar-se com o buquê das cantinas locais. Não esqueçamos que há um Caminho Português para chegar a Santiago de Compostela. Assim, se optarem por este que é muito mais rápido – apenas cento e trinta quilômetros – no silêncio da noite poderão ouvir os uivos lamentosos. Igual ao canto de tristeza de Prometeu, condenado por Zeus, chefe dos Deuses, por ter roubado o fogo sagrado do Olimpo trazendo-o á terra. Foi condenado a ficar eternamente preso nos montes do Cáucaso, onde ainda hoje lamenta sua desdita.

Afirmam também que, graças a este fogo, ele conseguiu criar os homens, a partir do húmus da terra. Merecia mesmo ser condenado por este pecado capital.

Voltando ao tal posto alfandegário português. Pela primeira vez no mundo moderno, um país inovou tanto: passou a revistar as bagagens das pessoas na saída de suas fronteiras e não na entrada. No entanto estas medidas duras estão certas. Vá que alguém queira surrupiar-lhes, levando na mala, o Monumento ao Marques de Pombal de Lisboa, ou o Cristiano Ronaldo?

Foi só então que descobri porque os brasileiros fazem tanta piada sobre a inteligência dos portugueses. O que prova como uma viagem a Santiago é também altamente instrutiva.

Felizmente, sem mais contratempos, entrei na Espanha, rumo a Madri de onde, no dia seguinte, parti para Saint-Jean, via Pamplona.

Capítulo 5 – Das informações úteis ao bom viajar

A “Credencial del Peregrino”, não é passaporte obrigatório, mas necessário, no Caminho, e de uso exclusivo, como disse, de quem está a pé, em bicicleta ou á cavalo. Deve ser apresentada nas igrejas ou prefeituras, de algumas das localidades por onde se vai passar, ou nos lugares onde se vai pernoitar, para serem carimbados pela autoridade responsável pelo local.

A pessoa (no caso chamada de peregrino) sai pela manhã com uma distância que, mais ou menos, pretende cumprir no dia. Não quer dizer que irá conseguir. Chuva, sol, cansaço, pé doendo, um santo aparecendo. Não há motivo de preocupação. Qualquer que seja o local de pernoite, a grande capital regional ou o pequeno povoado de montanha, sempre haverá alguém por perto com um carimbo pronto para ser usado no nosso documento. Parecem até pardais das polícias rodoviárias, sempre prontos a nos carimbar.

Ao final, apresentando a Credencial, em uma pequena secretaria próxima a igreja de Santiago, com vários carimbos comprobatórios da passagem pelas localidades a pé, bicicleta ou cavalo, o peregrino terá direito a receber a “Compostela” diploma que comprova a peregrinação com “espírito cristão”, ou seja, maometanos, budistas e outros, podem fazer o caminho, mas não ganham diploma. São “alunos ouvintes” ou “caminhantes incapazes”, não importa a perseverança demonstrada nas longas caminhadas, paciência com os pequenos dissabores, ouvidos moucos aos roncões dos albergues ou pés privilegiados.

Esta observação nos leva aos japoneses, hoje presentes em dez de cada dez destinos turísticos europeus. Como todos são xintoístas ou budistas - e suas fisionomias são reconhecíveis até pelos agentes portugueses de fronteiras - devem comprar uma máscara em Veneza antes de iniciar o Caminho, para disfarçar os olhos quando chegarem à secretaria.

Como a “Compostela” só é entregue aos que completam o Caminho, é mais do que conveniente ao futuro peregrino buscar as informações básicas e a Credencial del Peregrino, antes de atirar-se à aventura. Como disse, estas são encontradas em qualquer país a partir das Embaixadas ou Consulados da Espanha, interessados em aumentar o turismo. Cristão ou pagão. Só que não contam o detalhe. Mais uma necessidade deste guia!

Tipo de mochila e peso máximo a levar. Melhores calçados e roupas para usar. Dinheiro e mapas. Lanterna, canivete suíço e bastão. Melhores meses para peregrinar. Estes itens são fundamentais e devem ser bem pesados ainda em casa. Para não ficarem pesados depois.

Tudo levando em conta, o mais importante (depois da Compostela): meus pés serão à base do meu sucesso! Para me agüentarem, devo analisar bem o que vou carregar. Curso universitário aqui não conta pontos.

Não obstante as nossas individualidades e nossa disponibilidade de tempo, que indicará o mês em que se pretendamos viajar, são importantes alguns cuidados especialíssimos:

a) a pé

Considere os quilômetros a serem percorridos. O ideal será um tênis para caminhar ou uma bota de montanha leve, que já tenha se acomodado ao seu pé, comprada, e obrigatoriamente amaciada, antes da partida. Usar duas meias de algodão de cada vez diminui o atrito da carne com o couro. E o algodão facilita a transpiração. Para os relaxados que não lavam sua roupa, sempre podem trocar uma pela outra, virando-a pelo avesso, de manhã, e fazer de conta que estão lavadas. O mesmo com as cuecas que podem durar vários dias. Só que, no caso, os relaxados serão a maioria.

Lembre-se de que você não é o Emil Zatopeck, lenda do esporte, como o maior corredor do passado. Comece a andar devagar, adaptando a velocidade e o tempo diário de caminhada ao seu corpo e suas possibilidades físicas.

Cada pessoa tem o passo e a velocidade de marcha diferente. Não se preocupe, portanto, em encontrar logo acompanhantes. Estes surgirão ao natural. E é fácil encontrar-se, á tardinha, nos albergues e hotéis, pessoas que vimos durante o dia ou no dia anterior. Naquela estrada e povoados de mil anos, nada vai desaparecer nos próximos trinta dias. E, como dizem os funcionários públicos: a pressa é inimiga da perfeição.

Cuide de evitar frieiras secando bem os pés e entre seus dedos á noite. Descalce os sapatos, sempre e quando for parar no Caminho e aproveite o descanso para massageá-los.

Saia cedo e já comece a pensar onde parar ao meio-dia, para poder chegar tranqüilo a um albergue, hotel ou vila, podendo jantar com calma, escrever seus apontamentos e conversar com outros peregrinos. Este intercâmbio do “porque estou aqui?” é gratificante. Ainda mais quando encontramos um daqueles indefectíveis japoneses.

Não force a marcha alem do necessário, mesmo que um apressado te ultrapasse, pois, qualquer problema com seus membros inferiores, será uma sentença obrigatória de desistência. E daí, quando teremos nova oportunidade?

Lembre-se de que você vai andar por oitocentos quilômetros em regiões muito desiguais: montanhas, bosques, planícies, calor e frio, chuva e sol. Asfalto, terra molhada, pedregulhos soltos, grama úmida e resvaladiça.

Suas roupas devem atender a estas necessidades, sendo leves e transpiráveis. De novo, dê preferência ao algodão. Aqui para nós, confidencialmente, não se preocupe muito com a limpeza delas e a sua. Se os banhos não forem muitos durante o trajeto, não se culpe. Ao voltar para casa todo mundo vai querer saber como foi a caminhada e não a ducha tomada.

E lembre sempre, São Tiago, em sua vinda e volta para a Terra Santa, também não tomou banho.

Um conselho técnico dos que entendem deste assunto, de quem está acostumado. Você não pode, sob pena de fracasso, carregar mais do que dez por cento de seu peso. E, se estamos escrevendo para alguém que pesa em torno de setenta quilos, isso significa... Deixe ver... onde está a maquininha...divide...noves fora...subtrai. Sim, sem dúvidas: apenas sete quilos.

Não é assim que fazem hoje, os caixas das lojas, nas somas mais primárias?

Faça uma lista de suas necessidades. Deve caber tudo em uma mochila que abra por cima, por baixo e pelos lados. Pese. Agora corte parte do que você julgou indispensável. Desta lista restante, corte de novo o dispensável.

Não se preocupe em tentar andar com o asseio que lhe é peculiar. Um par de roupas folgadas e um tênis para trocar, chapéu, capa plástica para chuva, luvas, toalha, sabonete, mercúrio, alguma pomada e talco para os pés, um rolo de ataduras. Isto é o fundamental. O restante procure considerar como supérfluo. Pensando assim você, desde o início, só carregará o absolutamente necessário.

Nada de cuia, bomba, erva, tempero caseiro. Ou a geléia da mulher. Meu travesseiro! Carregar meio quilo sem necessidade por oitocentos quilômetros. É nisso que devemos pensar quando estivermos arrumando nossos pertences naquela mochila de que se falou atrás. Para caminhar sem preocupações, o Guia do Caminho com suas distâncias exatas, informações completas e conhecedor de cada encruzilhada, é a única peça indispensável. Se você não for viciado, até o celular com carregador pode ficar em casa. Mas não a máquina fotográfica com cartão de bastante memória. Fotos de viagem só interessam ao viajante, mas, como é bom recordar. Ao final, estamos no século XXI. Outros tempos, outros hábitos. Lembremo-nos: até os religiosos trocaram seus hábitos...

Depois, se há algo fundamental, esquecido ao partir, ao final de cada dia encontraremos locais para comprá-lo. Leve poucos euros e algum cartão de crédito. Sempre pensando que o Caminho de Santiago, uma vez pagas as passagens aéreas e os hotéis de entrada e saída, é o roteiro mais barato do mundo para se fazer. Cartão de crédito, quando aceito, e é aceito na maioria das localidades, é a forma mais segura e fácil de andar. Além de mais leve. Não aceito, sempre há falta de empregados para lavar a louça na cozinha! Os espanhóis acreditam mais no Sem Tiago do que nos Sem plata.

b) de bicicleta

O maior problema com a bicicleta são as partes do Caminho que, de repente, tornam-se quase intransitáveis. Ou por subidas muito íngremes, ou por terreno pedregoso demais. E não podemos ou não queremos dar a volta. Convém verificar bem o trajeto à frente e, na dúvida, vá pelo acostamento da rodovia, por onde sempre trafegam dezenas de bicicletas. Sempre haverá uma rodovia asfaltada, com acostamento lateral, próxima ao Caminho. E o “cara” aquele da Secretaria, lá no final, em Compostela, não irá perguntar se o peregrino veio pelo caminho original ou praticou o descaminho.

Aqueles que já fizeram o Caminho sugerem uma bicicleta normal com mudanças, por ser mais leve, devendo o peso ser colocado em alforjes de forma equilibrada, entre as laterais e os pneus dianteiro e traseiro.

Lembre de levar pneus e peças necessárias para uma eventual reposição, mas não carregue nada as costas e, sobretudo, treine muito antes de iniciar a jornada.

Lembre-se que entre dois pontos de apoio para um concerto inoportuno, sempre existem muitos quilômetros a rodar. Ou, pior, empurrar. Em Burgos encontrei um casal de holandeses, com mais de cinquenta anos, que estavam vindos desde sua casa, sempre em bicicletas. Na forma da descrita acima. E iam, carregados como estavam, até Santiago. Isso, para holandês não é nada. Mas para um brasileiro que não faz da bicicleta seu veículo diário, é uma epopéia.

c) de automóvel

Os puristas não aceitam que alguém faça o Caminho de automóvel. Perdoe-os. Há não muitos anos também a bicicleta não era bem vista. E o próprio Santiago não chegou lá a pé. Foi de barco. O único problema é que não poderemos pendurar na parede, na volta, o diploma de peregrino. Não é um grande problema, não?

Pode-se usar o automóvel como ponto de apoio, percorrendo trechos a pé e outros embarcado. Pode-se trocar o motorista de forma que o caminhante encontrará a frente o veículo, quando então se trocam as posições. Há também aqueles que têm dificuldades em locomover-se nas grandes extensões. Ou os idosos. Para todos eles também é feito o Caminho. E para os preguiçosos.

Lembre-se apenas de que, os que caminham ou andam de bicicleta, terão sempre a preferência. Não só nos albergues, mas e, sobretudo, devemos cuidá-los e socorrê-los se necessário, quando os encontrarmos com algum problema, no acostamento das estradas ou nas estradas vicinais que servem a veículos e caminhantes.

Antes de locar um automóvel das empresas internacionais do setor, na Europa ou na Espanha, procure informar-se com seu agente de viagem de como funciona o leasing da Renault e da Peugeot. Mais baratos, os automóveis são novos, zero quilômetro, todos os seguros e garantias estão incluídos, além da assistência técnica em qualquer cidade. E ficam mais baratos que as locações comuns.

Consigne ao menos quinze dias para fazer o percurso, se você gosta de história ou geografia. Porque não se pode perder a oportunidade de conhecer cidades e pontos históricos próximos ao trajeto sagrado, que para o peregrino a pé ou de bicicleta são inviáveis.

Se fizermos uma análise geográfica do Caminho, podemos dizer que os panoramas são magníficos e se repetem no sentido de que andamos por estradas e caminhos pelo meio da mata, ou de campos agrícolas, cruzando rios e riachos, subindo e descendo montes, montanhas ou simples coxilhas. A maior elevação a subir está no início, na barreira dos Pirineus que servem de limites entre a França e a Espanha e poucas são as cidades grandes a passar.

Estradas de terra que ficam embarradas e lisas quando chove, caminhos de brita ou aquilo que conhecemos no Brasil como estrada colonial, isto é, aquelas estradinhas esburacadas, cheias de curvas, com pedras de todo o tamanho aflorando no seu leito, enquanto ao lado o mato cresce ligeiro, são para os caminhantes a pé.

Boas estradas asfaltadas, com tráfego não muito intenso na maioria do percurso, também são usadas pelos outros peregrinos, pois o Caminho normalmente está próximo. Pontes famosas sobre os rios maiores, e pequenas estradas vicinais pavimentadas, também cercadas de mata ou campos cultivados, fazem parte do panorama.

Centenas de povoados cada um com centenas de antiqüíssimas casas de pedra e barro, sem pintura, grande parte delas fechadas ou em ruínas. Algumas vilas maiores, já contando com sua antiga igreja. Monumental, se comparadas com o casario do seu entorno.

O panorama será de casas antigas e palácios de pedra a vista, castelos e grandes pórticos; casarões com arcos a cuja porta principal ainda se distingue algum brasão de um senhorio desconhecido. Apresentar-se-ão em esplendor ou em ruínas, muitas vezes apenas os vetustos alicerces. E, nas pequenas vilas, casas antiqüíssimas. Abandonadas no culto ao progresso e a cidade grande, a espera de serem destruídas pelo tempo.

Por isso é bom ir logo. Daqui a cem anos você não as verá mais.

Igrejas

Centenas de Igrejas, preciosidades católicas de todos os tempos, a contar do século XI, cada uma guardando um tesouro representado ou por um crucifixo, uma relíquia de santo, um afresco ou um quadro antigo. E sempre a mesma penumbra. Nos bancos de madeira as espanholas contritas de véu á cabeça. Ou viúvas vestidas de negro dos pés á cabeça, rezando em todas as horas do dia.

Passaremos por elas pensando em entrar. Entramos, pensando em ficar. Ficamos pensando que temos muito a andar naquele dia.

Fontes

Centenas de fontes para todos os gostos, jorrando água fresca e cristalina. Algumas suntuosas. A grande maioria simples, em pedra entalhada, com uma bica de ferro imitando o bico do pássaro ou a boca da fera. Algumas marcam a passagem dos séculos ou das dezenas de anos, outras, mais novas, restauradas, não cruzaram os séculos, mas repetem as que foram substituídas. E uma, sui generis: jorra vinho. Isto sim é que é milagre.

Generalidades

A cada centena de quilômetros uma cidade grandiosa, coberta de história, com igrejas como só o ouro da América e a religião da Espanha souberam construir. Testemunhos da união de índios e padres: uns entrando com seu trabalho e entregando suas riquezas, outros as aproveitando. E nem se falava em capitalismo naquela época.

Chegará o momento em que nos sentiremos transportados para outros tempos, quer pelo cansaço físico, quer pela absorção mental das construções a nossa volta.

Queremos caminhar longe do barulho das cidades e dos veículos.

A introspecção aos poucos tomará conta de nossas horas de caminhada, solitária ou não. Retornando ao passado, fatalmente iremos analisar nossos valores de hoje: a família, o trabalho, o estudo, os bens materiais, nossos compromissos com Deus, o efêmero de nossa cruzada pela terra, a insignificância de nossas vidas e haveres, por maiores que sejam.

Se for início da primavera, ao longo dos caminhos dos Pirineus, você cruzará com milhares de ovelhas, cabras e vacas subindo para os pastos de montanha agora livres da neve. Se for fim do outono verá o caminho inverso que seguem os animais, em extensas filas, comandados pelos cincerros que pendem do pescoço de alguns, batendo como a batida de um martelo em um balde de lata. Alguns cães correm ao lado ou à frente, e meia dúzia de pastores indo ou vindo das terras altas dão a cadência da marcha.

Um ciclo de vida em alguns meses se completa, tão diferentes dos ciclos a que os brasileiros estão acostumados.

É um Caminho repleto de calor e frio, chuva e sede, cansaço e tormentos, mosquitos e lesões. Que valem à pena.

O peregrino, aquele que anda a pé ou de bicicleta, normalmente estará sujo e cansado. Com pouco tempo para ver a gloriosa cidade ou deleitar-se com o cristalino córrego. Cidade é apenas o ponto de dormir. Córrego é água para beber.

Os vários livros existentes nos contam exatamente isso. Afora as conclusões filosóficas de seus autores.

Por isso, enquanto milhares de pessoas, de maio a outubro, todos os anos, se esfalfam pelos 800 quilômetros, outros ao se informarem através dos livros, das dificuldades que os autores encontraram, ficam com receio e resolvem desistir da aventura.

No entanto o Caminho não significa apenas sujeira, cansaço, entorses ou doenças. Como se andar a pé ou de bicicleta esgotassem a totalidade da proposta de Compostela.

Há soluções á mão: automóvel ou avião. Percorrer pequenos trajetos. Fazer o percurso em etapas, uma cada ano, tão ao gosto dos espanhóis, etc.

São tantos os panoramas e as curiosidades. Tantas as páginas de história que andam ao seu redor. Tamanha a força espiritual, que cada um de nós pode escolher a melhor forma, o melhor meio e a melhor época de se transformar em peregrino. Aliás, somos peregrinos perpétuos na terra, sempre em busca do inatingível.

Ele é delicioso. Magnífico. Cansativo mas seguro. Não há necessidade de muito dinheiro, de ser católico, de pagar promessa ou buscar “encontra-se a si”, que é a resposta usual quando se pergunta ao caminhante porque ele está lá.

Nós podemos ir também pela aventura, pela história, pela lenda, pelo inusitado, por gostar de caminhar, por querer experimentar como é passar pior do que em casa, para fazer um turismo diferente, para acompanhar a moda ou sugestionado pela propaganda eficaz.

Para afastar-se de familiares e amigos, para fazer reflexão, para buscar o “eu interior”, não é necessário cruzar fronteiras ou sair a caminhar feito louco, subindo e descendo montanhas. Os do Santo Daime que o digam.

Qualquer cidadezinha perto daquela em que moramos, oferece estas oportunidades por um custo muito menor.

Como já imagina o leitor, as etapas, ao longo dos dias, não diferem muito umas das outras. Para não sermos repetitivos vamos contar as generalidades uma vez só, poupando o leitor, acelerando sua leitura e permitindo que ele voe rumo ao “botafumeiro”, o incensório gigante da Catedral de Santiago, nossa meta final.

Assim, o levantar é cedo e o peregrino deve estar na estrada no máximo às 8 horas da manhã, para oportunizar que escolha qual o trecho que irá vencer durante o dia, optando, logo depois do meio-dia, por andar mais alguns quilômetros ou parar, conforme sua fadiga, do tempo, da estrada ou da localidade onde se encontrar.

O levantar cedo, quando estamos em um albergue como os do Caminho, não será problema, porque dezenas de despertadores humanos nos manterão em sobressalto, desde que o primeiro galo cante. Assim como nos mantiveram os roncos das camas vizinhas. Muito antes que algum relógio-despertador toque ou que o roncador tardio de o ar de sua graça. Aí é lavar-se, tomar café, ver se a capa de chuva está à mão ou não, se precisamos de mais abrigo, arrumar a mochila e botar o pé na estrada.

A idéia básica é andar em torno de vinte quilometres por dia, ou “tanto quanto agüente o corpo”. Isso significa caminhar uns dias mais, outros menos, tendo sempre o cuidado com o exagero que pode levar a um problema sério, assim definido como bolhas nos pés, torções ou tendinites. Afora um eventual acabar do dinheiro, todos os outros percalços estão na categoria de problema leve. Menos os relativos aos pés. Disso se fala cem vezes e se alerta mil.

Antes de iniciar cada etapa, é necessário consultar o mapa do Caminho, e informar-se com os outros peregrinos sobre o próximo trecho, e alguma coisa á mais que eles sabem ou descobriram. O mapa detalhado, com pequenas tabelas fáceis de manusear, pode ser adquirido em Roncesvalle, no início do Caminho Francês. Ou ainda em Santiago de Compostela se você for direto de avião para lá, e fizer o trajeto ao inverso. Possível em caso do uso de automóvel. Impossível pelos outros meios de transporte. Porque as placas, pedras, marcos, desenhos, conchas ou sinais indicativos, estão voltados apenas na direção de quem vai para... e não, de quem vem de...

É o mapa que vai nos indicar os lugares próximos, os cruzamentos difíceis, as encruzilhadas duvidosas, ou o tipo de pavimento em que vamos andar, que poderá ser terra, asfalto, brita ou pedregulhos soltos. E as soluções possíveis de hospedagem.

Todo o Caminho é muito bem sinalizado. Ou por simples flechas amarelas pintadas em grandes pedras, árvores, casas ou ruas, indicando a direção a tomar. Ou pelos marcos onde está inserida uma gravura de concha de nome “vieira” nas cores azul e amarela. A parte mais larga, representada por pequenos raios, forma o corpo da vieira, no original um marisco, antigo alimento dos peregrinos, hoje refeição obrigatória dos restaurantes, quando da chegada á Santiago.

A vieira se encontra também em ladrilhos azul e dourado, colados nas paredes, ou, em alguns casos especiais, dentro das cidades e próximos a lugares importantes, em peças de metal pregadas ao chão ou ainda gravadas em pedras.

A concha e o cajado são os grandes símbolos dos caminhantes. Enquanto a primeira é preferível ser comprada ao final como lembrança, por ser um peso a menos á carregar, o cajado ou bastão, de madeira ou aço, é um bom auxiliar, por servir de apoio e facilitar o andar nas subidas ou descidas. Muitos peregrinos, inclusive eu, por economia, fazem um cajado aproveitando a enorme quantidade de galhos que se encontram nas matas por onde se passa. Mas nas lojas e cidades encontram-se á venda lenhos maiores, de madeira mais resistente. Os europeus, principalmente dos países centrais, preferem levar seus bastões leves, de aço com um bico pontudo, com que estão acostumados a caminhar, em suas permanentes andanças.

Serve ainda de arma de defesa contra um eventual ataque de cães. Inusual é verdade, por que “mais latem do que mordem”. Quando se está com um bom porrete na mão, seu latido pode soar como música, não importa a quantidade de “perros”, mas se nossa arma de defesa for só um canivete, é melhor levar uma árvore junto, para ter onde subir em caso de ataque. Com a vantagem extra de caminhar sempre á sombra.

Para tranquilizar: a exceção da décima nona jornada, entre El Burgo Ranero e Mansilla de las Mulas, o peregrino sempre estará próximo, quando não andando ao lado, da principal estrada asfaltada da região ou de uma estrada secundária asfaltada importante. Em último caso, na hora de correr, corra para a estrada!

O traçado em todos os oitocentos quilômetros é muito bem sinalizado e absolutamente seguro, pois, lembrem-se, estamos falando de um caminho da Espanha e não do Brasil. Por várias razões, uma delas bem singela: como os que vivem no entorno, principalmente nos povoados pequenos, tem parte de sua subsistência tirada desta fonte de turismo, também ajudam na proteção dos peregrinos. Afora a polícia, sempre nas proximidades. Depois, quem vai assaltar pessoas que todos sabem, portam pouco dinheiro e estão lá apenas pela fé?

Nas regiões de mata, as flechas indicativas estão pintadas há uns três metros do chão, no tronco de grandes árvores ou em pedras impossíveis de serem retiradas ou deslocadas. E são permanentemente fiscalizadas. Portanto, nem pense em levar uma pedra destas de souvenir.

Na maioria das jornadas há trechos ou muito ruins ou intransponíveis para bicicletas. É, portanto muito bom, antes de iniciar o novo segmento, informar-se das suas condições. Na dúvida, ande pela via asfaltada para não ter dissabores.

Os que viajam de automóvel, tem facilidade em trocar de posição entre motorista e caminhante durante todas as jornadas, porque, quando não são paralelos, a cada poucos quilômetros, Caminho e rodovia se cruzam. Os residentes ao longo da rota são pessoas afáveis, simpáticas. Prestar informações faz parte de seu dia a dia. Um portuñol, falado devagar, vale mais do que qualquer inglês de Oxford ou francês da Sorbonne.

Capítulo 6 – De onde e como partimos e quanto andamos em cada jornada

Decididos, informados, viajados, aprestados, vamos dar nosso salto conjunto ao passado.

Para facilitar a leitura e possibilitar o uso deste guia de viagem, dividiremos os cerca de oitocentos quilômetros de Saint Jean á Santiago em jornadas, assim consideradas a quantidade de quilômetros que deveremos andar em um dia entre a primeira e a segunda localidade indicada ao início do capítulo.

Serão 31 jornadas.

Em teoria, vinte e cinco quilômetros por dia. Parece pouco. Parece. Mas é o indicado pelos “experts”.

Ao lado de cada localidade, do início e do fim da jornada, está sua altitude. É um dado importante para se ter noção do que significa o relevo, em termos de subir ou descer. Logo abaixo, a distância entre estes dois lugares. Logo após, o nome das localidades principais entre os dois pontos, e entre parêntesis qual a distância para nela chegar.

Ao final estará escrito alt.max. É a altitude máxima a que vamos chegar naquela jornada. Isso possibilita avaliar as dificuldades do terreno, relativas a uma eventual ascensão. E, cruzando com as duas outras altitudes (de saída e chegada), situar-se no relevo.

Assim, por exemplo, temos:

1a. Jornada

SAINT-JEAN-PIED-DU-PORT (160m) a RONCESVALLE (960m)

19,5 quilômetros

Valcarlos (8 km) – Ibañeta (10,5 km.) – Roncesvalle (1 km)

Alt. máx.- 1057m no Alto de Ibañeta

O que significa:

1a.Jornada – proposta de percurso do dia

SAINT-JEAN-PIED-DU-PORT (160m) a RONCESVALLE (960m) – Nome do lugar de início da jornada e altitude local, e nome do lugar do fim do percurso e altitude local

19,5 km - Distância entre o ponto de partida e o de chegada

Valcarlos (8 km) – Ibañeta (10,5 km) – Roncesvalle (1 km) - Saindo de Saint Jean em 8 km estaremos em Valcarlos. Saindo de Valcarlos em 10,5 km estaremos em Ibañeta e saindo de Ibañeta em 1 km chegaremos a Roncesvalle.

Alt.máx.-1057m no Alto da Ibañeta - Significa que iremos ascender de 160 m na saída, até 1057 m em Ibañeta para depois baixar a 960m em Roncesvalle.

No caso, trata-se de uma grande ascensão de praticamente 900 m em 18,5 km.

Dito isso, assim começamos nossa trajetória rumo ao pagamento dos nossos pecados!

1a. Jornada

SAINT-JEAN-PIED-DU-PORT (160m) a RONCESVALLE (960m)

19,5 km

Valcarlos(8km) – Ibañeta(10,5 km) – Roncesvalle (1 km)

Alt.máx.- 1.057 m no Alto da Ibañeta

O ônibus chegou á Saint Jean á tardinha trazendo uma estranha massa de turistas, cristãos convictos, para fazer a peregrinação: americanos brancos e negros, uns olhando os outros como se fossem inimigos; italianos e espanhóis, uns olhando os outros como se fossem inimigos; alemães e russos, uns olhando os outros como se fossem inimigos. E não cristãos: japoneses e chineses. Uns sorrindo para os outros. Que fazer, são bárbaros asiáticos.

Todos desceram do ônibus sem atropelar-se. Quem sabe já era o espírito do objetivo comum. Iniciar a mais lendária caminhada que a história registra: o caminho para o túmulo de São Tiago, o pescador da Galiléia que se tornou discípulo de Jesus Cristo, e, entre os Apóstolos, um dos mais chegados ao Mestre. Por sua fé foi decapitado no Oriente pelos romanos e trazido para a Espanha, esta terra de milagres permanentes.

Antes disso Jesus Cristo já caminhara sobre as águas, e Maomé cavalgara para os céus, mas, desde o século IX, nada se comparou a esta jornada.

O problema do hotel para o qual me dirigi, com vinte leitos e trinta hóspedes foi rapidamente solucionado pelo gentil hospedeiro: quem possuísse setenta euros tinha direito a quarto com cama, banho e café da manhã. A partir daí, em uma tabela decrescente, se dormia na sala, no corredor ou na rua; com direito ao uso do banheiro ou ao muro da esquina. Com café ou sem café. Democráticamente.

A própria sociedade de consumo nos ensina de quantas coisas podemos prescindir. Na hora não avaliei o quanto era gentil e bom o hospedeiro. Espírito mesquinho imaginava que o mesmo queria locupletar-se à custa dos hóspedes. Não é de hoje que os hoteleiros de bem, são tripudiados por turistas mal esclarecidos.

A respeito, um peregrino durante o trajeto para o alto dos Pirineus, contava uma história interessante:

Da parte antiga de Saint Jean, afora as ruelas que vão em direção a fortaleza e que tem um comercio dedicado aos turistas, sobrou parte da muralha. Entre esta e a cidade existe um grande espaço gramado. Quando escureceu, face aos preços cobrados na Cidade, e como todos seus haveres estavam em sua mochila, rumou para o parque e abrindo o saco de dormir encostou-o na muralha. Cansado como estava, logo adormeceu.

Lembrava perfeitamente. Pela excitação do momento, sonhou com São Tiago. Santo da cristandade. Discípulo dileto de Jesus Cristo. Na Palestina. No ano 44. Reinado de Herodes Agripa I, rei da Judéia. São Tiago levado por seus algozes para o suplício. O carrasco, medonho, nariz adunco, silencioso como um canalha.

Epa! Silencioso?

Deu um salto, acompanhado de um grito terrível, que acordou até os fantasmas dos que vigiavam aquelas torres na Idade Media. O nativo, faca na mão, procurava levar seus haveres, cortando as cordas da mochila que ele prendera ao pescoço. Coitado do ladrão... Nunca mais morrerá de susto. Fugiu mais rápido que um camelo solto pela Judéia, com um sino preso ao rabo. Bendito Santiago.

Quantos milagres diários que a história não registra.

A organização inicial da marcha é excelente. Pode-se dizer que, poucas vezes, se encontra maneira tão formidável de levar centenas de pessoas a partirem praticamente a um só tempo em uma só direção. Talvez no tiro da Maratona.

Ou quando um grande magazine promove sua última liquidação. Só que aqui, ao contrário, as pessoas assim que o sol começa a raiar, plenas de vigor e fé, algumas com rosários na mão, outras rindo felizes, algumas sozinhas, outras em grupo, começam a locomover-se para a saída na cidade, ponto de partida do Caminho, nos arredores de Saint Jean, onde a estrada D301 cruza com a D428.

A D428 sobe em direção as montanhas, a fronteira e a Espanha. E as três placas afixadas no poste, dão a primeira indicação dos símbolos que conduzirão os peregrinos ao longo dos próximos oitocentos quilômetros, até Santiago de Compostela: Um meio sol amarelo com raios horizontais sobre fundo azul, uma concha branca, e ainda a imagem de um peregrino estilizado. Em letras pretas aparece pela primeira vez a inscrição que vai nos acompanhar: Chemin de Saint Jacques. Ou, para os que preferem o idioma local, o nome mais fácil de guardar: Jondoni Jakobe Bidea.

Logo abaixo, outra placa informa que a orientação dos peregrinos, durante o trajeto, será com o símbolo do sol amarelo raiado em fundo azul. E, para tirar qualquer dúvida a placa completa na língua já conhecida: norabide mahaia (que o Google traduziu para “Direção da Tabela”). Imaginem: nem o Google.

A D428 é uma pequena e idílica estrada asfaltada, com uma suave rampa inicial, para não assustar antes da hora os que iniciam a caminhada. E fazê-los esquecer de que, a jornada pelo acidentado norte espanhol, vai até o ponto que os antigos chamavam de cabo Finisterra: cabo do Fim da Terra. A partir dali os monstros do Oceano Atlântico estavam prontos para engolir as equipagens dos navios. Pelo menos estamos seguros: o cadáver de São Tiago foi encontrado alguns quilômetros antes.

Umas poucas palavras sobre os caminhos que levam a Compostela. O Caminho pelo qual vamos andar é chamado de francês. É um dos sete percursos disponíveis para os peregrinos católicos, que desde o século IX, procuram chegar á Cidade.

Foi reconhecido pelo Conselho da Europa, como o primeiro itinerário cultural europeu. A política e a religião levaram um rei a matar o discípulo de Cristo, Tiago. E este vira itinerário cultural. Longo caminho para fazer esta salada de política + religião + guerra + cultura.

Mas, esta foi à maneira de facilitar a viagem aos muçulmanos, budistas, xintoístas e membros de outras religiões. Itinerário cultural nada tem a ver com religião. E aumenta o turismo regional. E os lucros. Mas o que vale mesmo são as conversões, mais fáceis que as tentadas pelo Padre Ramirez (lembram-se?), a cada entrada triunfal dos hereges, na grande Catedral medieval que os espera ao final da prova.

O próprio “Caminho Francês”, ou seja, aquele que, partindo dos vários países da Europa católica, passando pela França, entra na Espanha, tinha, conforme um mapa de 1648, várias bifurcações antes de chegar à Puente de la Reina. Desde uma entrada por Perpignan, no Mediterrâneo Ocidental, até Roncesvalle no alto dos Pirineus, mais próximo do Atlântico, e hoje o ponto de entrada mais conhecido.

Mas, havia ainda uma estrada que margeava o Atlântico francês até Irun, e daí seguia para Burgos. Como se vê, não seria por falta de caminhos que alguém deixaria de pagar suas promessas. E, muitas pequenas cidades francesas, como Le Puy, ainda hoje, mostram a riqueza religiosa que arrecadaram, por se encontrarem nas rotas de peregrinações.

Atualmente o trajeto mais usado e mais conhecido, pelos peregrinos europeus ou estrangeiros é este que usaremos como ponto de partida: Saint Jean-Pied-du-Port, ou como o nome diz: São João ao pé do Porto. Mas que porto? Após procurar o rio ou o mar que devem dar o nome do lugar, descobrimos que, no dizer local, as passagens possíveis pelos Pirineus entre França e Espanha, são chamadas de porto. Então se explica: estamos ao pé do porto, ou seja, subindo quase á prumo dezoito quilômetros, chegaremos ao alto da montanha. E, no alto da montanha, um porto!

De bicicleta, moto ou carro, o roteiro segue pela ótima pista pavimentada que une os dois países. Quem anda a pé deverá subir pelo caminho aberto pelo meio da floresta, ainda assim mais curto que a estrada. É uma boa caminhada para o primeiro dia, quando o peregrino ainda está acostumado aos treinos diários das redondezas de sua casa, normalmente caminhando por ótimas calçadas e boas estradas, e evitando aquela “subidinha malvada” da rua próxima.

Bem sinalizada, o que tranqüiliza o viajante quanto ao futuro a sua frente, segue subindo e baixando pela mata fechada, cruzando sangas, valetas, árvores derrubadas, escorregando na grama ou barro lisos, pouco tocados pelo sol, e vendo no horizonte montanhas altas encobrindo o céu.

Quando acha que transpôs a última colina, surpresa. Tem outra, depois de baixar a que subiu. Considerando que o último pico destas montanhas é a meta final, que parece sempre correr á frente, e que ninguém é atleta, é entusiasmante.

Como pior é dormir no mato, que fazer, seguir em frente. E sobe, sobe, sobe. De repente, sem saber por que, a estrada desce, desce, desce. Tal como o diabo pediu. Parece que o esforço de horas para subir, se perde em minutos.

Até que chegamos às proximidades de Roncesvalle, entrando pela estrada principal, já no alto da montanha, em um imenso descampado encimado por um monumento. E aí começam os lugares históricos de que o caminho é cheio. Lugares que merecem ser visitados. E histórias que valem a pena ser contadas.

ALTO DA IBAÑETA

No ano de 799 o rei dos francos - figura semi-lendária - Carlos Magno, já tinha mostrado sua inteligência e capacidade militar. Suas várias campanhas militares contra os vizinhos aumentaram seus domínios para muito além de seus limites originais, anexando terras e povos. Neste ano, foi sagrado Imperador do Sacro Império Romano do Ocidente, pelo próprio Papa.

E reinava residindo em Aachen, pequena e bonita cidade, hoje entre a Alemanha, Holanda e Bélgica. Não longe da França e de Luxemburgo. Territórios que dominava. Ainda é possível se visitar sua catedral e ver seu trono. Feito toscamente de madeira, apesar do poderio do império de Carlos Magno. Parece uma antítese proposital.

Pouco antes, em 711, tropas muçulmanas vindas do Norte de África, lideradas pelo general árabe Tárique, tinham cruzado o mar Mediterrâneo, na altura do estreito de Gibraltar, invadido a Península Ibérica e conquistado quase todo este território.

No ano de 788, Carlos Magno tinha 41 anos e mantinha aceso seu espírito de luta e desejo de conquistar novos domínios. Isso o tornaria o futuro Imperador papal. Nesta época, em que os árabes dominavam quase toda a Península, aproveitando a desavença que havia entre os vários príncipes árabes, invadiu a Espanha, pelos Pirineus. Sob o manto de uma guerra para expulsar os infiéis, pretendia alargar seus domínios.

Conseguiu tomar Pamplona, cidadela importante do norte ibérico, mas lhe faltou recursos para continuar a campanha militar na direção de Saragoça, pois houve um levante em seus domínios e ele teve de retroceder para defender seu império. Quando retornava para a França, sua retaguarda, comandada pelo sobrinho Rolando, conde da Bretanha, caiu em uma emboscada nas proximidades de Roncesvalle. Os vasconços, povo local, aliados aos árabes, massacraram os franceses, dando morte á todos.

Segundo muitos historiadores, no local onde hoje está erguido o enorme monumento do Alto da Ibañeta. Outros pretendem mais abaixo, em local pelo qual logo passaremos.

O fato histórico secundário deu origem à primeira canção de gesta, assim chamados os poemas históricos medievais europeus, que exprimem os ideais e sentimentos de uma coletividade, considerando suas façanhas guerreiras. Durante séculos foram a principal literatura popular europeia, e ainda hoje são lidos. A liberdade dos versos dos poemas permitia aumentar e modificar a verdade, para caracterizar os personagens.

Primeira e mais bela canção de gesta francesa, foi escrita no século XI, com o nome de “La Chanson de Roland” , A Canção de Rolando . Conta a luta e a morte de Rolando, dos Doze Pares de França e dos soldados franceses na emboscada fatal. E a vingança seguinte do Imperador.

As livrarias "on line" possuem traduções para venda. Se esgotadas em português, a versão espanhola do Grupo Anaya S/A-Madrid, reedição da antiga “Colección Araluce”, normalmente está disponível.

Mil anos depois, nos tempos de outro imperador francês, Napoleão I, que depois se soube, o Único, os franceses se vingaram, derrotando o exército espanhol no mesmo local. Uma das vinganças mais demoradas da história.

RONCESVALLE

Chega-se a Real Colegiata – misto de igreja, albergue e claustro, construída no séc.XIII - por um estreito caminho no meio do mato, pelos fundos do imenso edifício, e pela sua lateral.

Á frente desta, em uma ladeira, estende-se o pequeno povoado. O albergue seguirá o mesmo padrão de outros do Caminho: grandes dormitórios com beliches encostados uns aos outros e uma bateria de banheiros. A diferença estará no tamanho e na limpeza. É o ponto de partida de centenas de peregrinos, que chegam aqui desde a capital espanhola, para iniciar a peregrinação sem o enorme esforço da passagem dos Pirineus.

Chegando á um destes abrigos o melhor é logo gritar da porta: “Quem é brasileiro?”, facilitando assim o encontro com os conterrâneos. Quando ninguém se acusar seguramente um estranho, em espanhol falará: “Salieran hace poco!”, ou então: “Está em el baño!”, ou ainda, “Em aquellos beliches estan los brasileños!”. Mas, com o Paulo Coelho já dizia, e se não disse, deveria ter dito, brasileiros pelo Caminho é como inço na lavoura: sempre tem algum.

Franceses, alemães, belgas, suíços, ingleses, suecos, etc. são muito mal educados. Não responderão a sua pergunta no albergue. Ou não entendem português.

No barzinho fronteiro a igreja, cansado, tomava uma mineral, seriam 16 horas, quando três ciclistas alemães, o mais moço com mais de sessenta anos, encostaram as bicicletas na calçada. Sentaram-se à mesa próxima a minha e pediram cervejas. E ali ficaram bebendo, e falando em seu idioma. Pensei que já tinham deixado a bagagem no refúgio e imaginei os três idosos, após subir a fronteira pedalando, como deveriam estar cansados. Ainda teriam de cuidar da hospedagem, tomar banho, jantar, etc. E isto durante os próximos trinta dias. Com aquelas idades seria uma aventura e tanto.

Terminada as cervejas, os ciclistas levaram seus veículos até uma grande Mercedes Benz cinza que estava estacionada próxima. Desmontaram-nas auxiliados pelo motorista, que até então eu não tinha visto. A seguir embarcaram e o carro perdeu-se na estrada que leva a Pamplona e aos bons hotéis. Ninguém é de ferro, não é mesmo?

Desta história criou-se o dito popular: as aparências enganam. Mas não precisava ser com uma Mercedes, não é?

Como disse, os peregrinos americanos do norte, preferem iniciar a caminhada por aqui. Vindos de ônibus de Madri. Economizam 19 quilômetros e uma subida de mil metros desde a França. O que é bastante, considerando o preparo físico que eles tem, a base de Mcdonalds.

2 a. jornada

RONCESVALLE (960m) á LARRASOAÑA (555m)

26,9 quilômetros

Burguete (3 km)- Espinal (3,5 km) – Viscarret (4,7 km) – Pto. De Erro (6,8 km) – Larrasoaña (8,9 km)

Alt. max. - 935m no Alto de Mezquiriz

A pretensão do andante é fazer em torno de vinte e cinco a trinta quilômetros por dia, para manter uma média durante os próximos trinta dias, que o faça chegar a Santiago, em tempo para a missa. Qualquer missa!

Descendo a falda sul dos Pirineus, entramos em uma região acidentada, que é percorrida por estradinhas de montanha, em meio à floresta ou a campos, passando um grande número de vilas e povoados, subindo e descendo ladeiras em busca de novos vales, uns mais profundos do que os outros.

Andados três quilômetros, nos encontramos em Burguete, povoado onde, de acordo com outra versão, meio lenda, meio história, se feriu a batalha entre os vinte mil soldados franceses comandados por Rolando, contra os cinquenta mil comandados pelo chefe dos árabes, Marsílio, e que terminou com a destruição e morte de todos os invasores.

A região é rica em lembranças de Carlos Magno ou Carlomagno, Rolando e os Doze Pares de França, pois este foi o caminho seguindo pelo rei francês em seu retorno da campanha espanhola, e que terminou em tragédia para suas armas.

Seguindo adiante, próximo a Zubiri, atravessando o rio Arga, se encontra a Ponte da Raiva, antiga ponte que leva este nome porque, sob seu pilar central, está enterrada Santa Quitéria. Os camponeses locais, fazem o gado dar três voltas sobre o pilar e, desta forma, livram-nos de serem atacados da raiva bovina.

Consta que um laboratório multinacional de produtos veterinários, está escavando o local, com objetivo de retirar os restos da santa e usá-los em escala industrial.

Afora este lado comercial do caminho, há que atentar a este segundo dia de fadigas. Se, agirmos conforme manda o figurino brasileiro e americano, melhor será partirmos de Roncesvalle. Afinal o carimbo na Credencial sai igual e nos livramos de parte da serra pirinaica.

A primeira noite é preparatória do que serão os próximos dias.

Por mais que tenhamos treinado o caminhar, muito distinta é a prática. A diferença de pisos, o sobe-desce, o esforço despendido, o meio-ambiente estranho, a alimentação, a mudança de hábitos, a mochila, o tensão natural, tudo leva todo o corpo a reclamar.

Um bom banho quente e depois, qualquer jantar e cama servem.

Mesmo que seja em um quarto grande com camas empilhadas até o teto e roncos em várias escalas musicais e línguas. E ainda um celular não desligado que nos faz todos gritar, reclamar, esbravejar e rosnar contra o f. da p. e, ao final, a tragédia: é o nosso celular!

O viajante irá descobrir, ao longo do caminho, como identificar seus camaradas de quarto pelo ronco que fazem. O rrrromm... rrrromm grosseiro, claro, é do alemão. O mavioso sssss é do italiano. O suíço ronca aos poucos: ffs... ffs...ffs. Com a precisão exata de segundos. Daí talvez sua paixão pelos relógios.

Os brasileiros roncam pouco, para não incomodar os outros. Mas, a gritaria que fazem até dormir...

Finalmente, após as canseiras da primeira etapa, uma cama para dormir e relaxar.

É o que interessa.

Assim que sua mente assimila o repouso, merecido, que você está começando a dar á seu corpo, seu cérebro, lá no fundo, ouve um barulhinho. Será água? Sim é água.

Está chovendo! Vou poder dormir mais amanhã! Não, não. Não é barulho de chuva.

Mas então? Sim; é isso: um chuveiro. Mas á estas horas?

E agora um barulho de descarga. Logo algo caindo ao chão. Depois alguém se vestindo. Ainda gente falando em voz baixa? Meu Deus! Não é possível! Já é a hora de levantar!

Faça de conta que você já sabia e levante também. Como se fosse a coisa mais natural deste mundo.

Esqueça o joelho que reclama, as pernas doidas, o dedão incomodando, a mão direita formando bolhas, o braço esquerdo cortado de espinhos e todas as articulações tremendo. E aquele tic-tac, em um crescendo, na sua cabeça.

Olhe embaixo do beliche. Feche a mochila. Aproveite para olhá-la como amigo enquanto ela não começar a ficar pesada, esta desgraçada.

Café com leite e uns biscoitões com manteiga.

Encha o cantil de água que logo ficará quente, e pé na estrada.

Para que vida melhor? Você pode achar impossível, mas na primeira e segunda noite é assim mesmo que acontece.

Depois?

Depois tudo ficará pior!

Todos os meses têm vantagens e desvantagens, um mês é quente, outro frio, mas a brisa matutina é agradável e o ar das montanhas, desde sempre, que faz bem aos pulmões.

Portanto, respirar fundo e aproveitar a manhã.

Zubiri quer dizer em basco “povo da ponte”. Um viajante do séc.XV chamou a povoação de Ponte do Paraíso. Pudera, com o poder curativo contra a raiva bovina de um de seus pilares, nada mais apropriado. Se o peregrino der também três voltas em torno do pilar, não ficará com raiva de si, durante todo o restante do percurso, por ter se metido nesta empreitada.

Cruzando o povoado, saímos em direção a Larrasoaña, a qual alcançaremos depois de cruzar novamente o rio Arga, por uma ponte em estilo gótico do século XIV, chamada de “Ponte dos Bandidos”. Este era o local onde antigamente, um grupo de malfeitores da região, se reunia para saquear os peregrinos.

Assim, os peregrinos cruzavam a Ponte do Paraíso para cair na Ponte dos Bandidos. Nem Dante [Alighieri](#), que viveu no século XIII, pôde imaginar que no futuro próximo, haveria uma descida mais rápida dos céus aos infernos, que a descrita em sua obra. Daí porque se deduz, que o italiano nunca fez o Caminho de Santiago, o que seria deveras importante para sua biografia, e para seu aprendizado literário.

3a. Jornada

LARRASOÑA (555m) á PAMPLONA (CIZUR) (449m)

19,5 quilômetros

Zuriáin (3,7 km) – La Trinidad (5,4 km) – Pamplona (6,2 km) – Cizur (4,2 km)

Alt.max. - 510m. em Zuriáin e Iroz

Desde Zubiri estamos no Vale do rio Arga. Lembrem: o vale que tem ponte para o céu e ponte para o inferno. Ponte para santa e, logo adiante, ponte para bandido. Um mundo em poucos quilômetros.

Agora, e até a vila de Arleta, estaremos caminhando em seu vale, com seus caminhos estreitos e o rio correndo no fundo do despenhadeiro.

O Rio Arga é que banha também Pamplona. Cidade amuralhada, soma de três cidades mais antigas. Famosa, por Los Sanfermines. Festas que fazem a festa dos noticiários de televisão. Durante as quais, diariamente, seis touros são soltos para dispararem pelas ruas estreitas da cidade velha. Buscando derrubar aqueles homens de branco com uma faixa vermelha á cintura, que correm na sua frente. Milhares de turistas assistem ao espetáculo, acotovelados atrás das pranchas de madeira que marcam o caminho a ser seguido. Torcem pelo touro, esperando que ele acerte o alvo, isto é, a bunda dos corredores, jogando-os para o ar ou ao menos pisoteando-os.

Há que compensar as despesas de viagem.

Claro, existem também muralhas antiqüíssimas, uma bela Catedral e museus. Mas isso, qual cidade espanhola não tem?

Se você passar por aqui no mês de julho, vá a Los Sanfermines e seus “encierros” de touros. Apenas, dois avisos, mas importantes: não se esqueça de carimbar o passaporte. E não se deixar carimbar pelo touro.

MONASTÉRIO DE SAN JUAN DE LA PEÑA

Estando em Pamplona, deve se conhecer um dos mais extraordinários exemplos da fé cristã, na Europa da Idade das Trevas. Período que se seguiu a queda do Império Romano do Ocidente , quando a Europa, invadida pelos bárbaros, multiplicou-se em centenas de áreas independentes, pequenos reinos, principados, ducados, baronatos, etc., dominados por nobres mais ou menos poderosos.

Na Espanha, os visigodos tomaram o poder aos romanos, e foram por sua vez subjugados pelos árabes e berberes, melhores organizados, no ano de 711.

O Real Monasterio de San Juan de La Peña é parte destes antanhos. Ponto de parada dos primeiros peregrinos, levados por sua religiosidade até este local. Os de hoje preferem caminhos mais curtos e menos ásperos. Mas, a ida e volta em ônibus é passeio para um dia. De automóvel meio dia saindo na direção de Jaca, por boa estrada pavimentada. Muitos reis, do antigo Reino de Aragão, lá estão enterrados.

Conta a história que, para escapar do domínio dos árabes, alguns monges embrenharam-se pelas montanhas dos Pirineus e, perto de Jaca e próximo a França, no século X, escavaram na rocha, a centenas de metros de altura, um mosteiro para guardar o Cálice Sagrado, o Santo Gral, o próprio cálice usado por Jesus Cristo na Última Ceia. Relíquia cristã extraordinária que deveria ficar ao abrigo dos infiéis.

Isso lembra a história contada por Eça de Queiroz em A Relíquia, em que o herói, mandado pela tia, rica e beata, para visitar os lugares santos, consegue comprar a coroa que colocaram na cabeça de Cristo quando da crucificação. Esta coroa seria seu caminho para tornar-se herdeiro da velha tia. Infelizmente, durante a viagem de volta, trocou os pacotes que levava e quando a tia abriu, na presença de ilustres convidados, o santo presente, dentro do pacote estava a camisola de uma mulher, com quem o herói passara suas noites de penitente no Oriente.

No caso do Cálice, este era autêntico, mas, infelizmente, como tantas relíquias autênticas trazidas da Terra Santa, perderam-se através da história, provavelmente durante um ataque de infiéis, fossem os árabes no século XI, ou os franceses de Napoleão. Como sabemos, Napoleão e seus soldados não eram muito chegados a fé católica de seus ancestrais.

Mesmo perdido o Cálice, vale a pena visitar o local, para avaliar que o grau de crença, existente entre aquelas populações pobres e seus dirigentes religiosos, capazes de com suor e trabalho construir templos maravilhosos, não difere em nada das de hoje.

SOS DEL REY CATÓLICO

Voltando de San Juan, se estamos de automóvel, vale à pena tomar o restante do dia para, após passar a Puente de La Reina de Jaca, e na entrada mesmo da imensa represa formada pelo rio Aragon, tomar a esquerda por uma pequena estrada pavimentada, para conhecer Sos del Rey Católico.

Passando e parando para conhecer Ruesta, uma estranha e pequena povoação abandonada, á esquerda do caminho, seguimos pelo asfalto entre montanhas até divisar no alto de um platô, a pequena cidade de Sos, terra natal do rei Fernando o Católico, marido de Isabel os quais, pelo casamento, unificaram a Espanha. E que, sem perder tempo, deram dinheiro para Colombo descobrir a América. Daí o nome da cidade: Sos Del Rey Católico.

Ao palácio onde nasceu, a bolsa de mercadorias, a prefeitura e a igreja, encravadas no recinto amuralhado da cidade, juntam-se as casas de seus antigos habitantes. Todas elas montadas umas sobre as outras, em pequenas ruelas ou becos, com uma escadaria que desce por entre um recinto fechado centenas de degraus, até o pé da muralha. Tudo mostrando perfeitamente, como era a vida das cidades fortificadas espanholas, construídas sobre montanhas e rochas e protegidas do perigo sempre eminente. Fosse cristão ou muçulmano.

Volta-se para a rodovia principal e Pamplona pelo outro lado da barragem, via Sangüesa, que, igual á Pamplona, é famosa por suas corridas de touro em setembro. Daí passamos por Javier, para conhecer o Castillo de Javier, local de nascimento de São Francisco Xavier, um dos pró-homens da fundação da Ordem dos Jesuítas, criada em Paris no século XVI. Tornou-se o grande missionário católico no Oriente, e homem que deixou sua marca na Igreja Católica.

Ao final da tarde estaremos novamente em Pamplona, para seguir nosso Caminho.

4a. Jornada

PAMPLONA (CIZUR) (449m) á PUENTE DE LA REINA (347m)

19 quilômetros

Zariquiegui (6,1 km.) – Uterga (5,8 km) – Obanos (4,3 km) – Puente de la Reina (2,8 km)

Alt.max.- 780m. – no alto da Sierra del Perdón

Saindo de Pamplona e rodeando as muralhas da Cidadela, atravessasse os pátios da Universidade, em direção ao rio Sadar e, logo após, aos povoados gêmeos de Cizur. Cizur Menor é o que interessa.

É uma parada para a história. Está aqui um antigo monastério, uma casa de religiosos dos Cavaleiros de São João de Jerusalém. Este São João, quando ainda João, no século XI, durante as Cruzadas, construiu um hospital em Jerusalém e depois ajudou a criar a Ordem dos Cavaleiros Hospitalários. Logo transformada na Ordem dos Cavaleiros de Jerusalém e depois Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, em sua homenagem.

Pois este São João de Jerusalém é ainda o patrono da maçonaria. Ser patrono de um movimento da envergadura do que congrega os maçons, sem dúvida, é um título honorífico importante.

Quanto a Ordem, junto com a dos Cavaleiros Teutônicos e a mais famosa, Ordem dos Cavaleiros do Templo, ou Templários, foi a principal responsável pela defesa da Terra Santa durante o período das Cruzadas. Ao seu tempo, todas eram riquíssimas com doações de soberanos e nobres europeus. Mantinham exércitos e hospitais, protegendo terras e peregrinos. A dos Hospitalários chama-se atualmente Ordem de Malta. É ela que mantém aberto este mosteiro nos meses de julho a setembro.

É bom lembrar: no Caminho, cada igreja, cada mosteiro, cada ponte ou construção antiga tem uma história. Ligada a cristandade como um todo, fazendo parte dos antigos tempos da religião cristã.

Deixando as gêmeas Cizur, já estamos de novo na parte rural do nosso roteiro. Ao seu largo, nossos olhos podem contemplar mais algumas das sempre presentes pequenas igrejas góticas e seus pequenos pueblos. Tão antigos como o próprio Caminho. É fácil notar antigos prédios em ruínas, casas fechadas e pouca gente pelas vielas. As populações diminuíram e hoje todos os habitantes de quase cada um destes povoados a beira da estrada, cabe dentro da sua igreja.

Talvez assim fosse também antigamente, quando nas pequenas vilas sem muralhas, o prédio da igreja era protegido pelas leis e considerado inviolável. Os aldeões poderiam nela procurar abrigo seguro em caso de ataque dos vilões – bandidos ou inimigos- deixando para trás, para o saque, seus bens materiais, mas salvando o corpo. E garantindo um melhor uso para sua alma no futuro.

Voltando mais ainda no tempo, e mais ao sul, os mouros não concordavam muito com esta legislação cristão-européia não escrita, e alegando desconhecer a língua, invadiam as igrejas e passavam muitos cristãos, quando inimigos, no fio da espada.

E o céu retumbava, com trovões e raios, cortando os ares em todas as direções, enquanto Jesus Cristo e Deus discutiam com Maomé e Alá, sobre estas invasões de domicílio, os representantes dos últimos invadindo as casas dos servos dos primeiros. Foi nesta época que se criaram os termos “servos de Deus” para designar os cristãos, e “casa de Cristo” para designar as igrejas.

Navarra era uma província de terreno acidentado. As vilas da região, estando situadas em cima dos morros, esta localização servia para ver de longe os inimigos, e facilitar a fuga antes de um ataque.

Saindo de Cizur e antes de iniciar o acesso a subida da Serra do Perdão, se passa por uma vasta planície na qual, segundo a história, se travou a batalha final entre os mouros chefiados por Aigolando e Carlomagno, quando da primeira invasão francesa. Lembrem, a segunda, que também não deu certo, foi a de Napoleão.

Esta vitória que culminou com a morte do chefe mouro, abriu a cidade de Pamplona para o soberano francês e germânico. Foi o ponto mais ao sul que seu exército conseguiu chegar. Daí teve de retornar à França porque seu reino estava à perigo.

Logo depois se passa pelo povoado abandonado de Guenduláin onde, pelo palácio em ruínas dos antigos condes, se pode verificar a opulência dos ex-proprietários e a importância do local como ponto de apoio aos peregrinos.

Antes de chegar ao alto do Monte do Perdão devemos encher nosso cantil com a água fresca da fonte de Reniega.

Ela é assim chamada porque aconteceu, a muito tempo, de um peregrino sedento e extenuado pela caminhada, encontrando-se as portas do desfalecimento, que significaria sua morte, vagava pela serra em busca de água, quando foi encontrado pelo diabo. Este, sabendo das necessidades do infeliz, propôs-lhe mostrar onde estava a fonte de água que buscava, em troca de renegar sua fé e abandonar o Caminho, voltando para casa.

Não obstante sua situação, o peregrino, por certo lembrando que algo semelhante já acontecera com Jesus Cristo e Maomé, em suas tentações de montanhas e desertos, manteve-se firme em sua crença e no desejo de chegar a Compostela. Súbito, o próprio São Tiago, em vestes de peregrino, surgiu no local fazendo o diabo desaparecer, em uma nuvem de enxofre e fumaça.

O apóstolo então levou o peregrino até a fonte que estava escondida pela mata e, usando sua vieira, deu-lhe de beber e aplacou-lhe a sede.

A história não conta, se o infeliz peregrino pegou carona com São Tiago, que já conhecia o caminho até Compostela ou não.

O local da fonte passou a chamar-se Ponte do Reniega e o peregrino, por conhecer a vida de Cristo e Maomé, escapou de ter de fazer um pacto com o diabo, o que sabemos, conforme farta literatura a respeito, sempre traz prejuízos aos humanos.

Do alto da Serra tem-se uma vista magnífica do vale deixado para trás.

Descendo a serra, alguns quilômetros adiante, passamos por Obanos cidade na qual, em 1327, reuniram-se as diversas camadas sociais do Reino de Navarra, para protestar contra a prepotência do monarca e da nobreza estrangeira dos francos, quando lançaram a frase: “Para uma pátria livre, seja você também livre.”

Certamente, entre os peregrinos, passou pelo local naquela época algum ascendente do Che Guevara, que aproveitou o descanso, para levantar o povo contra seu rei.

Também deste estranho local é a lenda de Guilherme de Aquitânia, que depois de matar a irmã que queria ser eremita, arrependeu-se, peregrinou a Compostela e na volta ficou em Obanos até morrer.

Esta vida exemplar, fez com que fosse canonizado com o nome de Santo Guilherme. Como não ficaria bem que a pobre da irmã fosse esquecida, ela, a vítima indefesa de um santo, aproveitou-se a ocasião para transformá-la em santa. Santa Felícia.

Logo após, encontram-se os dois caminhos, aquele pelo qual viemos, o de Roncesvalle e o de Sarnport, outra entrada desde a França, para juntos alcançarem em seguida a Ponte da Rainha, um dos marcos do Caminho e que muitos peregrinos idealizam como ponto final, de uma primeira e importante etapa.

Aquela que mede nossas forças físicas e espirituais para seguir em frente.

Puente de la Reina é uma pequena cidade que conta com um abrigo para peregrinos, hotéis, pensões e restaurante.

Cresceu, porque fica á meio caminho entre Pamplona e Estela, cidades que permitem ao peregrino maior conforto ao fim de um dia de marcha.

A ponte velha, sobre o rio Arga, que voltamos a encontrar, chamada de Puente de la Reina, acha-se no fim da cidade, ou da Calle Mayor, na própria rota dos viajantes e as ruas da cidade acompanham este trajeto original. Foi construída no século XII, para permitir a passagem mais cômoda dos peregrinos, já que o rio é largo e rápido no local.

A Puente de los Peregrinos, como consta da placa de sua entrada em forma de porta medieval, é estreita, permitindo apenas a passagem de pessoas, bicicletas ou cavalos. É uma ponte comprida, com seis pilares, e com um belo aspecto visual. As pedras de seu piso e as laterais nos transportam para outros tempos. Com razão transformou-se em um das mais conhecidas referências do Caminho.

-

5 a. Jornada

PUENTE DE LA REINA (347m) á ESTELLA (465m)

19 quilômetros

Mañeru (4,5 km) – Cirauqui (2,7 km) – Lorca (5,3 km) – Villatuerta (4,3 km) – Estella (2,2 km)

Alt.max.- 500m – no alto á 1,6 km. de Lorca

Saindo da Cidade cruzamos a ponte em arco, e na outra margem já entramos direto na vida rural, as terras lavradas encostando-se às margens do rio.

Passando esta velha ponte deixamos a estrada asfaltada e a ponte nova a uns trezentos metros á esquerda, no plano. Subimos uma coxilha comprida e cansativa, por um caminho estreito de terra, entre lavouras e, surpresa... dobramos á esquerda, baixamos o que subimos e vamos atravessar o asfalto. Juro. Quando pensei no que me sucedeu em Portugal, bem, pensei: estou fazendo o Caminho Português.

Após andar uns sete quilômetros, chega-se a Cirauqui vila construída sobre uma colina. Significa em basco “ninho de víboras”. Consta que a tradução para o português é Brasília. Felizmente nenhuma estava “operando” ou circulando ao sol.

Passando este aglomerado medieval, se desce novamente através de uma calçada antiga, feita com enormes lajes, entre as quais pedras menores, demarcam bem o caminho, em direção a uma ponte construída há muitos séculos. Ambas são obras creditadas aos romanos.

Os romanos foram os primeiros a verificar: um grande império somente poderia ser mantido através de rápidas comunicações. As estradas através de seus extensos domínios, vestígios de muitas delas ainda encontradas em vários países da Europa, demonstram que não só construíam, como construíam para sempre.

Certamente não são os padroeiros dos empreiteiros das estradas de rodagem brasileiras. Acostumados a fazer estradas de vida curta. E preços longos.

Adiante encontramos as ruínas de Urbe que em latim significa cidade. O nome não deu certo para este local próximo do rio Salado, cuja água dizem ser venenosa. Na dúvida, melhor é acreditar e seguir adiante, buscando fontes mais amenas para matar a sede.

Após passamos Lorca, que nada tem a ver com o poeta fuzilado pelos franquistas na Guerra Civil Espanhola. Segue-se Villatuerta e depois Estella.

A história desta cidade que se esparrama pelas duas margens escarpadas do vale do rio Ega, e que é uma das mais importantes do Caminho, data de 1090. Quando os francos estabelecidos na região, formaram o povoado de San Martin, ao pé da hoje igreja de San Pedro da la Rúa. No próprio Caminho de Compostela e onde se encontra também o Palácio de los Reyes de Navarra.

O Reino da Navarra, como se entende historicamente, era formado pelas terras ao sul e norte dos Pirineus. Ao sul habitavam povos aparentados com os bascos e ao norte os gascões. O território esteve unido até 1512, quando a parte francesa separou-se da espanhola. É fácil então compreender porque o ETA-(Pátria Basca e Liberdade), grupo terrorista espanhol, tem bases e apoio no lado francês.

Chegados a Estella, duas pontes permitem atravessar o rio e seguir o Caminho. A mais pitoresca é a Puente de los Peregrinos.

No próprio caminho, logo após cruzar o rio, acha-se o albergue, pequena casa á esquerda da rua estreita. Lá, com uma brasileira do Rio de Janeiro, aprendi a melhor definição do por que? da peregrinação:

- Tu estás sozinha?

- Não; eu comecei sozinha, mas agora já somos um grupo só de brasileiros.

- Porque tu estás fazendo o Caminho?

- Por causa do espírito!

- Que espírito?

Aí a moça olhou-me melhor, e vendo na sua frente a imagem de um ignorante , concluiu, dando-me as costas:

- Ora bolas. O espírito de Santiago, claro!

Claro como água...

—

6a. Jornada

ESTELLA (465m) á LOS ARCOS (444m)

20,4 quilômetros

Azqueta (6,4 km) – Villamayor (1,8 km) – Los Arcos (12,2 km)

Alt.max.- 645m em Villamayor de Monjardin

Sáimos da parte antiga de Estella por uma porta da antiga muralha, hoje inexistente, e no passo seguinte, a modernidade dos prédios e casas, toma conta do panorama e assim segue até o fim da cidade. Isto será normal durante o Caminho. Nas cidades maiores, enquanto o centro histórico é protegido dos ataques imobiliários, tão logo saímos dele, as casas e edifícios, de forma assimétrica, infectam os olhos. Nas vilas e povoados uma população em declínio impede a mistura do velho com o novo.

Mas, que fazer. Mesmo assim, os europeus ocidentais e sua cultura, estão anos-luz na nossa frente na preservação do seu passado e do meio ambiente.

Logo á saída de Estella uma boa surpresa.

Bodegas Irache, grande produtora de vinhos da região, mandou construir uma fonte com uma estátua de São Tiago. E, de duas conchas, jorram dois líquidos: água e vinho para matarem a sede do peregrino.

Legítimo vinho de Navarra, terra conhecidas por seus bons vinhos, e água cristalina para beber quanto quiser.

Ambos de graça.

Se você ainda não saciou sua sede, e quer levar mais vinho, basta comprar no armazém das Bodegas.

A água pode ser levada de graça.

Começado assim o dia, seguramente, poucos percalços teremos.

De qualquer maneira, como a próxima fonte garantida é a Fuente de los Moros, a oito quilômetros adiante, na Villamayor de Monjardín, o melhor é termos água para garantir a sede que logo virá, quando o vinho de Irache produzir seus efeitos em nosso corpo.

A Fuente de los Moros é uma fonte de origem medieval restaurada há pouco. Na realidade, é quase uma piscina subterrânea que merece ser visitada. Fica próxima ao Castillo de Deyo, poderosa ruína de uma fortaleza que abrigou sarracenos, eliminados pelos navarros, que por sua vez foram derrotados por Carlomagno, que assim conquistou todo o Reino e deixou para trás um governo franco.

Mais de mil anos de história e um retrato: a cena da luta entre o herói Rolando e o gigante Ferragut, que podem ser vistos em pleno combate no capitel da igreja do povoado.

Pela frente mais doze quilômetros, deixando Urbiola á esquerda, enchamos depois nosso cantil no Charco Negro, na fuente Del Pozo Burin. Nenhum momento notável, afora o subir e descer por campos de cereais e vinhas que acompanham nosso caminho, paralelo a Rodovia número 111, até Los Arcos. O trajeto será cansativo pelo nada a ver, afora as propriedades rurais e seus cães espalhafatosos.

Los Arcos é uma vila medieval construída sobre outra vila romana em uma encruzilhada de antigas estradas.

Próximo á fronteira oeste do Reino de Navarra, ficava a praça de cobrança de pedágio e local de câmbio de moedas, aproveitando sua localização em pleno Caminho.

Um monge alemão, passando por ela no fim do séc.XV, chamou-a de Cidade dos Judeus. Por que seria?

7a. Jornada

LOS ARCOS (444m) á VIANA (472m)

18,5 quilômetros

Sansol (7 km) – N.Sra. Poyo (3,5 km) – Viana (8 km)

Alt.max.- 575m na passagem da estrada para Borgota

Saindo de Los Arcos pela Plaza Mayor, cruza-se o rio Odrón e chega-se ao cemitério, onde uma placa na entrada da casa dos mortos informa ao peregrino: “Yo que fui lo que tú eres, tu serás lo que yo soy”, ou, “Eu fui o que tu és, tu serás o que eu sou”.

Depois de tão entusiasmantes votos, toca ao peregrino para chegar á Viana, cruzar os rios Linares e Cornava, sabendo que todos os três, (com o Odrón), nas palavras de um peregrino do séc.XII, o padre Aymeric Picaud, “são rios pestíferos, mortíferos para pessoas e animais”.

São possíveis melhores votos de boa viagem?

Felizmente, logo após o cemitério, nos encontramos com a capela de San Blas, piedoso bispo que entre outras coisas, curava a peste nos tempos primevos do cristianismo.

Há, portanto, que fazer uma parada para orar e depois seguir em frente com coragem, paralelo a rodovia 111, ora por um lado, ora pelo outro da estrada.

Em Sansol, cruzamos a estrada e entramos no povoado, saindo na direção de Torres Del Rio, onde nos espera uma fonte de água que poucos têm coragem de tomar: justamente ao lado do rio Linares, o mortífero.

Melhor é comprar uma água mineral na vila, onde encontramos uma das principais igrejas do Caminho: a igreja românica do Santo Sepulcro com sua forma octogonal e uma torre cilíndrica encimada por uma pequena cúpula com amplas janelas. O conjunto parece um farol.

E era.

Antigamente, ao cair da noite, os moradores acendiam um fogo no alto, para guiar os peregrinos com segurança até a vila.

A igreja não tem data de construção, mas provavelmente foi construída pela Ordem dos Templários. Vimos: os templários formaram a vanguarda das incursões cristãs contra os lugares santos em mãos dos árabes no Oriente.

Com o passar dos anos transferiu-se para a Europa e foi aumentando suas riquezas e influência, notadamente na França e Espanha onde foi rica e ativa no norte. No século XIII, Felipe, o Belo, rei da França, necessitando de fundos para seu tesouro, resolveu pilhar o dinheiro, terras e castelos do ramo francês dos templários e tramou com o papa Clemente V a dissolução da Ordem. O último Grão Mestre foi preso, seviciado em nome da Inquisição e enforcado em uma das ilhas do rio Sena, em Paris.

O Belo Filipe ficou com todas as riquezas dos templários e, por penitência de algum eventual excesso, mandou entregar ao papa, vultosa soma em dinheiro. Com o que foi imediatamente perdoado de seus crimes...

Depois passamos pela ermida de Santa Maria Del Poyo. Foi construída em homenagem a uma estátua da santa encontrada no local. Como a santa não quis sair dali - conta a história - resolveram construir-lhe a capela.

O que a história não conta, é quais as defesas empregadas pela estátua para garantir sua vontade.

Depois cruzamos novamente a estrada em direção ao rio Cornava. Após, com cuidado para não ser salpicado por sua água, pois é mortífera, descemos o barranco de Mataburros, passamos as ruínas do povoado romano de Cornava, atravessamos novamente a rodovia e já no horizonte veremos a cidade de Viana, praça forte criada em 1219 por Sancho VII para proteger a fronteira oeste de Navarra contra a cupidez de Castela.

A parte das muralhas ainda existentes demonstra a força do bastião.

Em sua parte alta, encontra-se a igreja de Santa Maria.

Tantas igrejas já passamos. Esta tem uma história interessante.

O papa Alexandre VI teve dois filhos que enchem a imaginação dos autores burlescos e dos contadores de histórias eróticas: Lucrecia e César Borgia. Deixemos de lado a folgazã Lucrecia.

Não obstante o que os autores vulgares contam, César foi um grande capitão de guerra e hábil político. As terras italianas que conquistou durante o papado de Alexandre prosperavam em paz e segurança. Era recebido por soberanos e príncipes de toda a Europa e casou com a filha do rei de Navarra, João de Albret.

Com a morte de seu pai e papa, subindo ao trono de São Pedro um cardeal rival, foi perseguido e preso. Conseguiu fugir para Navarra onde, protegido pelo sogro e rei, passou a combater a inimiga Castela.

Em uma batalha em 1507 foi morto, e o sogro construiu-lhe um grandioso mausoléu na igreja de Viana, como reconhecimento de suas façanhas. Lamentavelmente a Igreja Católica Espanhola, em um de seus tantos surtos de obscurantismo, no séc. XVII, resolveu fazer desaparecer a pícara história do papa Alexandre e de seus filhos. Assim destruiu o monumento e fez desaparecer o corpo.

O rei João de Albret teve melhor sorte. Vendo seus exércitos serem derrotados por Castela, em 1512, desmembrou a parte norte de seu reino, aquela além Pirineus, elevou a condição de Capital a cidade de Saint Jean Pied du Port e para lá se mudou.

Portanto andamos, andamos e voltamos ao nosso ponto de partida.

8a. Jornada

VIANA (472m) á NAVARRETE (535m)

21 quilômetros

Logroño (9 km) – Navarrete (12 km)

Alt.max.- 464 em La Grajera

Sáimos de Viana, em direção a grande cidade de Logroño, que fica a nove quilômetros pelo Caminho, por uma forte descida que vai nos levar a cruzar a rodovia 111. Pela esquerda da estrada, o Caminho nos leva, por entre plantações de oliveiras e vinhedos á ermida do séc.XVII chamada de Trinidad de Cuevas.

Seguimos próximos á estrada e deixamos à esquerda a reserva natural de “Las Cañas”, para cruzar a divisa entre as províncias de Navarra e La Rioja, facilmente percebível pelo posto de gasolina existente no local.

Por incrível que pareça, o posto de gasolina é uma construção deste século e não tem atrativo turístico, afora a possibilidade de comprar bebida gelada. Pensando melhor, tem um grande atrativo turístico.

Aqui Caminho e a rodovia confundem-se, e logo deixamos à última á direita, para costear o cerro onde estava localizada a cidade romana de Cantábria, no Cerro Cantabria, á margem do rio Ebro. Esta importante posição do tempo das conquistas romanas está sendo hoje escavada por arqueólogos.

No final do séc. VI um rei visigodo, Leovegildo, hábil general e político, derrotou suevos, gascões e romano-bizantinos que dominavam muitas áreas da região e pela unificação destas terras, criou um novo reino.

Leovegildo, cristão, era adepto do arianismo, doutrina herética criada no século IV pelo bispo Ario, que dizia: “Cristo, sendo filho de Deus, era seu subordinado, sendo, portanto metade divina e metade humana. Logo, não poderia ser adorado como um Deus.” Isso daria razão, em parte, á Maomé, que afirmava ser, Jesus e ele, doutrinadores, mas não deuses.

Quem leu sobre os usos e costumes dos deuses gregos, por certo vai notar a semelhança com os alegres moradores do Monte Olimpo.

Para entrarmos em Logroño, cidade de 130 mil habitantes, necessitamos cruzar a Puente de Pedra, construída no fim do século passado, e que substituiu a construída no séc. XI por Alfonso VI, para facilitar a passagem dos peregrinos e o transporte de mercadorias sobre o caudaloso rio.

Alfonso VI havia herdado o reino do pai, mas foi destronado pelo irmão Sancho II. Refugiou-se em Toledo. Quando o irmão morreu, para poder assumir em seu lugar, teve de jurar ante “El Cid” – Dom Rodrigo Dias de Bivar, o maior herói da Espanha – de que nada tinha a ver com aquela morte.

Posteriormente, revoltado por ter sido obrigado a jurar por imposição deste nobre, entrou em luta contra “El Cid” que, antes de retirar-se da região, arrasou a vila em 1092.

Depois deste episódio é que foi construída a ponte, para facilitar o repovoamento da vila, a passagem do rio e permitir o fluxo de pessoas e mercadorias. Uma ponte, portanto, de profundas raízes históricas para os espanhóis.

O rio Ebro nasce no norte da Espanha, nos Picos da Europa e deságua no Mediterrâneo, na Catalunha, bem ao sul de Barcelona, depois de viajar novecentos quilômetros.

É o marco da resistência da República Espanhola e seus aliados das Brigadas Internacionais, contra os exércitos de Franco, da Alemanha e Itália, durante a sangrenta Guerra Civil Espanhola de 1936-1939.

Nos dois últimos anos da guerra, o rio era a defesa natural de Barcelona e, cruzá-lo ou não, significava a conquista da Cidade. Por isso os republicanos, apoiados pelas brigadas internacionais, procuravam manter-se em sua margem esquerda.

A cidade de Tortosa, onde o General Francisco Franco mandou construir, depois da guerra, no meio do rio, um monumento a todos os combatentes que lá pereceram, serviu de epicentro desta longa, sangrenta e desesperada batalha.

Conta a lenda que, naqueles meses de combates terríveis e contínuos as suas margens, as águas do rio Ebro chegavam vermelhas ao delta que forma no Mediterrâneo.

Logroño pode ser atravessada sem muitas pausas, entrando na Rua Vieja, na saída da ponte. Apenas uma parada, para abastecer-se de água, na Fuente de los Peregrinos, próxima a igreja de Santiago el Real.

Ao final da calle Rua Vieja, inicia a calle Barriocepo, e por ela se cruza, na antiga Muralla Real, la puerta Del Camino e em seguida em uma praça redonda, inicia-se a ampla avenida Marqués de Murrieta.

Siga por ela até a Avenida de Burgos. A partir daí, já nos subúrbios da cidade, busque as flechas sinalizadoras do Caminho ou da rodovia 120 e Burgos.

Na dúvida, antes de andar demais, pergunte. Os espanhóis são muito afáveis, ainda mais com os peregrinos.

Se você resolver ficar em Logroño, tente o albergue do início da Rua Vieja, no número 32. Se tiver lugar, ou for tarde para andar os restantes doze quilômetros até Navarrete, note-se que este é um dos melhores albergues do Caminho.

Convém lembrar que Logroño, cidade de 130.000 habitantes é a capital da província de La Rioja. Assim, há uma infinidade de bons hotéis e nos restaurantes servem-se os bons vinhos tintos da região.

E beber não é considerado pecado no Caminho. Ainda mais o vinho, presente desde as Bodas de Canaã e a Santa Ceia na história do catolicismo.

Seguindo adiante, o trajeto nos leva sempre pela esquerda e próximos da rodovia 120, até a bifurcação desta com a 232 em um posto de serviços. O Caminho vai descendo na direção de Navarrete, que se distingue á frente.

Logo depois de outro posto de gasolina, no Alto de la Granjera, se cruza a estrada, para atravessar uma ponte sobre a auto-estrada A68 e chegar-se às ruínas do Hospital de San Juan de Acre.

Quando formos embora, pelo outro lado da cidade, encontraremos a porta de entrada datada do séc.XIII deste hospital, servindo de portão para o cemitério municipal de Navarrete, vila construída sobre uma colina e defendida antigamente por um castelo hoje em ruínas.

Se tivéssemos seguido pela rodovia 111 para o sul, há 18 quilômetros de Logroño, encontraríamos a esquerda da estrada o campo de batalha de Clavijo.

Os espanhóis foram imprevidentes e não colocaram a lenda desta batalha mais próxima do Caminho de Santiago. Isso atrapalha um pouco os caminhantes que gostam de história. Que fazer? Nada é perfeito.

O mesmo fizeram com a bela Sos Del Rey Católico que visitamos lá perto de Jaca.

Mas, juntaram tanta história no eixo de nosso trajeto, que merecem ser perdoados.

A história de Clavijo é interessante.

Nesta região montanhosa de grande movimentação guerreira no séc.IX, haviam passados apenas cem anos da invasão árabe comandada por Tarik em 711. Eles derrotaram os visigodos e assumiram o poder de toda Al-Andaluz - a Península Ibérica de nossos dias - a exceção da região montanhosa das Astúrias, no norte, banhada pelo mar Cantábrico.

Os mouros já tinham sido derrotados em Poitiers, na França em 732, por Carlos Martel. Foi o ponto mais ao norte que alcançaram em suas conquistas européias, durante a invasão. Carlomagno, por sua vez, já tinha feito sua incursão parcialmente vitoriosa no norte da Espanha até o Ebro (778).

O séc.IX caracterizou-se pela luta de cristãos contra mouros, mouros contra mouros e cristãos contra cristãos, ou seja, a religião pouca importância tinha, no contexto das lutas contínuas entre os pequenos príncipes e emires, todos tentando defender-se ou atacando seus vizinhos, ao sabor de interesses territoriais ou pessoais.

Nesta época, o rei cristão de Astúrias, Ramiro I, combatia o califa Abd-er-Rahman, ou Abderraman para simplificar.

No local chamado Clavijo, no alto de um penhasco, onde ainda se encontra o Castelo de mesmo nome, no ano de 844, ambos os exércitos se encontraram, sendo o mouro, chefiado por Abderraman, muito superior ao cristão. Estes, se vendo derrotados durante a dura luta, apelaram para San Tiago, cujo corpo recém tinha sido descoberto em Compostela.

Lembrança melhor impossível: chamado pelos fiéis, o humilde discípulo de Jesus que tinha sido em vida um pescador, apareceu montado em um garanhão branco e atacou os mouros com energia e valentia, fazendo prodígios á bordo do cavalo, isto é, montado no cavalo, levando atrás de si os soldados cristãos. A mortandade entre os infiéis foi enorme.

A história não conta se Tiago estava armado de espada ou rede de pesca, já que sua antiga profissão era pescar. Talvez até tenha aprendido a lançar, no galope do garanhão, a rede de pesca, como boleadeiras, como faziam os índios gaúchos para caçar.

Mas a vitória foi tão retumbante que o santo ganhou o apelido de “Matamoros”.

Depois que vimos o irmão que matou a irmã virar santo, nada mais natural do que São Tiago, de tanto matar árabes virar Matamoros. Bom caminho para um santo. Que esqueceu aquela parábola de seu Mestre, Jesus, que dizia com candura: “se lhe baterem em uma face dê a outra também”.

Na Espanha, terra de sangue, sol e flamenco, tudo é possível.

Até, quem sabe? chegarmos a Compostela.

9a. Jornada

NAVARRETE (575m) á NÁJERA (485m)

14 Quilômetros

Gravera (12 km) – Nájera (2 km)

Alt.max.- 670m em San Antón

Saímos de Navarrete em direção á Nájera e a rodovia 120. Deixamos o cemitério á esquerda. Este cemitério é aquele do qual falamos, que tem porta de hospital. Interessante como os espanhóis vêm as coisas: um cemitério com porta de hospital, ou, um hospital cuja porta dá para o cemitério.

Engraçado que a Associação Médica Espanhola não reclama pela obviedade da contrapropaganda. Por via das dúvidas, melhor é não precisar de nenhum deles.

Devemos seguir sempre paralelo a rodovia 120, por uma estreita estrada bem marcada.

Ventosa ficará á esquerda e, pouco depois, subimos até a metade do monte San Anton, em cujo cimo encontra-se a ruína de um antigo convento.

Logo começamos a descer, cruzamos a 120 e, indo pela direita da rodovia, chegaremos a Poyo Roldan, uma elevação que significa Pedra de Rolando e fica á esquerda do caminho.

Segundo a tradição, o gigante muçulmano Ferragut - nada menos do que um descendente do gigante Golias da Bíblia - era o senhor de Nájera e tinha mais força do que quarenta homens fortes. Ele mantinha presos na cidade, muitos cavaleiros de Carlomagno que o tinham desafiado para lutar, e foram facilmente derrotados.

Rolando, aquele comandante francês que foi emboscado e morto em Roncesvalle, pediu e recebeu autorização de Carlomagno, para lutar sozinho contra ele e salvar a honra do exército cristão. E aí a lenda se bifurca: ou, do alto da elevação, localizou o gigante á distância, tomou uma pedra enorme, mirou e atirou-a com as mãos, com ela matando o gigante. Ou o próprio Poyo (a elevação), foi lançado contra Ferragut dando-lhe morte. Cruzes: o Ferragut deve estar embaixo da elevação até hoje.

Há uma terceira história sobre o local:

Autorizado Rolando a combater Ferragut, tanto lutaram os dois contendores que cansaram, sem um conseguir derrotar ou ferir o outro. Estabeleceram uma trégua e ficaram descansando juntos. Depois de um sono reparador, começaram a discutir teologia, e acertaram que a vitória de um ou outro, diria qual seria a religião verdadeira, a cristã ou o islamismo.

Reiniciam o combate e Ferragut é morto por uma estocada no umbigo, único ponto vulnerável de seu corpo, o que o próprio gigante havia confessado a Rolando. Desta luta surgiu a idéia de que, não é bom dormir com o inimigo. Mas, não há, em nenhuma das lendas, qualquer alusão a um eventual relacionamento amoroso e pecaminoso entre os contendores.

Com a morte de Ferragut seus soldados de origem turca, vindos com ele desde o Oriente Médio, fugiram. As tropas francas entraram então em Nájera e libertaram seus companheiros.

Como não temos gigante com quem lutar, seguimos em frente para cruzar, logo depois, pela estrada asfaltada que vai de Alesón que se vê á esquerda, á Huércanos á direita.

Em seguida encontraremos o rio Yalde, que cruzaremos a pé, pois não existe ponte no local. O rio está quase sempre seco. Se fosse no Brasil, seguramente alguma empreiteira conseguiria uma verba governamental, para construir uma enorme e necessária ponte.

Passado o rio, se cruza um canal de água e chega-se aos subúrbios de Nájera depois de, novamente, cruzar a Rodovia 120.

Nájera (lugar entre penhascos) foi construída pelos árabes, para garantir a posse da região. Tomada pelos navarros em 923, foi transformada por Sancho o Grande, no séc. XI, em capital do reino de Navarra e, em sua direção, foi transferido o Caminho de Santiago. Que até então cruzava ao norte, por regiões mais difíceis de transitar.

Entendia de turismo este Sancho!

A primeira moeda cristã, dos tempos da Reconquista, foi lá cunhada.

A Sancho sucedeu Don Garcia, que fundou O Mosteiro e Igreja de Santa Maria la Real.

Outra história, esta também verdadeira, conta o seguinte: aconteceu de Don Garcia estar caçando, nos arrabaldes da Capital, quando seu falcão entrou em uma cova existente na rocha, em perseguição a uma pomba. Correu o rei atrás do falcão, e quando penetrou no recinto, encontrou uma estátua da Virgem Maria iluminada por uma vela com uma terraza (jarra) de lírios – seguramente brancos - a seus pés.

Mandou então construir o complexo religioso no qual ficou engastado o local.

A primeira ordem de cavalaria espanhola leva o nome de Ordem de la Terraza, e foi fundada em razão deste acontecimento.

Como vemos, os reis da época eram ágeis em encontrar santos enterrados, ou Virgens em cavernas, quando necessitavam de algum esforço militar complementar, para expulsar os mouros hereges.

A história conta que, na conquista moura, houve poucas agressões aos nativos ibéricos por causa da fé cristã que professavam. Na Reconquista se viu exatamente o contrário: nenhum perdão aos árabes ou aos judeus que amavam outro Deus. E que por isso eram expulsos de suas moradas e perdiam seus bens, caso não jurassem a nova religião vitoriosa.

Devem ter sido os ensinamentos do Matamoros e da Virgem de Terraza.

Deste costume criou-se, quanto aos judeus, o termo, “cristãos-novos”, para designar aqueles que aderiam aos vitoriosos e assim conservavam seus haveres.

Mais tarde, Nájera foi conquistada por Castela, e o rei Alfonso VI mandou construir várias obras, para facilitar a nova rota de passagem dos peregrinos - cada vez mais movimentada - incluindo albergues, pontes e hospitais.

A ponte sobre o rio Najerilla teria sido construída no séc.XII, por San Juan de Ortega, um dos dois construtores santos do Caminho.

A visita a Santa Maria la Real é obrigatória para visitar o claustro, a igreja e o panteon onde estão sepultadas as antigas famílias reais de Navarra, Castela e Leão.

Para facilitar, o próprio albergue nela está localizado. Vários hotéis e todos os serviços necessários estão à disposição do peregrino.

10a. jornada

NÁJERA (485m.) á SANTO DOMINGO DE LA CALZADA (639 m.)

20,7 quilômetros

Azofra (5,5 km) – Cirueña (9,2 km) – Santo Domingo (6 km)

Alt. max. - 695m. no alto á altura de Hervías

Cruzando o rio Nájerilla, e dos fundos do Mosteiro de Santa Maria la Real, seguimos no rumo de Azofra, a pouco mais de cinco quilômetros, por uma floresta de pinheiros, em um caminho de terra batida. Não longe, continua correndo a rodovia 120.

Por mera casualidade, cruzamos Azofra por uma rua chamada calle Mayor, para chegarmos a “Fuente de los Romeros”.

Enchido o cantil, cruzamos a rodovia que vai á esquerda para Alesanco, logo após o rio Tuerto, e a seguir deixamos um Cruzeiro á direita.

Cerca de mil metros á frente, após cruzarmos uma estradinha, tendo o Caminho embicado na direção da 120, chegamos a uma encruzilhada, onde podemos pender á esquerda, na direção de Cirueña, e fazermos uma volta para chegar á Santo Domingo, ou, de preferência, seguirmos em frente.

O Caminho, por Cirueña, além de ser seis quilômetros mais longe, não é o original. Em troca é bem balizado. Algum “alcaide”, ou prefeito espanhol, do partido do governo, deve ter conseguido oficializar esta variante desnecessária.

Faltou construir um castelo, arrumar alguns ossos de santo ou uma igreja milagrosa para entusiasmar os romeiros, já que nada explica a opção.

O Caminho, seguindo paralelo á 120, é a senda mais antiga e a legítima. Ocorre que nesta área o campo está lavrado e a nossa estrada de terra desaparece.

Pedindo perdão antecipado ao “Matamoros”, preferível é seguir pelo acostamento da rodovia, apesar de o caminho ser mais duro e pelo qual, após passarmos nos subúrbios e pelos trilhos da estrada de ferro, chegaremos á Santo Domingo.

A cidade, quase na divisa entre La Rioja e Burgos, é um importante centro comercial e penetramos em sua parte histórica pela calle Mayor - quem diria-, por uma calçada imitando calçamento antigo, tendo as lajotas do meio sido fundidas com uma vieira de aço mostrando o Caminho. Lembrem que a vieira é uma espécie de concha, que indica o rumo de Santiago. O albergue próximo á Catedral é um sobrado construído por Santo Domingo no séc. XI, e considerado um dos melhores do percurso.

Há hotéis com todo número de estrelas, próprio de quem ruma para o “Campo das Estrelas”, além de bancos, restaurantes e outras comodidades.

No local vivia um eremita, Domingo Garcia (... -1109), depois canonizado. Ao redor de sua morada foram se agrupando pessoas, tirando-lhe o sossego e a paz e fazendo surgir uma cidade. Sem poder mais descansar, trocou a oração e a abstinência, pela construção. Foi construtor da ponte sobre o rio Oja, a Catedral local e o albergue, obras de um homem que virou engenheiro e passou sua vida, cerca de noventa anos dedicada a melhorar as condições do Caminho, facilitando a vida dos peregrinos.

Protegido de Alfonso VI (sempre ele), quando este rei conquistou La Rioja em 1076, mesmo sem ter mandato parlamentar, conseguiu com o rei a construção de uma calçada, entre Nájera e Redecilla del Camino, na qual breve passaremos.

A história da cidade, localizada em uma planície bem cultivada, é a própria história do santo, que lá chegou para viver como eremita. Aos poucos, na medida em que mais e mais pessoas acudiam para morar ao seu redor e trabalhar em suas obras, construiu, com sua dedicação à causa pública dos peregrinos, uma das maiores lendas do Caminho.

Tanta força quanto Domingo, tiveram um galo e uma galinha no séc.XIV. Já assados, prontos para serem trinchados, levantaram da mesa da casa, onde tomava o café da manhã, o juiz da vila e sua família, e saíram a cacarejar e esvoaçar. Isto porque o juiz, na véspera, tinha enforcado um jovem alemão, acusado de ladrão por uma empregada do albergue. O jovem era um peregrino que fazia o Caminho junto com sua família e ficara na hospedaria local.

Na noite após sua morte por enforcamento, o corpo ainda pendurado na saída da vila, como era costume, os pais do jovem sonharam que ele dizia que ainda estava pendurado pelo pescoço, mas não morrera porque Santo Domingo estava protegendo-lhe, segurando-lhe os pés. Manhã cedo acorreram à casa do juiz, que tomava o café da manhã, pedindo-lhe para soltar o enforcado e contando o sonho. Este falou: “Há esta hora vosso filho já está morto. É mais fácil este galo e esta galinha voarem do que ele estar vivo!”

Foi na hora. Galo e galinha, como que combinados, criaram penas, saltaram dos pratos como se nada lhes tivesse acontecido e criaram o pandemônio: juiz, mulher, empregadas e os pais, saíram correndo porta afora apavorados. Populares se juntaram à correria pelas ruas, até a árvore onde estava o enforcado.

Pimpão, lá estava o alemão. O pescoço meio dolorido é verdade, as pernas meio duras pelo alongamento involuntário. Mas vivo e os pés no ar, como sustentado por mãos invisíveis.

E então contou sua história: a doméstica do albergue queria fazer sexo com ele, foi ao seu quarto, e despiu-se diante do indefeso rapaz. O jovem que estava em peregrinação santa, não obstante as várias semanas de caminhada e abstinência sexual, disse que não se curvaria á carne, e mandou-a embora. A empregada repudiada, como vingança, escondeu um copo de prata em sua mochila e denunciou-o por roubo, levando-o á prisão e enforcamento. Deve ter sido interessante o juiz espanhol fazer o interrogatório do alemão sem um tradutor. Deve ter sido outro milagre ou um caso raro de autoridade arbitrária.

Tudo elucidado, a família seguiu viagem e a empregada, para não trocar de lugar e ir para a forca, abandonou o albergue e a vila. Segundo consta, era uma possuída pelo demônio, que se aproveitava do belo corpo da rapariga para tentar os peregrinos.

A história não conta o que aconteceu com os peregrinos que caíram na tentação. E que devem ter sido a maioria, porque só uma vez o galo e a galinha ressuscitaram. Estranho nexo: o galo e a galinha... mas, isso também comprova que, milenarmente, os alemães são frios. Até ante o sexo. Por isso que incentivam a emigração.

-E o galo e a galinha? perguntais.

O galo e a galinha foram encontrados embaixo de uma mesa comendo milho, porque na véspera tinham-lhes tirado as vísceras e eles agora morriam, mas de fome. O povo levou-os em procissão até a Catedral, e nunca mais lhes faltou alimento, não obstante o mau hábito de cacarejarem em momentos impróprios.

Construiu-se, em uma parede, pelo lado de dentro da Catedral, um galinheiro de ferro, pintado de preto com arabescos em ouro, para manter presos o galo e a galinha que escaparam da morte. Quando os animais não tiveram a segunda chance, trocaram-nos por outros, e a tradição da exposição dos galináceos se repetia, como uma tradição, de abril a outubro de cada ano.

As necessidades dos peregrinos que, igual a São Tomé, só acreditavam vendo, modificou-a e, a partir de 1965, o galo e a galinha branca podem ser vistos, por todos, todo o ano. As necessidades dos padres da Catedral de comprar milho fizeram com que, para entrar na Catedral, e ver os animais e, se houver tempo, as riquezas de seu interior e o túmulo de Domingo, deve-se abrir a mão e pagar uns euros.

Vindo pela calle Mayor, passe o albergue á direita, entre pela velha e pequena porta lateral da Catedral, e, através das grades, você poderá fazer o mesmo gratuitamente.

Outro milagre.

A estas alturas, lá pelo décimo dia, os peregrinos já sabem que o Caminho, é o Caminho das Maravilhas. Tudo era possível naqueles tempos heróicos. Da dedicação e cuidados do homem comum até as obras pias, erigidas por congregações religiosas e reis, para com a segurança e o conforto dos viajantes.

11 a. jornada

SANTO DOMINGO (639 m) á BELORADO (770m.)

21,7 km

Grañón (6 km) – Redecilla (3,7 km) – Castildelgado (2 km) – Villamayor (5 km) – Belorado (5 km)

Altitude máxima: 785m. em Vitoria de La Rioja

Mais uma vez, saímos de uma localidade pela calle Mayor, e de novo, na direção da rodovia 120. Agora na direção de Belorado e Burgos. Passamos a grande ponte, construída por Santo Domingo lembrando, enquanto a passamos, que se trata uma obra construída no séc. XI.

Andamos pelo acostamento da estrada até o km 50, quando desviamos para a esquerda, passando pela “Cruz de los Valientes”, exato meio caminho entre Santo Domingo e Granón e onde, em outros tempos, houve um “juízo de Deus”. Era um combate patrocinado pela Igreja Católica para saber com quem estava o direito. Prelúdio da Lei do Mais Forte, tão usada hoje pelos Estados Unidos. Neste caso, foi entre um representante de cada uma das vilas, para decidir a quem pertencia determinada pastagem.

O combate foi vencido pelo paladino de Granón, via que se vê adiante, construída sobre uma colina.

Após a subida até o povoado, cabe iniciar a descida. Na baixada entramos em campos arados e o Caminho de terra segue pelo meio deles. Distantes 3,7 km de Grañón, á direita da R120, está Redecilla Del Camino.

Pouco antes, passamos a divisa da Comunidade Autônoma de La Rioja, e entramos na de Castela e Leon, através desta província de Burgos e pela qual andaremos nos próximos dias.

Como vínhamos pela esquerda da R120, cruzamos a mesma justamente na entrada da vila. Em frente, do outro lado do asfalto, uma pequena loja governamental de turismo, possui todas as informações necessárias sobre o Caminho.

Falando de Redecilla, falamos de todos os povoados de cem ou duzentas casas, esparramados por uma calle Mayor e adjacências, em Castela e Leon.

Um grande número de casas antigas, de idade várias vezes centenária, a maioria com sinais do tempo nas paredes de reboco escuro e mal cuidado. Altos muros de alvenaria feitos de cimento e pedra, correndo ao lado da rua pavimentada. As casas normalmente de dois pisos, entre elas intercaladas algumas construções mais recentes.

Nas esquinas pode se ver, nas poucas ruas transversais, as muitas casas em ruínas, com sinais de abandonadas. Pouca gente nas ruas supõe a migração da população destas áreas agrícolas. A igreja, tão antiga quanto às casas, e que certamente consegue abrigar toda a população local, e a fonte para abastecer-se de água, ambas de origem remota, completam a paisagem que em poucos minutos é deixada para trás.

Os tempos modernos aparecem apenas por algum posto de gasolina, escola e pequeno armazém. Além de alguns poucos automóveis parados nas ruas. Também, e não por acaso, é nestas igrejas que se guardam as centenas de preciosidade do Caminho. No caso de Redecilla, uma antiga pia batismal do séc.XII, de maravilhoso lavrado.

O número de peregrinos semanais que passam pelas ruas, seguramente é maior do que o número de seus habitantes, e este passa-passa contínuo, faz dos romeiros entes fantasmas, de vestes longas ou curtas, grandes ou pequenos cajados, bonés ou lenços á cabeça, que desfilam sem serem vistos pelos moradores.

Foi em Redecilla que encontramos um carro francês com os bancos cheios de travesseiros, pães, garrafas de água mineral e bolsas. Ao lado, na sombra, quatro senhoras de idade, conversavam animadamente, enquanto comiam pedaços de pão com queijo e suco de laranja.

Uma delas, a motorista, não podia caminhar. Assim, servia de auxiliar das outras, todas fazendo a peregrinação. Encontravam-se, em pontos prefixados, onde o carro servia de restaurante e, ao fim do dia, competia à motorista já deixar pronto e reservado o lugar de pernoite.

No fim da vila, o Caminho se confunde com a R120, razão pela qual seguimos por seu acostamento. Em dois quilômetros chegamos a Castildelgado. Logo depois, se quisermos conhecer a vila natal de Santo Domingo, de nome Vitoria de Rioja, pelo caminho demarcado, cruzamos a rodovia á esquerda e a cerca de um km chegamos ao local.

Sua casa não existe mais e na antiga igreja está a pia batismal onde ele, supostamente, foi batizado. Bem aventurados os que crêem. Deles é o reino dos céus.

Seguindo em frente, logo retornaremos á R120. Mais cinco km. e passamos Villamayor, situada as margens de um riacho. Outros cinco e chegamos a Belorado, final de mais um dia de trabalho e prazer. Prazer muitas vezes só sentido ao final da jornada. No hotel de Santiago, depois de um último e mais prolongado banho.

Belorado situa-se as margens do rio Tirón e sua povoação, em região de fronteira, naquele vale estreito, deve-se ao castelo, hoje em ruínas, construído sobre uma escarpa, para defender os limites do antigo Reino de Castela.

Nas paredes da montanha, ainda se encontram as covas usadas na antiguidade por eremitas. No séc.IV, em uma delas, segundo consta, morou Caprásio, bispo de Agen, cidade francesa entre Bordeaux e Toulouse. Perseguido por causa da religião, ameaçado de morte, Caprásio teve de fugir de sua cidade, cruzou os Pirineus e aqui veio morar, como eremita, em uma destas covas.

Mais tarde, arrependido de sua covardia, voltou para Agen e lá foi martirizado e morto com o que virou santo. É uma opção atroz: passar fome e desconforto por uma longa vida, ou ser bispo com todas suas vantagens por uma curta vida. Se valeu ou não a pena, cabe ao peregrino avaliar. Não esquecendo que, se tivesse continuado morando na caverna, ninguém hoje se lembraria dele. Assim, ao contrário, todo católico conhece São Caprino, isto é Crapásio, ou melhor, Caprásio!

Na igreja de San Nicolas, dentro dos muros de Belorado, está a imagem deste santo, trazida desde sua cova. Ou seja, alguém, em algum tempo, criou uma imagem dele, que pode ou não ter sido feita a sua imagem e semelhança. Com os milagres do Caminho, tudo é possível.

12a. jornada

BELORADO (770m) á SAN JUAN DE ORTEGA (1.000m)

23,7 quilômetros

Tosantos (5,1 km) – Villambistia (1,6 km) – Espinosa (1,7 km) – Villafranca (3,2 km) – Valdefuentes (5,7 km) – S.Juan (6,4 km)

Alt.máx.- 1.135m á altura do Puerto de la Pedraja (Monumento a los Caídos)

Saindo de Belorado, cruza-se a ponte sobre o rio Tirón, construída por San Juan de Ortega, e grandemente modificada, e deixamos a R120 á direita no local onde está um posto de Cruz Vermelha, um posto de gasolina e a estrada para San Miguel del Pedroso.

Por este caminho de terra segue-se, paralelo a rodovia, até Tosantos. Do outro lado da estrada, no alto, atrás da vila, contra um paredão de pedras, se vê a ermida da Virgen de la Peña (séc.XII). Pouco mais de 1,5 km a frente passa-se pela parte alta de Villambistia, onde ainda existe partes da calçada, construída pelo santo deste nome, Santo Domingo de la Calzada. Cruzamos entre a vila e seu cemitério, vendo-se abaixo a rodovia que corta a cidade.

Entramos em uma alameda de árvores e descemos na direção da R120 para cruzá-la e entrar em Espinosa Del Camino 1,7 km. adiante, e onde, na maciça igreja de la Asunción, pode-se contemplar a estátua de San Indalecio, um bispo católico.

Este santo, cujos restos mortais estão na catedral de Jaca, foi um dos sete apóstolos de San Tiago no Oriente. São chamados de “varones apostólicos”. Eles trouxeram o corpo de Tiago para a Espanha e iniciaram a evangelização do país. Portanto, como existiu Indalecio, existiu a evangelização. Como este santo era subordinado de Tiago no Oriente, isso prova que o último foi trazido para a Espanha. Então, porque duvidar que os restos de Tiago, encontrados em Compostela não sejam seus?

Desta forma, por pequenas particularidades, vai crescendo no viajero sua fé no Caminho, e no que ele representa. Outra versão diz que os “varones apostólicos” existiram sim, mas foram enviados á Espanha por São Pedro e São Paulo, desde Roma. Mesmo assim, suas vidas foram trepidantes e fizeram dois milagres: certa vez, para fugir de pagãos, irados com sua catequese, atravessaram correndo uma ponte, que ruiu logo atrás de si. De outra feita, descobertos em uma caverna por um rei que queria matá-los, quando o rei e suas tropas entraram na gruta, esta desmoronou matando os hereges e deixando ilesos os varones.

Leitores e leitoras de pouca fé poderão perguntar: mas, e eles, como saíram da caverna cuja entrada ruíra? Simples, Tiago pôs mãos á obra e limpou e entulho.

A seguir, subindo, chegamos a um alto de onde se vê Villafranca distante uns três km. Toda a região é coberta de vinhas ou de terras aráveis com outras culturas.

Novamente descendo, passamos a esquerda da capela de San Felices, restos de um mosteiro do séc. X e após entrar na R120 e cruzar o rio Oca, chegamos á Villafranca.

Daqui a San Juan são pouco mais de 12 km subindo pelas montanhas. Que chegam a mais de mil metros de altitude e no inverno cobertas de neve. O clima é frio, mesmo quando a temperatura é quente nos vales.

Existe, na vila, a possibilidade de usar um acampamento com capacidade de 110 peregrinos, ou o hospital de San Antón com menor número de camas.

Villafranca Montes de Oca significa Vila dos Francos dos Montes de Oca. O Caminho e suas peregrinações, e a invasão de Carlomagno, levaram á todo o norte da Espanha, milhares de francos que lá permaneceram com privilégios especiais. Era sede de bispado, documentada, já no Século VI. Hoje é uma pequena cidade á beira do Caminho.

Vale à pena lembrar que os “varones apostólicos”, eram perseguidos por povos primitivos da península (a que a Igreja Católica intitulava pagãos), ainda no Século IX. No séc. XI, este bispado foi transferido pelo rei Alfonso para Burgos. Serve o lembrete para caracterizar as estreitas relações de mando e obediência, existentes naquela época, entre a autoridade real e a religiosa.

Aqui há um exemplo para os latinos, que, não obstante serem de maioria católica ofereceram poucos santos á Igreja, ou seja, poucas pessoas que estavam dispostas a serem martirizadas para alcançar o céu mais rápido. Próximo de Villafranca está a ermida de Nuestra Señora de Oca, atrás da qual há uma fonte de água que cai em um tanque. Aí foi martirizado, por sua fé, Santo Indalecio. E as pedras vermelhas que estão no fundo da água, contem o sangue do santo. Anualmente se faz uma procissão até o local, que abastece de água a povoados vizinhos sem nunca ter secado. Um santo menor direis, mais ainda assim, um santo capaz de fazer um milagre nas águas.

Se quisermos ir em frente, passamos entre a igreja e o hospital e logo na saída da vila começamos a subir os montes de Oca, pelo meio de uma floresta. Antigamente, esta região era considerada das mais perigosas pelos peregrinos que só reiniciavam sua caminhada pela manhã, e em comitiva, para defender-se dos bandidos que roubavam e matavam, aproveitando-se da floresta.

Sem querer assustar ninguém, pois os tempos são outros, e o grande lucro do Caminho não é o roubo, mas o comércio: quantos santos Indalecios não devem estar com os ossos esparramados na mata por entre a vegetação rasteira? Podeis dizer que os ossos das antigas vítimas martirizadas pelos ladrões, já se decompuseram. Mas, a prova é em contrário: há muitos santos cujos ossos se conservam por mil anos.

Para os que insistirem em seguir pela floresta, um quilômetro adiante chegamos a “fuente de Majopan”, no meio da floresta, e bom lugar para descanso. Para os outros está disponível o acostamento da R120.

Seguimos pela floresta, para alcançar os 1.135 m. de altitude, deixando a esquerda a R120 e o “Monumento a los Caídos”. Pela estrada florestal encontraremos o marco MP-61 onde tomamos o rumo para a esquerda em direção “ermida Valdefuentes” e a “fuente Del Carnero”, próximas a R120.

Da ermida, voltamos a subir até encontrar a estrada florestal que estávamos usando e por ela, seguindo á esquerda, chegaremos em 6 km. á San Juan.

Todo o trecho é difícil, íngreme e nesta região de montanhas, apenas a floresta mitiga o caminhar, protegendo-nos do sol. Além da neve e do gelo no inverno. Como não há recursos maiores neste trajeto, dependendo do horário de chegada a Villafranca, melhor é ficar aí e procurar mais tarde, quando formos caminhar na planície, recuperar este meio-dia, que para os peregrinos impacientes, pode parecer perdido.

Também é verdade que, quem está no Caminho, tem todo o tempo do mundo, dentro dos trinta e poucos dias previstos para sua estadia aqui.

San Juan de Ortega significa São João da Urtiga. Localizada em plena montanha, no agreste do local só cresciam urtigas. No século XI o padre Juan, natural da região, voltou de Jerusalém e junto com Domingo de la Calzada, passou a construir obras como hospitais, calçadas, pontes, fonte e abrigos, necessários a passagem dos peregrinos, e para facilitar-lhes a caminhada.

Depois desta obra memorável e sem se deixar martirizar, também virou santo. Mas é uma exceção. Ninguém chegava a santo assim no mais, naquele tempo. Depois a Igreja Católica abrandou as exigências de santidade e os processos canônicos hoje se preocupam mais com os supostos (desculpem os crentes) milagres, do que com os sacrifícios em vida.

Esta história é boa: Isabel, a Católica, foi sem dúvida a maior rainha da Espanha, responsável pela tomada de Granada, último grande reduto dos árabes na Península (1492). E pelas viagens de Cristóvão Colombo, que com seu auxílio especial, conseguiu juntar as três caravelas que descobriram a América no mesmo ano. Mas, em 1477, era apenas a rainha de Castela casada com Fernando, rei de Aragão, há mais de sete anos. Sem que tivesse engravidado, o que, na época era algo imperdoável para uma rainha, que tinha a obrigação de gerar filhos homens, para perpetuar a linha de poder.

Já se falava de Fernando, que, segundo as más línguas (como até hoje), não era muito afeito ao sexo, preferindo a caçaria. O fato era preocupante para os reinos, unidos pelo casamento dos dois. A falta de herdeiros ao trono, com tantos inimigos poderosos á volta, poderia liquidar com as pretensões dos dois, de unificar a Espanha, ficando com a coroa real.

Na época, o Santuário de San Juan era famoso em todo o norte da Espanha, pelas curas milagrosas de mulheres estéreis. Isabel então vai como peregrina ao local, já que o tratamento tinha de ser feita lá para surtir efeito. Suas preces foram ouvidas e logo depois ela fica grávida. As urtigas produziram o milagre. Como e onde eram aplicadas nas mulheres, até hoje é um segredo.

Considerando o milagre do galo e da galinha, comprovados há pouco, não deve haver espanto ou dúvida por parte do peregrino. Consta que, a partir daquela época, é que surgiu o costume de as mulheres cavalgarem sentadas de lado na sela...

O consumo da “urtiga milagrosa”, no entanto, com a notícia da rainha, aumentou de forma exagerada, e seu desaparecimento levou o local ao abandono, perdendo-se seu poder curativo. Uma pena, pois, afora as dificuldades em sentar-se, seu uso não trazia nem um efeito colateral, como os atuais medicamentos.

13 a. Jornada

SAN JUAN DE ORTEGA (1.000m) á BURGOS (860m)

22,8 quilômetro

Agés (3,7 km) - Atapuerca (2,6 km) – Orbaneja (8,5 km) – Villafria (3 km) – Burgos (5 km)

Alt.max.- 1.060 m próximo as torres da Telefônica

Não obstante terem praticamente a mesma distância, três são os trajetos possíveis entre San Juan e Burgos, a terra do herói máximo da Espanha: El Cid. Que não era santo! Para os ciclistas é obrigatório tomar á esquerda na saída da vila dirigindo-se para Santonevia e a Rodovia 120. Para os peregrinos o caminho tradicional é o caminho do meio, na direção de Agés. O último segue na direção de Barrios de Colina.

Seguimos, pois por Agés (3,7km), Atapuerca (2,6 km), Orbaneja (8,5km), Villafria (3 km) e Burgos (5 km). Atravessa-se a rodovia que vai a Santonevia e, por uma estrada de terra até quase Agés, andamos no meio de uma floresta de pinho e chaparro, madeira torta, com boa sombra e da qual se usa o lenho, neste planalto de mil metros de altitude.

Quando há claros no meio da mata se pode ver ao longe algumas vilas e povoados.

Chegando a ermida Del Rebollo, á nossa esquerda, começamos a descer para logo encontrar Agés. A saída do povoado chegamos a estrada, que vai de Santovenia a Olmos de Atapuerca. Atenção desatento viajante: Atapuerca não significa em absoluto o comando porca atada. Deixamos a igreja do outro lado da estrada e encontramos uma fonte de água fresca, típica de montanha.

Seguimos na direção de Atapuerca pela estreita estrada asfaltada, cruzando o rio Vena. Na saída da vila, sem encontrar uma porca sequer, cruzamos o asfalto para iniciar a subida da serra de Atapuerca. Na encruzilhada que logo encontramos, o caminho da esquerda sobe a serra, e o outro que é o mais fácil, parece que vai contorná-la.

Como estamos em tempo de pagar os pecados, o caminho da esquerda, o pior, é o que deve ser seguido. Logo chegamos às torres da Telefônica, ao ponto mais alto do dia e iniciamos a descida por um Caminho não muito bem traçado. Pela esquerda ficam, não muito longe, Villalval e depois Cardeñuela.

Deixamos Orbaneja á esquerda e atravessamos a auto-estrada número 1, por um viaduto. Seguindo pela pista asfaltada de cima do viaduto, iremos cruzar adiante por uma ponte, e logo uma estrada de ferro, para chegar à outra estrada asfaltada, que também tem o número 1, e que passa entre a cidade e o aeroporto. Dobrando á esquerda, entramos em uma área de indústrias e acompanharemos esta estrada até Garmonal, que é um subúrbio de Burgos.

Burgos é uma cidade com mais de cem mil habitantes. Leva-se em torno de duas horas para atravessá-la, e chegar ao grande albergue El Parral, próximo ao Hospital Del Rey, em um imenso parque do outro lado do rio.

A entrada é pela larga rua las Calzadas, com seus prédios residenciais um encostado ao outro. Flechas de um amarelo vivo que não passam despercebidas, marcam, quando necessário, o Caminho que leva á igreja San Lesmes(séc.XIV) a cuja frente, cruzando a rua, entramos na antiga muralha e na cidade antiga pela Porta San Pedro.

Pelo trajeto bem marcado, passamos nos fundos da Catedral, no alto da cidade, e pela mesma rua seguimos em direção ao outro lado da muralha, saindo pela Puente de los Malatos (Ponte dos Doentes) e logo à direita entramos no parque que abriga o Hospital Del Rey e o Albergue El Parral.

Uma visita a Catedral, que foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade ou a Casa Del Cordón, onde Colombo foi recebido por Isabel e Fernando quando voltou de uma de suas viagens á América, é obrigatória. O mesmo se diz quanto à soberba Puerta y Arco de Santa Maria, onde até um califa merece estátua, ou as ruínas do Castillo, destruídas por Napoleão durante as Guerras Napoleônicas, afora os inúmeros passeios possíveis pela cidade antiga, de dia ou á noite.

Quanto a Catedral, em seu interior há uma placa, no chão, indicando que ali estão os restos mortais de Rodrigo Dias de Vivar, El Cid Campeador, e sua esposa, Dona Ximena (ou Jimena). Para a simples placa indicativa, há uma resposta forte dos que cuidam do local: a placa indica o local onde estão os restos mortais, mas, toda a Catedral é que é a tumba do grande herói nacional!

Para quem dispõe de tempo, o ideal é pernoitar em um dos hotéis do centro. O Hotel Norte y Londres, sobrado de quatro andares, onde nos hospedamos, fica exatamente no Caminho, é confortável e com preços razoáveis. A enorme placa Hotel, não deixa dúvidas. Esta propaganda é pagamento ao atendimento dado aos peregrinos. Neste hotel, no café da manhã, encontrei um casal de ciclistas, hóspedes holandeses, professores aposentados, o varão com 65 anos, e que até Burgos tinham feito 1.800 km. desde Amsterdã. Pedalando!

As bicicletas, com enormes mochilas sob as rodas traseiras, barris de madeira sob as barras de direção cheios de água, e mais uma armação cheia sob as rodas dianteiras, demonstravam o fôlego do idoso casal.

Estes ciclistas deram uma informação importante para todos os ciclistas. Tinham iniciado o roteiro, seguindo o Caminho usado pelos pedestres. Enquanto tinham rodado bem no asfalto, começaram a ter problemas com o traçado na terra: pedra, valos e regatos de fácil transposição á pé, prejudicaram grandemente as bicicletas, a tal ponto que, não obstante sua coragem estavam fazendo o restante da viagem pelos caminhos asfaltados. O que, a bem da verdade histórica, tem o mesmo valor porque o Caminho várias vezes sofreu modificações sensíveis. Assim, quem nos diz que o caminho pelo acostamento, ao longo do asfalto, não é o verdadeiro?

Mas voltando, fundada no séc.IX, Burgos foi capital de Leão e Castela do século XI ao século XV. Importante no comércio de lã na Idade Média, no caminho de uma das principais rodovias entre a Espanha e a França, ponto obrigatório na passagem de peregrinos até hoje, a cidade só cresceu e enriqueceu.

As antigas muralhas, parte das quais ainda visíveis, conservam seus enormes portões de entrada. A fortaleza está situada acima do seminário San Jerônimo. Trinta hospitais existiam para abrigar peregrinos. A Catedral, o Monastério de Las Huelgas e a o Hospital Del Rey, são o testemunho deste passado e presente de riqueza, que permanece na bela cidade cortada pelo rio Arlanzón e seus parques.

Considerando que já fizemos um terço do Caminho, merecemos este repouso.

A Catedral gótica de Santa Maria teve sua construção iniciada no século XIII, por Fernando III, o Santo (que redundância) e abriga em suas interiores inúmeras e magníficas obras de arte, esplêndidas capelas, e, entre seus tesouros, o sepulcro do Cid e de sua esposa. Ele, por certo pela falta de tempo, ainda não foi santificado.

EL CID

Rodrigo Díaz, depois chamado pelos árabes de El Cid (o Chefe), Cid Campeador (Exímio Chefe) ou “Aquele que em boa hora nasceu”, nasceu em Vivar, hoje chamada de Vivar del Cid, pequena vila ao norte e próxima de Burgos, em 1043, em plenos tempos das lutas permanentes, entre os pequenos reinos cristãos e árabes da Espanha. Registre-se que entres os reinos cristãos, havia soldados árabes e entre os reinos árabes, soldados cristãos.

Ou seja, a luta religiosa, se é que foi luta religiosa a Reconquista, ainda não tinha iniciado. Nenhum outro espanhol teve as glórias deste personagem legendário, mormente agora, quando a nova leitura da descoberta e conquista das Américas é uma página de saques e mortes, patrocinadas pelos capitães do Velho Mundo, em busca de tesouros e não de glórias.

Sua história vale a pena ser contada, porque enquanto as vidas de Guilherme Tell, Dom Quixote, Rei Artur, Amadiz de Gauda ou Gil Blas de Santillana, personagens que enchem as páginas da cavalaria, da fidalguia e do romantismo, pertencem ao irreal, Rodrigo é verdadeiro e bem documentado, o que demonstra o quanto a realidade é mais forte que a ficção.

Assim como o verdadeiro Rolando, deu origem a “Canção de Rolando”, produto da imaginação, também Rodrigo deu origem ao “Cantar del Mio Cid”, em duas versões fantásticas.

Manuel José Quintana, historiador espanhol, publicou em 1807 a obra “Vida de Españoles Célebres”, na qual separou a verdade da fantasia, e ainda assim obteve um personagem invulgar. Vamos nele nos louvar. É uma história só possível na Espanha.

De família nobre, mas não rica, Rodrigo foi mandado para Burgos, para a corte de Fernando I, poderoso senhor, que reinava sobre Leon, Castilla e Galícia. Antes de morrer, Fernando fez a bobagem de repartir o reino entre seus cinco filhos. Para Sancho tocou Castilla a mais forte, León ficou com Alfonso e a Galícia com Garcia. Zamora e Toro, quase na fronteira com Portugal, ficaram com as filhas Urraca e Elvira respectivamente. Sob a promessa solene de não brigarem entre si e de todos defenderem todos. Mas eles eram os três mosquiteiros às avessas.

E aí começaram os problemas. Pelo ano de 1065, Rodrigo vivia e era educado no palácio de Sancho, em Burgos, para a carreira das armas, como todo nobre que se prezava. Logo seu rei entrou em guerra com a vizinha Aragon, vencendo e matando seu rei e Rodrigo, pelos seus excepcionais feitos, foi armado cavaleiro. Livre de inimigos externo e ainda mais forte, Sancho resolveu reunificar o reino de seu pai a custa de combater os irmãos. Atacou León, sabidamente o reino mais fraco, imaginando um rápido desfile militar.

A luta, no entanto, foi dura, e após as primeiras vitórias, sofreu uma grande derrota em Carrión de los Condes (por onde passaremos brevemente). Em fuga, Rodrigo lhe aconselha reunir o possível de suas tropas dispersas, e atacar, já na próxima madrugada, o inimigo que estaria dormindo tranqüilo, no campo da vitória.

Assim sucedeu e Castilla derrotou definitivamente León. Alfonso, o dorminhoco, foi preso e desterrado para Toledo que estava em mãos dos árabes. Agradecido Alfonso: alguns anos mais tarde, expulsará da cidade, pela força, seus anfitriões. Rodrigo, como recompensa, passou a ser um dos pares do novo reino.

Sancho saiu então contra a Galícia, do irmão Garcia, que era um rei mal visto entre seu povo, por sua incompetência. Sem poder enfrentar o irmão, Garcia recuou para Portugal, que ainda pertencia á Espanha, e chegou a Santarém, norte de Lisboa. Levado pelo desespero ante a perseguição implacável travou batalha e no primeiro momento, pelos azares dos combates em grupo, que caracterizavam as batalhas daquele tempo, prendeu Sancho e pôs os castelhanos em fuga.

Mais uma vez, ante a debandada geral, couberam as glórias á Rodrigo que assumiu o comando do exército derrotado. Manobrando com habilidade conseguiu invadir o acampamento onde estava preso o rei, libertando-o. Depois, reunindo os soldados que encontrava dispersos, retornando para seu território, saiu atrás de Garcia que, por sua vez, perseguia o grosso do exército castelhano em debandada. Mais uma vez ele foi à salvação de Sancho e de Castela e Leão. Garcia, atacado pela retaguarda por um exército que julgava inexistir, ficou entre dois fogos e foi completamente derrotado, sendo obrigado a renunciar.

Mais um episódio de glória, a qual se acumularam as riquezas oferecidas pelo soberano, duplamente agradecido.

Logo depois, levando consigo el Cid, Sancho partiu para conquistar Zamora, cercando a cidade. Lá foi assassinado, e Alfonso, que estava em Toledo, sabedor da boa nova, correu para León reconquistou seu antigo reino, seguiu para a Galícia, onde novamente Garcia foi derrotado, e postulou a coroa de Castilla. Os nobres castelhanos, irados com a morte de Sancho, delegaram a Rodrigo exigir de Alfonso um juramento, de que nada tinha a ver com a morte do irmão.

Presas suas mãos pelas de Rodrigo, Alfonso jurou a contra gosto, na igreja de Santa Gadea em Burgos. Tornou-se assim rei da Galícia, Castilla e León e Rodrigo conquistou seu maior inimigo. Sua influência era muito grande na corte e sua capacidade de cavaleiro ainda maior. Casou-se então com Dona Ximena ou Jimena, da própria família real, e sua fortuna e poder cresceram ainda mais.

Varias batalhas travadas e vencidas contra os mouros, resgates recebidos, prisioneiros perdoados, cidades conquistadas por toda a Espanha, tornaram seu nome conhecido em toda El Andaluz. Foi então que os mouros passaram a chamá-lo de El Cid ou Cid Campeador. Mais amado e respeitado que o rei, a inveja levou Alfonso a expulsá-lo de Castilla em 1076.

Levando consigo poucos soldados e amigos que resolveram segui-lo, foi servir ao rei de Zaragoza, derrotando todos seus inimigos em campo de batalha. Feita as pazes com Alfonso em 1088, volta a Burgos, servindo em todas as batalhas travadas contra os mouros por Castilla, León e Galicia, então unificadas.

Novamente injuriado pelo rei em 1092, abandona o reino e levando consigo alguns poucos companheiros, jogando contra a fortuna, invade terras árabes e fortifica um castelo conquistado, entre Valência e Zaragoza. Em pouco tempo, mais uma vez, lutando contra árabes e cristãos, torna-se o senhor da região e sentindo-se forte, resolve conquistar para si a cidade de Valência, então em mãos dos árabes.

A estes tempos, com a fama conquistada, mais e mais soldados cristãos e árabes, procuravam se por às suas ordens, sinônimo de vitórias, conquistas e principalmente, resgates a serem pagos pelos vencidos.

Realiza o intento, que era julgado impossível por todos os reis católicos espanhóis, pois em 1094, a rica cidade da costa do Mediterrâneo, era um importante porto comercial, e estava encravada em pleno território mouro. Suas altas muralhas e milhares de soldados, facilmente abastecida por tropas árabes vindas da África, faziam dela o sonho impossível. Consegue, no entanto tornar-se senhor da Cidade e de toda a região, ficando em sua posse até sua morte em 1099. Administrou-a de forma independente, como senhor e rei, com sabedoria, atendendo equitativamente a mouros e cristãos.

Como Valência era mantida apenas pelo seu valor militar e pelo respeito que seu nome causava, em seguida a sua morte, foi reconquistada pelos muçulmanos. Antes disso, seu corpo foi transladado pela família para Burgos, em cuja Catedral foi sepultado. Sua história, no entanto vai ainda mais longe.

Em 1541 Carlos V, era o notável Imperador espanhol. Aos seus imensos domínios da América, juntava a coroa da Alemanha e dos Países Baixos, sendo o mais poderoso monarca europeu de sua época. Entre seus inúmeros negócios e problemas á resolver (incluindo as eternas guerras contra Francisco I, rei da França), tomou conhecimento de que os corpos de Rodrigo e Ximena tinham sido retirados de seu lugar de descanso, no ponto de maior relevo de qualquer Catedral. Seu cruzeiro, onde a nave principal encontra as naves laterais, sempre menores.

O autor foi algum bispo mais afoito, que julgava o casal indigno de ali repousar, pois afinal, Rodrigo e Ximena não eram santos, e a quantidade de santos e relíquias é que fazia a riqueza dos religiosos do Caminho.

Expediu Carlos V uma determinação ao bispo dando quarenta dias para que “voltem ao lugar na forma e maneira que estavam e não sejam mais tocados em tempo algum”. Este sim foi um milagre. Pela voz do grande rei, tudo voltou ao anterior e hoje podemos visitar o túmulo do herói e sua esposa na Catedral. Caso único do Caminho em que um santo não é a figura principal, mais ainda assim, ligado a mais um milagre.

Segundo a lenda, a espada de Rodrigo, de puro aço toledano, feita com extremo cuidado e carinho, por um artesão palaciano, era incrustada com uma lasca de pedra, vinda do cárcere de São Pedro em Roma. Como era costume do tempo batizar as espadas, ela foi batizada com água benta, trazida por um parente seu, que peregrinou ao rio Jordão, na Terra Santa. Graças a estes encantos, ele foi protegido durante toda sua vida, e em suas centenas de combates e batalhas contra os infieis muçulmanos, adeptos de uma religião que não era a verdadeira. Ou contra os infieis cristãos, que deviam sofrer e pagar por suas ofensas diárias ao Deus verdadeiro.

E assim, neste preciso instante da leitura, cria-se mais uma das milhares de lendas do Caminho.

14a.Jornada

BURGOS (860m) á CASTROJERIZ (808m)

38,3 quilômetros

**Villalbilla (7 km)- Tardajos (2 km) – Rabé (2,1 km) – Hornillos (8 km)
– Hontanas (10,2 km) –Castrojeriz (9 km)**

Alt. max.- 930 m. em Hontanas

Em Tardajos, Hornillos e Hontanas, existem albergues oferecidos pelas prefeituras. Tardajos oferece um restaurante e Castrojeriz possui albergue, hotéis e pensões, além de restaurantes, camping, posto de gasolina, centro médico e banco.

A pé o trajeto não oferece dificuldades, passando por estradas de terra e havendo uma forte descida em Hornillos.

De bicicleta no mesmo Hornillos, há dificuldades no local chamado Cuesta Matamulas.

Se matam mulas, pior ainda as bicicletas.

De automóvel, o trajeto vai pela N 120 até Olmillos (km.144) e daí na direção Villadiego-Castellanos-Hontanas-Castrojeriz, por estradas locais.

Conforme dissemos, o ideal em Burgos é premiar o corpo e o espírito e hospedar-se na cidade, no centro, em dos hotéis que estão localizados na própria passagem do Caminho pela Cidade. Até porque o próximo trajeto é longo.

No caso de preferir-se o albergue, então se atravessa o rio Arlazón pela ponte dos Malatos e dobrando a direita, á margem do rio, logo vamos encontrar o imenso parque a cuja esquerda se encontra o Hospital Del Rey, e no qual se entra pelo portão senhorial. Uma belíssima alameda leva a uma clareira entre as altas árvores, onde se encontra o albergue, constituído de casas de madeira com inúmeros quartos com beliches, e ainda, muitos contêineres de aço, transformados em quartos, para serem usados quando aumenta o número de peregrinos.

No centro das mesmas, outra casa serve de banheiro e lavanderia e as calças, cuecas e camisas estendidas no varal, dão provas de quantas formas tem os homens de fazer penitência...

Do próprio parque abandona-se a cidade, seguindo pela margem do rio. Cruza-se a estrada de ferro, a auto-estrada e acompanhando o rio, segue-se na direção de Villalbilla, atravessando novamente a estrada de ferro, para em seguida sair do caminho de terra, e chegar à nossa conhecida N-120 que leva a Tardajos.

Tardajos é uma cidade de origem romana, e ficava a margem de uma das tantas estradas calçadas, que este povo italiano construiu para ligar seus domínios. Faziam calçadas no Caminho e San Tiago nem era ainda nascido. Isso sim, se chama previsão de um bom administrador.

Deixando a localidade pela calle del Mediodia, saindo pela esquerda da 120, entra-se no vale do rio Urbel, por um caminho asfaltado que leva a Rabé de las Calzadas. O nome é conhecido desde a antiguidade, porque por ela passaram em distintas épocas, duas “calzadas” ou calçadas importantes: a estrada romana, que corria paralela ao norte espanhol, ligando uma fortaleza perto de Reinosa (Juliobriga) ao porto de La Coruña (Clunia) e o Caminho Francês para Compostela.

Saindo da Rabé, e deixando uma pequena ermida e um cemitério a esquerda, inicia-se a estrada de terra com uma leve subida, que permite ver, no alto, o Caminho serpenteando pelos planos á frente, em meio aos campos de cultivo, até a descida do vale do rio Hornazuela, em cujas margens está Hornillos del Camino, típica vila de uma só rua, criada na antiguidade para dar guarida aos peregrinos .

A rua chama-se Calle Real, pois o lugar foi doado por Alfonso VII para criar-se um mosteiro. Na antiguidade, na entrada do povoado, existia um hospital para atender os peregrinos necessitados.

Estas pequenas vilas do norte da Espanha são todas iguais: uma rua larga sem nenhuma árvore plantada, com sobrados de pedra sem reboco e sem pintura, encostados uns aos outros, em variados estados de conservação ou decomposição. Durante o dia, é provável se encontrar mais peregrinos em suas ruas, do que seus moradores.

Saindo de Hornillos, a estrada de terra segue em linha reta e vai á Hontanas. O trecho segue por seis quilômetros, entre as plantações, desta planície normalmente quente e deserta, até a descida para o arroio Sambol, onde existe uma fonte á esquerda para saciar a sede.

Subindo novamente, pelo outro lado do arroio, atravessa-se a estrada que vai a Villadiego, não longe á esquerda. Em frente, à mesma natureza de campos planos com cercas de pedra, um que outro mato, plantações e pastagens até Hontanas.

Considerando o caminho percorrido, com poucas subidas e descidas, e que Hontanas é o local mais alto do trecho, conforme a hora e as condições físicas convêm lembrar que Castrojeriz, é um local mais aprazível, com maiores recursos, contando, além do albergue, com hotéis e restaurantes e, melhor ainda, é o final deste trecho tão sem atrativos.

Prosseguindo, se cruza a estrada geral que vai para Castrojeriz, seguindo-se pelo seu lado esquerdo até pouco adiante, na Fonte dos Peregrinos, frente às imponentes ruínas do antigo convento de San Antón, pertencente à Ordem religiosa de Santo Antão, que ficou famosa por curar uma doença chamada “Fogo de Santo Antão”.

Esta doença propagou-se na Europa entre os séculos X e XI, fazendo vítimas por onde passava. Suas características eram erupções cutâneas em forma de pústulas. Por alguma razão que a história não guardou, os padres da Ordem tornaram-se tão aptos a curá-la, que a mesma tomou o nome do seu fundador.

Visitando estas ruínas, se entra na estrada cruzada há pouco e, por ela, segue-se até Castrojeriz, de cuja aproximação a primeira notícia é o castelo de mesmo nome, construído no alto da montanha, a cuja base, como sempre na Europa, se estende a cidade, espalhada através de uma rua central muito larga.

Não vale a pena visitar o castelo, mas sua massa imponente, agora em ruínas, dá uma idéia da importância do local, já habitado pelos visigodos, defendido pelos romanos e palco de muitas lutas, nos séculos IX e X, entre cristãos e árabes.

Uma estátua de Santiago, vestido de peregrino, com enorme bastão e um grande chapéu adornado de vieiras, dá as boas-vindas quase na entrada da vila, á direita, na Colegiata de Nuestra Señora del Manzano (Séc.XIII).

Durante o descanso na vila, pode se visitar também as igrejas de Santo Domingo e a de San Juan. As três construções religiosas são notícias da importância do local nos séculos passados.

15a. Jornada

CASTROJERIZ (808m.) - FRÓMISTA (780m.)

25 Quilômetros

Itero de la Vega(11,2 km.) – Boadilla (8,4 km.) – Frómista (5,4 km.)

Alt. max. – 900 m. no monte Mostelares

Em Itero e Boadilla existem albergues. Em Frómista existe albergue, além de hotel, pensões, restaurante, posto de gasolina, centro médico e banco.

A pé, é um caminho de terra, com uma difícil subida, pelas sendas empedradas da costa do Mostelares, seguindo por caminho de terra após o rio Odrilla, e terminando empedrado a partir de Itero. Depois de Boadilla é fácil, seguindo ao lado do Canal de Castilla.

As faldas do Mostelares tornam inviável o trânsito de bicicletas. Por isso, o melhor é seguir pela estrada que vai a Melgar de Fernamental, e logo depois do rio Ordilla, tomar a estrada secundária para Itero e depois Bodegas, seguindo na direção de Frómista, e reencontrando o Caminho em Boadilla.

De automóvel o percurso é o mesmo das bicicletas. Por estradas locais também são 25 quilômetros.

Saindo de Castrojeriz, o Caminho desce até uma encruzilhada de estradas, e passando pelas mesmas, vai em direção ao rio Odrilla, que é cruzado por uma pequena ponte medieval. Segue em linha reta na direção da montanha Mostelares, parte de cujas encostas íngremes sobe, enquanto as atravessa, até chegar aos 900 metros de altitude.

O Caminho de terra então desce, através de uma área de campos cultivados, por cerca de sete quilômetros, até a Fuente del Piojo, que significa em espanhol piolho ou sujeito importuno.

A tradução preferida será ditada pela sede, pela vontade de tomar água e pelas companhias encontradas no local.

Pouco depois, chegamos à estrada que segue para Frómista, ao lado da qual existe uma capela (séc.XIII) e as ruínas de um hospital (séc.XII). À direita, não longe está Itero del Castillo, antiga povoação fortificada, última fronteira de Castela, e hoje última vila da Província de Burgos.

À frente, o grande rio Pisuerga, que se atravessa por uma ponte em arcos, hoje restaurada, e mandada construir pelo sempre presente Alfonso VI (1065-1109), cujas obras pelo Caminho, tornaram possível o trânsito naqueles antigos tempos.

Por esta ponte entra-se na Província de Palencia. Pelo caminho empedrado á direita, logo após passar o rio, chega-se á Itero de la Vega, servido por um albergue.

Cruza-se a vila, onde, como sempre, a principal construção é a igreja, segue-se pelo asfalto ao seu final, até a travessia de outra estrada que vai de Astudillo a Osorno. Depois é uma estrada plana, de terra, entre campos de cereais. Á esquerda aparece uma vila de nome Bodegas e a frente se cruza o Canal del Pisuerga.

Dois quilômetros adiante, pela estrada empedrada, começa uma subida que leva ao Alto del Paso Largo, no meio de umas colinas. Pelo outro lado se desce para Boadilla del Camino, onde há um albergue.

Importante nesta vila, a Igreja da Asunción (séc.XVI) e o Rollo Jurisdiccional, (séc.XV), alta coluna de pedra lavrada, símbolo do local onde se fazia justiça, aí incluindo os julgamentos e, se fosse o caso, o justiciamento do condenado. São obras antigas fáceis de ver ao passar.

Saindo pelo outro lado de Boadilla, segue-se pela esquerda, paralelo ao Canal de Castilla, construído no séc.XVIII e que levava água para regar a terra, servindo ainda para transportar o cereal por pequenos barcos e mover moinhos de beneficiamento dos grãos.

Aproveitando uma eclusa do Canal, cruza-se o mesmo nas proximidades de Frómista, e chega-se a cidade pelo túnel rodoviário, sobre a estrada de ferro.

É uma cidade (?) com cerca de mil habitantes, onde vários hotéis, restaurantes, posto de gasolina e o melhor albergue do trecho, estão disponíveis.

A primeira notícia da vila de Frómista vem dos celtas, a quem sucederam os visigodos, quando a povoação foi importante, e finalmente os romanos. Os árabes arrasaram a cidade no século VIII e ela foi repovoada somente no século X.

Ao tempo da rainha Doña Mayor (século XI), fundou-se um mosteiro no local. Dele, o remanescente é a grande atração: a igreja de San Martín, templo com três altas naves e duas torres cilíndricas na fachada principal, uma das mais autênticas igrejas em estilo românico da Espanha. Uma excelente restauração, executada no início do século XX, retirou todos os acréscimos estranhos.

Como a pouco o Caminho lembrou o “Fogo de Santo Antão”, aqui se lembra o “Fogo de San Telmo” ou Santelmo, nome dado ao filho de Frómista, Pedro González Telmo (nascido em 1190), santo católico, patrono dos navegantes do Mediterrâneo e cuja estátua encontra-se na praça.

O santo não foi um estudioso renomado da física, nem descobriu algo novo sobre as águas, suas luzes, mares e comportamento. Mas, em ocasiões de tempestades marítimas, é possível surgir uma chama azulada no mastro dos navios em navegação, produzida pela eletricidade. Como o Mediterrâneo tem o santo como padroeiro, e este mar foi o mais navegado na antiguidade ocidental, deu-se ao fenômeno seu nome. Imagine, naqueles tempos, o pavor que tal ocorrência semeava entre a marujada, ignorante e crédula. Para se safar da luz do além, só invocando o santo do mar.

Por simbiose do patrono com a chama: Santelmo ou fogo-de-santelmo.

16a. Jornada

FRÓMISTA(780m.) – CARRIÓN DE LOS CONDES (830 m.)

19 Quilômetros

Población (3,6 km)- Revenga (3 km.) – Villarmentero (2 km.) – Villalcázar (4,4 km.) – Carrión (6 km.)

Alt. máx. – 830 m. em Carrión

Em Población existe um albergue; em Villalcázar albergue e restaurante. Em Carrión albergue, hotéis, pensões, restaurantes, camping (verão), posto de gasolina, centro médico e banco.

O trecho é bom para caminhar, menor que o anterior, com várias povoações pelo caminho. Segue-se primeiro próximo ao Canal de Castilla, e depois pela estrada asfaltada C-980.

De bicicleta e automóvel segue-se a rota dos pedestres.

Saindo de Frómista pela C-980 em direção a Carrión, durante todo o percurso deste dia, o Caminho segue por esta rodovia estreita e asfaltada, que não apresenta qualquer dificuldade para o pedestre.

É um dos poucos trajetos, também, em que os ciclistas não têm qualquer dificuldade a vencer. O percurso de automóvel é o mesmo e a estrada é farta em sombras. Os pequenos povoados a distâncias regulares oferecem oportunidade para descansar, comer e beber.

Quando a estrada está passando por Población, á esquerda encontra-se a capela bem conservada de San Miguel (século XIII).

Do hospital que a crônica antiga dizia existir em Población, no entanto, não paira vestígio algum.

Em Revenga, uma vertente possível do Caminho, passa pela povoação á sua frente e do outro lado da estrada, Villovieco e mais adiante Arconada, onde havia um mosteiro e um hospital para peregrinos, e que são testemunhas das antigas derivações do Caminho Francês.

Melhor seguir em frente, para Villarmentero, em cuja igreja se podem ver peças de arte mudejar (ornamentos arquitetônicos de linhas entrelaçadas em forma de figuras geométricas), feitos pelos mouros que continuaram habitando a Espanha, depois da Reconquista empreendida pelos cristãos.

Logo depois Villalcázar, que, como o nome indica, foi uma vila fortificada (alcazár = local fortificado). Construída pelos Cavaleiros do Templo, ou templários, no séc.XIII, e destinada a proteger os peregrinos, dela só restou a igreja de Santa Maria la Blanca.

A imagem da santa que dá o nome á igreja se acha sob um capitel, encostado em uma coluna.

Segundo o rei Alfonso X, “O sábio”, esta imagem sacra é autora de nada menos do que doze milagres comprovados, entre os quais, a cura de um grupo de peregrinos doentes que voltava de Compostela, sem ter sido atendido em suas súplicas por Santiago.

O leitor que for católico e pretenda fazer a viagem apenas para pedir graças, bênçãos ou milagres, por certo pensará duas vezes antes de seguir viagem. Trocando o poder maior pelo menor, o certo pelo duvidoso. Ainda mais, aprendendo agora, que Santiago nem sempre está disposto a ouvir pedidos de cura. Ou seja, se o objetivo é uma cura difícil, e não conseguir bênçãos em Villalcázar, não adianta seguir viagem. Este Santiago, onipresente, também sabe sacanear seus devotos de ocasião ou por necessidade.

Carrion de los Condes, hoje com 10.000 habitantes, foi importante centro romano, e cidade forte durante a luta de Reconquista cristã. O nome Condes provem da uma importante família local, nobres do Reino de León. O “Poema del Mio Cid” dá como genros do herói, a dois Condes de Carrion.

A partir do século XI, quando se criou o primeiro mosteiro (Mosteiro de San Zolio), e pelos séculos seguintes, Carrion foi um grande centro de apoio aos peregrinos, chegando a contar com sete hospitais.

Interessa a fachada da Igreja de Santa Maria del Camino (século XII), encostada nas muralhas da cidade antiga e ornada com touros nela esculpidos. Mais adiante, na Igreja de Santiago (século XII), incendiada pelos franceses, durante a invasão de Napoleão (século XIX), chama a atenção o friso em forma de arco sobre a porta, onde as figuras retratadas não são de santos, mas representação de artesões locais trabalhando em seus ofícios.

Na saída da cidade, o peregrino vai passar pelo mosteiro de San Zoilo, construído sob as relíquias do santo de mesmo nome, decapitado em Córdoba, junto com outros cristãos, durante as perseguições de Diocleciano, no tempo em que os imperadores romanos matavam os que não professavam suas crenças religiosas.

Algo assim como a Inquisição. Mas destes mártires pela fé, mortos com crueldade, nenhum foi santificado. A história sempre é contada pelos vencedores.

17a. Jornada

CARRIÓN DE LOS CONDES (830m.) – TERRADILLOS DE LOS TEMPLÁRIOS (880m.)

25 Quilômetros

Abadia Benevivere (4 km.) - Calzadilla (12,3 km.) - Ledigos (6,2 km.)- Terradillos (2,5 km.)

Alt. máx.- 900m. em Cruz

Em Calzadilla há um pequeno hotel com restaurante e um albergue. Em Terradillos há uma pensão com restaurante.

O trecho a pé, é por uma estrada estreita e muito empedrada, terminando por uma subida nas proximidades de Terradillos.

De bicicleta, é quase impraticável, pelas pedras soltas entre a Abadia e Calzadilla. O correto é seguir pela N-120 até Calzadilla e daí em diante acompanhar o trajeto dos pedestres.

De automóvel percorre-se a N-120 de Carrión a Terradillos, acompanhando os pedestres a partir de Calzadilla. O trajeto é um pouco mais longo, daí o porquê de os que andam a pé, seguir pela outra estrada. O total é de 29 quilômetros.

Atravessando o rio Carrión, pela estrada N-120, deixa-se á esquerda o mosteiro de San Zoilo, e saindo da N-120, toma-se um caminho asfaltado até as ruínas da Abadia de Benevivere (século XI). Bom nome este para um convento de frades. Longe do mundo, perto do Caminho, e com o nome Bem viver. Naqueles tempos de dificuldades, mesa e vinho farto não se encontravam em qualquer lugar. Bem aventurados frades da Abadia de Benevivere.

Logo depois se abandona este asfalto, à esquerda, para entrar em uma estrada estreita e muito empedrada. Pouco adiante, uma fonte lembra a necessidade de levar-se o cantil cheio, pois, pelos próximos doze quilômetros, a planície e a água, perder-se-ão de vista.

O Caminho agora, em várias ocasiões, acompanha uma antiga calçada romana.

Após cruzar a estrada que vai a Bustillo e vários arroios, se vê ao longe a torre da igreja de Calzadilla de la Cueva, e o final da pior parte deste trajeto. Em Calzadilla se aproveita a estrada N-120 desta vez para seguir na direção de Ledigos.

Neste povoado, deixa-se a estrada á direita e, por um atalho de terra, se alcança Terradillos de Templários.

Não obstante o nome pomposo desta antiga localidade, nenhum vestígio existe no lugar, da presença dos frades guerreiros, que fizeram sua fama nos campos da Palestina.

Como próximo fica o ponto mais alto do trajeto, 900 metros, poderia ter havido ali uma pequena fortificação templária já que, logo após o povoado, o arroio tem o nome de Templários.

18a. Jornada

TERRADILLOS DE LOS TEMPLARIOS(880m) – SAHAGÚN (829 m.)

12,6 Quilômetros

Moratinos (3,1 km.) – San Nicolás (2,5 km.) – Sahagún (7 km.)

Alt. máx. – 880 m. em Terradillos

A pé, são caminhos de terra até San Nicolas, e a partir daí, a estrada pavimentada bem sinalizada.

De bicicleta, segue-se a rota dos pedestres sem qualquer dificuldade.

De automóvel, acompanha-se o Caminho pela N-120, em uma rota quase paralela. São 10 quilômetros. É o percurso dos peregrinos malandros, já meio cansados, após 18 dias de caminhada.

Em Sahagún, foi restaurada a Igreja de la Trinidad, e nela foi instalado um ótimo albergue. Encontram-se vários hotéis, pensões, restaurantes, posto de gasolina, serviços médicos e bancários e um camping no histórico “Prado de las Lanzas”, depois da ponte, na saída da cidade.

Saindo de Terradillos, por um caminho paralelo e á esquerda da estrada N-120, cruza-se o arroio Templarios, e se divisa Moratinos, antiga localidade habitada por mouros, que se tornaram cristãos.

Adiante, sempre acompanhando a N 120, aparece San Nicolás del Real Camino, localidade onde - há documentos antigos que atestam -, os cavaleiros templários possuíam propriedades na região.

Depois, na saída do povoado, cruza-se o arroio Sequillo, que significa o mesmo que em português: bolo seco e farináceo. Portanto, não há necessidade de ponte para cruzá-lo.

A seguir o Caminho passa por cima da N-120, e cruza a divisa entre as províncias de Palencia e León. Seguindo pela direita da N-120, logo haverá uma fonte de água, e atravessando o rio Valderaduey, a ermida da Virgen de la Puente, de onde se divisa Sahagún, a qual se chega por uma estrada, primeiro de terra, e depois pavimentada, cruzando por um túnel, a rodovia e a estrada de ferro, e já próximo à estação ferroviária. O antigo cruza com o novo.

Situada na margem do rio Cea, Sahagún foi fundada provavelmente pelos romanos, com o nome de Camala.

Como fizemos mais de cinquenta quilômetros, desde Frómista, sem encontrar restos de santos, é necessário recuperar o tempo perdido. Assinale-se aqui, como o local, onde foram martirizados os santos Facundus e Primitivus, filhos de um militar romano de León, santo Marcelo e de sua digna esposa, incrível, a também santa, Nonia.

Esta sim é que foi uma família exemplar. Pais e filhos se tornaram ativistas religiosos, no mais perfeito espírito dos palestinos da atualidade.

Já a partir do século IX, existia em Sahagún, um mosteiro, que mais tarde serviu de refúgio a nada menos que Alfonso VI, que aí foi educado. Já rei, retribuiu a cidade seus favores, tornando-a inclusive local de estadia de sua corte.

Na igreja da Abadia de la Santa Cruz de las Madres Beneditinas, estão enterrados seus restos mortais, bem como de suas quatro esposas, o que pressupõe que Alfonso, era rápido em: construir pontes, hospitais, mosteiros, estradas, combater sarracenos e casar. Nossa, que vida movimentada!

Não se sabe por qual dos atributos recebeu o cognome de “o Santo”. Os maridos-leitores podem ter uma opinião bem diversa das esposas-leitoras. Sorte que quem escolhe santo é o Papa, um homem.

Se considerarmos que viveu apenas 44 anos, pode-se dizer que teve uma vida cheia. Do que dá mostra a própria Abadia. Tão pródigo foi o rei com ela, que se tornou o mais importante centro cristão do Caminho, com propriedades espalhadas de uma ponta a outra do reino.

Aproveitando o tempo livre, vale a pena a visitá-la, e as igrejas de San Lorenzo (século XIII) e San Tirso (século XII), ambas em estilo mudejar, herança dos mouros, na Espanha cristã.

19a.Jornada

SAHAGÚN (829m.) - EL BURGO RANEROS (878m.)

17,7 Quilômetros

Calzada del Coto(4,9 km.)- Bercianos del Real Camino (5,5km.) – El Burgo Raneros (7,3 km.)

Alt. máx.- 878 m. em El Burgo Raneros

Praticamente um plano, o Caminho segue primeiro pela N-120, até Calzada del Coto. Nesta vila há duas opções. A primeira e óbvia, é pela estrada do Real Camino Francés. Trata-se de uma pista de terra compactada, a cujos lados foram plantados plátanos e dedicada exclusivamente aos peregrinos, contando ainda com bancos e áreas de descanso.

A segunda opção, que nos lembra a aduana portuguesa, faz uma volta pela direita, possibilitando-nos um maior esforço por uma maior distância, cruzando pelo alto da montanha de Valdelocajos. Este é o caminho dos penitentes, que tem de pagar por seus erros passados.

O Caminho é o mesmo para bicicleta, e seguramente nenhum ciclista vai reclamar de poder fazer os próximos 32 quilômetros (até a 20a. jornada), pela calçada plana, bem cuidada e arborizada.

De automóvel, segue-se pela N-120, alcançando Calzada del Coto e depois Las Grañeras, onde se dobra á direita para El Burgo Raneros, sempre por estrada pavimentada, em um total de 19 quilômetros.

Em Calzada del Coto e Bercianos, há albergues municipais.

Em El Burgo Raneros, há um dos melhores albergues do Caminho, além de pensões e restaurantes.

A saída de Sahagun se faz pela ponte de Canto, sobre o rio Cea. Adivinhe quem a construiu? Ele mesmo. O eterno viúvo, Alfonso VI. Em 1085.

À direita, logo saindo da ponte, cresce um bosque de choupos, uma floresta de árvores altas e esguias, no local chamado de “Prado de las Lanzas”. Lembrança dos tempos de Carlomagno ou Carlos Magno, rei dos francos que em 788, invadiu a Espanha e tomou Pamplona aos árabes. Dividiu ali seu exército. Parte seguiu para o sul, e conquistou Barcelona (801), expulsando também dali, temporariamente, os mouros.

Outra parte, comandada pelo próprio rei, seguiu na direção de Santiago de Compostela e teve pior sorte. Segundo um poema do século XII, “História de Carlomagno y Roldán (Rolando)”, encontraram um grande exército árabe, comandado por Aigolando, o maior chefe mouro da época, nestas planícies junto ao rio Cea.

Na noite antes da batalha, os soldados cristãos acamparam ao longo do rio, ao lado da ponte. Como era costume, cravaram suas lanças no solo. Ao amanhecer, quando foram empunhá-las, elas tinham brotado, criando casca e ramas verdejantes.

Os soldados então, maravilhados com o milagre, com suas espadas, cortaram-nas rente ao chão, e destas lanças que formaram raízes durante a noite, surgiram às árvores do local, hoje chamado “Prado de las Lanzas” ou “Prado de las lanzas de Carlomagno”.

Na dura e sangrenta luta daquele dia, segundo a lenda, 40.000 soldados cristãos morreram, inclusive o pai de Rolando. Carlomagno e os Paladinos de França – seus nobres mais valorosos - lutaram com grande heroísmo, e fizeram prodígios de valor, mas tudo em vão.

Ao cair da tarde, derrotados, abandonaram o campo de batalha. Por certo, com o milagre da noite, os franceses imaginaram-se vitoriosos naquele dia. Mas fazer milagre também cansa. E do descanso dos santos, aproveitaram-se os hereges.

Pouco depois do prado, sempre acompanhando a N-120, se cruza por um túnel sobre outro ramo desta rodovia, e logo se chega a Calzada del Coto, antiga vila já nominada no século IX como uma “calzada” (calçada) de Castela.

Na entrada de Calzada, inicia o melhor trajeto para El Burgo, através da alameda feita especialmente para peregrinos, e chamada de “Real Camino Francés”. Após passar ao lado das lagunas del Hito, se chega a Bercianos.

Atravessado o povoado pela Calle Mayor (já ouvi este nome), o Caminho passa por um reservatório de água para animais, e logo recomeça a calçada arborizada.

Adiante, próximo ao arroio del Olmo, há uma fonte de água potável, chamada “Fuente del Romero”, como tantas outras do Caminho. Seguindo adiante pelo traçado arborizado, entramos em El Burgo Raneros, criado por volta do século XII.

Um viajante do século XVII contava que, as casas ou palhoças da cidade, eram semelhantes as que iremos ver em Cebreiro, muitos quilômetros adiante, no alto das montanhas da Galícia. Estas “pallozas” são cabanas de pedras com teto de palha.

20a. Jornada

EL BURGO RANEROS (878 m.) – MANSILLA DE LAS MULAS (799 m.)

18,6 Quilômetros

Reliegos (12,5 km.) – Mansilla (6,1 km.)

Alt.máx. - 878 m. em El Burgo Reneros

A pé, o Caminho até Mansilla é pela calçada arborizada pela qual se chegou a El Burgo. Atravessa-se a vila pela Calle Real e a saída, logo após uma lagoa, encontramos a calçada.

Por esta calçada seguem também as bicicletas, sem qualquer dificuldade, ainda mais considerando as altitudes dos dois pontos extremos.

De automóvel, se retorna a Las Grañeras, á N-120, e por ela até a N-601, sentido norte para Mansilla. Trajeto com cerca de 20 quilômetros.

Como todos os vilarejos do Caminho, é possível abastecer-se de água e comprar algum alimento.

Em Mansilla, existe um albergue, pensões, restaurantes, serviço médico e bancário e posto de gasolina.

O trajeto é tranqüilo pelo Real Camino, construído especialmente para peregrinos, a pé ou de bicicleta, com árvores plantadas ao redor e pontos de descanso com bancos. É uma alameda estreita e sem fim, que convida a caminhar e meditar.

Qualquer pessoa acostumada a andar – e o leitor ou leitora, por certo é um deles – sabe que o espírito vagueia rápido, enquanto se aproveita o dia para uma boa caminhada. Imaginem então, quem está em paragens tão densamente povoadas de história e religião.

Onde castelos, fortalezas, igrejas, pontes, fontes de água, casas e “calzadas”, contam-se pelas centenas de anos. Onde os homens e mulheres santas, contam-se as dúzias, onde os objetos religiosos de adoração ou as fontes de água refrescantes parecem-se com figuras de museus.

O Caminho é mantido limpo, as ruas das vilas sem sujeira, e a água dos arroios e rios corre cristalina.

Nossa segurança é garantida com eficácia pelos policiais espanhóis, sempre presentes e atentos. Os companheiros de peregrinação se sucedem, entre os que vão mais ligeiros ou devagar, entre os ciclistas ou automobilistas.

Montanhas, montes e planícies; campos de planta e gado e campos vazios; rios, arroios ou sangas; céu claro e azul com nuvens brancas ou de um nublado na cor chumbo; chuva, garoa ou neblina; sol forte e mau amigo ou sol brando e acolhedor. Neve e gelo.

Matas, onde o Caminho vira picada empedrada, de sobe e desce. Ou planos, onde a vista ao alcançar o fim, vê que a terra encontra o céu, às vezes mostrando claramente: o Caminho acaba em um ponto no horizonte longínquo que deveremos alcançar.

Em oitocentos quilômetros, em qualquer lugar do mundo, toda paisagem sofre mutações, salvo no deserto, e, aos engraçadinhos que lembrarem que nos oceanos também, retruco que nos oceanos contamos as distâncias em milhas.

Mas em nenhum destes lugares, estas modificações vão calando tão fortemente no espírito, preparando-nos para o “grand finale”.

Os peregrinos muçulmanos, que todos os anos, partem de todos os rincões do mundo, em direção a Meca, por chegarem rapidamente ao destino, não conseguem alcançar os patamares de paz interior dos cristãos que, metro a metro, hora a hora, dia a dia, vão saboreando o norte da Espanha.

Instala-se uma paz interior devida ao cansaço exterior, dos que andam a pé ou em bicicletas, que leva a meditação.

Assim como o hipnotizador primeiro pede ao paciente que relaxe os membros, que feche os olhos e que não pense em nada, assim o Caminho nos pede que nos aprofundemos nele, em sua história, em suas lendas, em seus andares.

Relaxando, deixando os membros manobrar naturalmente. Em paz, em calma, no exame de nossas vidas e dos que nos são queridos. Comparando a nossa vida: no dia a dia, nos nossos afazeres normais, e a nossa estadia pelo Caminho. É tão imensa a diferença, tão pequenos agora os nossos anseios e vaidades, se compararmos o universo ao nosso redor á redoma de nossas cidades.

Sigamos adiante, porque estamos analisando o Caminho sob o ponto de vista histórico e geográfico e não metafísico.

Dezenas de arroios e sangas cruzam pelo Real Camino, entre El Burgo e Mansilla. Aliás, já devemos ter passado de um milhar de rios, arroios e sangas cruzados. A direita, não longe, corre uma derivação do Caminho, aquela que foi abandonada em Calzada del Coto, e que é pior. Só será perceptível se houver alguém caminhando por ela.

A chamar a atenção o povoado de Reliegos, por onde passava a estrada romana de Bordeaux (porto do Atlântico) á Astorga cruzando em Reliegos, com a estrada que Roma havia construído para ligar Astorga á Tarragona (porto no Mediterrâneo próximo á Barcelona).

Perto daqui, em León, os romanos mantinham a poderosa VIIa. Legião, corpo de cavalaria e infantaria do exército romano, composto por cerca de 6.000 soldados, que podiam constituir família no local onde serviam. Daí a imaginar-se, o movimento permanente de Reliegos, nos bons tempos do Império Romano, comparados com a sonolência do povoado de hoje. Considere-se que esta Legião foi ativa de 68 DC até o fim do século IV.

Reliego perdeu a importância nos séculos seguintes, mas, com o início da peregrinação para Santiago pelo Caminho Francês, passou a ser passagem obrigatória dos peregrinos.

Seis quilômetros depois, se chega a Mansilla de las Mulas, as margens do rio Esla, e onde se encontram os dois ramais do Caminho, iniciados em Calzada del Coto, e que vinham quase em paralelo.

Mansilla data do século X, e foi uma importante cidade amuralhada, da qual ainda restam partes, nas margens do rio, para serem visitadas. Suas ruas desembocam nas antigas portas da cidade e quem vem pelo Caminho entra na mesma pela Puerta da Santiago, já sem seu arco, chamando a atenção os grossos muros ao redor. Com Santiago no arco e os grossos muros, a cidade preferiu não mandar fazer as portas para fechar a entrada e impedir os ataques.

Não é daí que vem o apelido de seus moradores. De las Mulas, advêm de uma importante feira anual de mulas e cavalos que lá se realizava até a metade do século XIX.

21a. Jornada

MANSILLA DE LAS MULAS (799m.) - LEÓN (823 m.)

14 Quilômetros

Villamoros (4 km.)- Valdelafuente (6 km.) – León (4 km.)

Alt. máx. – 890 m. depois de Villarente

Este trecho, para quem anda a pé, segue junto á N-120 ou acompanhando-a, ou cruzando-a ou paralelo a mesma, pela sua esquerda, e a pouca distância depois de Villarente (pouco adiante de Villamoros). O melhor é seguir pela própria rodovia.

De bicicleta toma-se pela N-120, igual que de automóvel.

León é uma grande cidade, com cerca de 150.000 habitantes. Foi fundada pela VIa. Legião Romana, que foi trazida da Inglaterra, por César Augusto, para combater os cantábrios (30 a.C.). Todos os confortos e necessidades possíveis, portanto, nela se encontram ou podem ser atendidas.

Há, no entanto deficiência no albergue local, na Colegiata de San Isidro. A hospedagem deve ser feita em um dos tantos hotéis e pensões, situados ao longo do Caminho, que atravessa a Cidade, de uma ponta a outra, por cerca de quatro quilômetros. Ou, para quem procurar algo mais caro, o Hostal de San Marcos, próximo ao rio Bernesga, na saída da Cidade, um dos grandes hotéis da Espanha, situado em um prédio restaurado que remonta ao ano de 1151.

A saída de Mansilla é pela N-601/N-120, através da ponte medieval sobre o rio Esla. Um pouco adiante do rio, a uns duzentos metros à direita da estrada, em uma coxilha, ficam os restos de Lancia, praça forte e último reduto dos astures, povo do norte da Espanha que foi o último a ser subjugado pelos romanos (26 a.C.).

León, grande cidade, tem muita gente pelas ruas, comércio forte, trânsito, e tudo o que faz parte do dia a dia de uma cidade deste porte. Os peregrinos passam despercebidos. No entanto, com as flechas amarelas pintadas pelas ruas, além das conchas (vieiras) metálicas encravadas nos passeios centrais, não há como se perder.

E, como diz o ditado: “quem tem boca vai a Roma”, o melhor é não perguntar. Para não viajar na direção contrária...

A partir de Valdelafuente, já se está nos subúrbios da antiga capital real do Reino de León, na qual se entra pelo bairro de Santa Ana. Segue-se pelas ruas Barahona, Herreros, Puerta Moneda, de la Rúa (abreviatura da antiga rúa de los Francos), até a plaza de San Marcelo, e a igreja de mesmo nome (século XII). É uma homenagem ao centurião romano da VIIa. Legião, martirizado no século III, por converter-se a uma estranha religião. Que, cada vez criava mais deserções, entre os crentes das antigas divindades romanas.

Saindo da igreja, se toma a Calle Ancha, á direita, e por ela se desemboca na Plaza da Regla ou de la Catedral. A Catedral é uma igreja gótica do século XII famosa por seus vitrais. Nos fundos da mesma, se podem visitar mais algumas partes da antiga e colossal muralha romana da Cidade.

Da Catedral, pela Plaza, saindo ao lado da oficina de turismo, se toma a calle D. Merino e a Del Cid, para chegar-se ao grande conjunto da Real Basílica de San Isidro, que deve ser visitada, sem esquecer o Panteón Real, onde estão enterrados os reis de León.

San Isidro morreu como bispo de Sevilha em 626. A estas alturas, Roma deixara de ser um império temível, e no século V a Península Ibérica foi invadida, sucessivamente, por suevos, alanos, vândalos e, mais tarde visigodos. Tendo escapado do domínio romano e das invasões bárbaras, conseguiu morrer de morte natural. Homem de sorte!

Doutor da Igreja foi um de seus maiores escritores na Idade Média. Grande teólogo presidiu o Concílio de Toledo em 623, que traçou as normas para a constituição definitiva da Igreja Católica no seu país.

Seus restos mortais foram trazidos de Sevilha, no século XI, e a Basílica que os recebeu, a ele foi consagrada.

Antigamente, era costume dos peregrinos, visitarem os jazigos com os corpos dos santos mais conhecidos do Caminho: Santo Domingo de la Calzada, na cidade do mesmo nome, Santos Facundus e Primitivus em Sahagún, Santo Isidro em León e o Santo Apóstolo e razão da peregrinação, em Compostela.

Depois da Basílica, pela calle Renueva e Avenida Suero de Quiñones (guardem este nome!), chega-se ao Monastério e Hostal San Marcos (século XII), e logo a Puente de San Marcos, que atravessa o rio Bernesga e pela qual se sai da Cidade.

22a. Jornada

LEÓN(823m.) – VILLADANGOS DEL PÁRAMO (880m.)

22 Quilômetros

Trobajo del Camino (4,6km.)- San Miguel del Camino (9,4 km.) – Villadangos (8 km.)

Alt. máx.- 905m. em San Miguel del Camino

Entre León e Astorga, a N-120 é uma estrada de intenso movimento. Uma diagonal, unindo duas estradas importantes, que demandam ao norte da Espanha. O Caminho segue paralelo a esta estrada, ora pela direita, ora pela esquerda, cruzando-a várias vezes.

A pé, não obstante o trânsito é preferível seguir pelo acostamento até San Miguel, ganhando-se tempo e encurtando-se voltas desnecessárias. Ninguém vai ganhar mais ou menos bênçãos, por se dar este conforto.

Entre San Miguel e Villandagos, o Caminho segue quase sempre encostado e pela esquerda da N-120, devendo ser usado para maior tranqüilidade, porque está muito bem cuidado.

De bicicleta, toma-se a N-120 e segue-se direto a Villadangos, igual que de automóvel.

Há hotéis e restaurantes em Trobajo e, pouco adiante, em Virgen del Camino. E bares nos povoados até Villadangos. Aqui, há um excelente albergue, hotéis, pensões, serviço médico, banco e posto de gasolina.

A saída de León se faz pela ponte de San Marcos (séc.XVI). Adiante, na saída de Trabajo del Camino, olhando para trás é possível uma ampla visão de León.

Seguindo, em Virgen del Camino, foi construído um grande santuário (1961), no qual enormes figuras em bronze da Virgem e dos 12 Apóstolos, marcam a escultura moderna espanhola.

O Santuário antigo, no mesmo local é do séc.XVII. A Virgem apareceu naquele local, no início do séc.XVI, avisando a um pastor (lembrem-se de Lourdes e Fátima?) que queria que ali, naquele local alto e deserto, lhe fosse edificada uma igreja. Considerando o século, este pastor foi o precursor das crianças que, pelo mundo, viram aparecer ou conversaram com Nossa Senhora.

Como era espanhol este precursor, e para não despertar ciúmes entre os seguidores de seu Filho, nada mais justo que ela aparecesse depois para portugueses e franceses. E, diferente estas aparições, consagradas e aceitas como verdadeiras pela Igreja Católica, das supostas aparições de Medjugorje (antiga Jugoslávia) de 1981 em diante. E, que, por sua quantidade, acabou por virar uma bobagem internacional. Até hoje contestada por setores da Igreja Católica que duvidam da opção amistosa da Senhora, pelo padre franciscano local, Pedro Ljubicic, grande malandro, para guardar seus segredos. Mas estas já são outras histórias.

Voltando: rapidamente a devoção se propagou por toda a região e o Reino de León. Os milagres de multiplicaram, ficando os ex-votos expostos, para os incrédulos renegarem suas dúvidas.

Prova da força da Virgem, para os que crêem, é o ex-voto de um tal Alonso de Ribera o qual, naquele antanho, preso entre os mouros, foi por ela transportado até aqui, com as suas cadeias e o baú onde lhe prendiam. Que agora lá estão, para provar a verdade...

Alguém poderia lembrar-se dos tapetes voadores da literatura árabe. Mas aquilo é mentira e não pode haver comparação. Tapete é tapete. É um simples enfeite. E baú é baú, peça importante do mobiliário d'antanho.

Esta zona é uma área agreste e quente, onde apenas os arroios existentes e algumas escassas árvores, refrescam os passantes. Os habitantes locais, da época anterior aos romanos, denominavam esta região de páramo, sinônimo de zona alta e deserta. A denominação perdura até hoje. Inclusive em português.

As duas aldeias seguintes, Valverde (séc. X) ou San Miguel (séc.XII) servem para repouso do peregrino nos dias mais quentes.

Villadango teria sido fundada pelos astures para depois desaparecer da história. Posteriormente, na Idade Média, foi repovoada. Neste local, no século XII, a rainha Urraca, filha de Alfonso VI, auxiliada pelo filho Alfonso VII, combateu o rei de Aragão, Alfonso I. Por casualidade, seu ex-marido. Urraca, conta a história, era uma bruaca. Que infernizou a vida do marido.

O que menos falta no norte da Espanha, nos antigos reinos de Leão, Castela, Aragão e Navarra, são reis com o nome de Alfonso. No caso, o Alfonso I venceu a batalha e se tornou, por um tempo, rei também de Castela e Leão.

Portanto, também Villadango é terra de milagre: lá, um marido conseguiu ganhar uma discussão com a ex-mulher. Mesmo que usando a força. Milagre só possível na antiguidade.

Na igreja paroquial, acima do altar principal, Santiago o “Matamoros” veste a rigor, derrotando os árabes, com o cavalo á galope e espada na mão.

Estranha imagem de um santo para um altar de igreja. Mas típica da Espanha medieval, em que os reis passavam a vida a guerrear entre si, ou contra os mouros. Lembrando que foi deste norte belicoso, que saíram os primeiros soldados para a Reconquista da Al Andaluz.

23a. Jornada

VILLADANGOS (880m.) – ASTORGA (873 m.)

26 Quilômetros

Puente Órbigo (10km.) – Santibáñez (4 km.) – San Justo (8km.) – Astorga (4km.)

Alt. máx. – 905 no cruzeiro de Santo Toribio

A pé, segue-se pelo acostamento da N-120 até Hospital de Órbigo. No final da rua “Camino de Santiago” toma-se à direita e por um atalho de terra até Villares. Depois até Santibáñez por estrada asfaltada. O Caminho é então uma estrada de terra, subindo e descendo pela lateral de uma serra até chegar ao cruzeiro de Santo Toribio onde há uma encruzilhada. Tomando a direita se desce em linha reta para San Justo. Daí, aproveitando a ponte da N-120 se cruza o rio Tuerto e pela lateral direita da estrada se vai á Astorga aonde se chega por uma ponte antiga, após cruzar os trilhos ferroviários.

O trajeto de ciclista deve ser feito pelo acostamento da N-120 que liga as duas localidades porque as subidas e descidas da parte não asfaltada, do Caminho pelo trajeto a pé, são difíceis.

De automóvel segue-se pela N-120 percorrendo 27 quilômetros.

Em Puente Órbigo existe um albergue á margem do rio e outro em Hospital de Órbigo logo adiante, bem como hotéis, restaurantes e camping (verão). Em San Justo pensão e restaurante. Em Astorga, albergue, hotéis, pensões, restaurantes, camping (verão), serviço médico e bancário, oficina mecânica e posto de gasolina.

Saindo de Villadangos e após passar por San Marin del Camino chega-se a Puente de Órbigo, extensa ponte sobre o rio de mesmo nome construída pelos romanos e grandemente modificada nos séculos seguintes.

Foi neste ponto que os visigodos derrotaram os suevos (452) e ficaram senhores do norte da Espanha. Mas isso não foi nada perto do que ocorreu mil anos depois.

Porque, para os espanhóis, vale mais a “gauchada” (1434) de um certo Suero de Quiñones. O dito, morador da região, junto com nove amigos, declarando-se prisioneiro de amor de uma dama que repudiou este amor, cheio de ira, avisou que pelos próximos trinta dias, ninguém passaria pela Puente de Órbigo, a não ser pela força.

Suero deveria ser escolhido para padroeiro dos motoristas de caminhão brasileiros, sempre prontos, durante suas reivindicações, a bloquear pontes e estradas.

A notícia da bravata correu rápido pela cristandade próxima, ainda mais considerando que a ponte era passagem obrigatória, rumo a Santiago e, fechada, fechava-se o Caminho. Segundo os espanhóis, existem documentos que atestam que durante aquele mês, Suero e seus amigos, acampados no leito da ponte, derrotaram nada menos do que trezentos cavaleiros que lá estiveram para desafiá-los. Alemães, franceses, portugueses, italianos e espanhóis, todos tiveram a mesma sorte.

Nenhum conseguiu cruzar a ponte. A história não conta quantos morreram afogados em suas armaduras, quantos ficaram feridos e quantos conseguiram sair ilesos dos embates.

Vencedor, Suero e os seus foram em peregrinação á Compostela, depositando na Catedral um bracelete de ouro que a dama em questão dera a Suero, em melhores tempos. Há outras duas versões sobre esta façanha, sempre envolvendo o amor sofrido de Suero por esta mulher. Elas não contemplam o presente da dama, mas, vamos convir, com o esforço que ele fez, merece esta versão mais romântica. O bracelete ainda se encontra na Catedral de Santiago.

Valeu a pena a dura liça, típica dos romances de cavalaria da época, notadamente o que conta as aventuras de Amadis de Gauda. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Entremos pela ponte, aproveitando que a mesma está desimpedida depois daqueles feros combates, e seguimos para Hospital de Órbigos, Villares, Santibáñez e mais longe, já próximo a Astorga, San Justo.

Em todos os povoados e cidades do Caminho se encontram ruínas de prédios de antigos hospitais. Há que lembrar: hospital, em espanhol, serve para designar o local de tratamento de doentes e, ao mesmo tempo, casa para receber pobres ou peregrinos por tempo limitado.

Outro tipo de casa que chama a atenção pelos povoados e cidades do Caminho: o ninho das cegonhas no ponto mais alto do prédio mais alto do local, ou seja, a igreja. Os galhos secos do ninho enorme mostram que lá, a cegonha, voltando da África, para onde fugiu do clima frio da Europa, está nidificando.

Ave européia enorme, com mais de um metro de altura e dois de envergadura, com parte das penas negras, é velha conhecida dos descendentes de imigrantes que vieram para o Brasil.

Atualmente a televisão brasileira faz do ato sexual entre adultos, um programa dedicado aos menores de idade. Acontece que antigamente, quando as crianças eram inocentes, perguntavam aos pais: “Como é que eu nasci”? A resposta era pronta:

- Foi a cegonha quem te trouxe.

Astorga foi importante para os astures e para os romanos que dela fizeram uma encruzilhada de caminhos, entre os quais a importante “Via da Prata”.

No séc.III, sob o domínio romano, apareceu o primeiro bispo na cidade. Expulsos os romanos pelos suevos, a cidade foi destruída (séc. V) depois da batalha de Órbigo, quando este povo, por sua vez, foi derrotado pelos visigodos.

Reconstruída mais tarde, por sua excelente localização, e com a peregrinação para Compostela, vinte e um hospitais, davam conta de sua importância, na antiguidade, para o Caminho.

Em Astorga, o peregrino entra pela Puerta del Sol, nos restos do que foi a muralha romana, com suas torres redondas, e segue pela calle San Francisco acima, em direção á Catedral que se ergue no alto, tão imponente quanto o Palácio Episcopal.

A ponte e parte das muralhas que protegem Astorga, ambas construídas pelos romanos, a Catedral gótica de Santa Maria (séc.XV), ora em restauração, com sua estátua de Santiago em uma das torres, a igreja da San Francisco e San Bartolomé (séc. XI) dão mostras do passado grandioso desta cidade, hoje com cerca de apenas 14.000 habitantes.

Importante para os brasileiros, ela é a capital dos maragatos, povo antigo, de tradições seculares, provavelmente de origem moura.

Botas, calças largas, lenço colorado e chapéu, são de uso comum aos maragatos e aos gaúchos. Os gaúchos foram alem, apelidando uma de suas facções políticas de “maragatos”.

Cidade de comerciantes francos e judeus, pode se conhecer a rua da Judiaria, uma das saídas do Caminho, frente á Catedral ou a rua das Tiendas, antigo nome da calle de San Francisco onde francos, judeus e maragatos, abriam suas lojas para atender as necessidades dos peregrinos.

Na fachada da Prefeitura, dois bonecos maragatos marcam as horas no relógio.

Particularidade é o enorme Palácio Episcopal, ao lado da Catedral, obra do célebre arquiteto catalão Antonio Gaudí (1852 — 1926). Foi mandado construir por um bispo megalomaniaco entre 1899 e 1913 para sua residência.

Quando o custo final acabou sendo quase igual ao da própria Catedral, nem o tradicional espírito católico dos maragatos resistiu, e o bispo acabou tendo de ir embora da Cidade.

Contam que, no Cruzeiro de Santo Toribio, deixado há pouco para trás, descalçou os sapatos e bateu a poeira dos mesmos, gesto simbólico para livrar-se do mais ínfimo grão de poeira que o lembrasse dessa Maragateria ingrata. Teve sorte de seus furiosos ex-paroquianos não terem visto o gesto, porque, senão, o Caminho teria mais um santo homem martirizado.

Os bispos seguintes, envergonhados com os delírios do colega e de Gaudí, preferiram continuar morando na casa encostada da Catedral e o Palácio, sem uso, virou Museo de los Caminos.

Da Catedral, a saída da cidade é em direção a Rabanal e Ponferrada, pela Puerta del Obispo. Homenagem a São Toribio que iniciou a reconstrução da cidade no século V. Não confunda, portanto, com nosso outro bispo que preferiu o caminho contrário, saindo por aonde chegamos.

Astorga tem outra peculiaridade: é grande produtora de uma bolacha de trigo amanteigada com farinha fina por cima, chamada de “mantecadas”. Há muitas fábricas, muitos preços e muitos sabores. Para experimentar é só comprar uma caixa.

Face ao peso extra, prefira uma de poucas unidades, E, faça de conta que está no Brasil: verifique a data de validade.

24a. Jornada

ASTORGA (873m.) – RABANAL DEL CAMINO (1156m.)

19,5 Quilômetros

Murias (4 km.)- Santa Catalina (4,5 km.)- Puente de Pañote (8 km.) – Rabanal (3 km.)

Alt. máx. – 1.156 m. em Rabanal

A estrada sai de Astorga pela N-VI a qual é deixada a esquerda em Castrillo para seguir em direção a Santa Catalina, por um atalho. É um asfalto antigo e estreito onde as bicicletas e veículos andam pelo asfalto e os pedestres por uma “calzada” paralela de terra.

O Caminho segue para El Ganso, passa pelo desvio para Rabanal Viejo e, em direção as alturas, sobe para Rabanal del Camino.

De bicicleta ou de automóvel, pode-se seguir pelo trajeto feito a pé sem problemas, embora o asfalto estreito e os espanhóis que gostam de dirigir ligeiro.

Em Murias, Santa Catalina e Rabanal, existem albergues e restaurantes, sendo este último uma antiga casa paroquial restaurada e explorada por uma confraria inglesa de amigos do Caminho.

Em Castrillo há um restaurante.

A estrada inicia no plano e vai atravessar vários povoados decadentes, ladeado de lavouras, em direção a Santa Catalina e El Ganso. O asfalto antigo ou a parte nova da N-VI, serve apenas ao transporte local, porque a rodovia maior – a N-120 - segue longe pela direita, aproveitando um vale entre os Montes de León que separam Astorga de Ponferrada.

A partir de Santa Catalina, começa a subida muito suave, mas contínua do Monte Irago, para chegar a um cruzeiro á direita, onde é costume deixar pedras “ex-voto” em sua base, para abandonar nossas aflições.

Há poucos metros da estrada, a quantidade de pedras deixadas na base da cruz de ferro sobre uma alta coluna, desborda formando uma montanha de cascalhos. Uma parada, para deixar sua pedra, neste caminho em ascensão, é um dos atos mais típicos dos peregrinos.

Pouco antes, por uma estrada vicinal á direita, chega-se a um vilarejo de umas trinta casas de pedra, construídas ao redor de uma pequena igreja. Todos antigos e, a exceção da igreja, com telhado de palha.

Apenas um morador resiste, trabalhando na agricultura, enquanto sua família e a de seus vizinhos mudaram-se para Astorga. É o exemplo de dezenas de vilas ao longo do Caminho, cuja fundação data de séculos, e que agora vão sendo abandonadas.

Logo adiante, em um mato que cobre as laterais de um pontilhão, a surpresa: dois veados saltam na estrada, olham para os lados, nos fitam e seguem em frente, caminhando vagarosamente mais um pouco pela estrada até adentrar novamente na mata.

Rabanal, foi uma cidade importante do Caminho, como demonstram suas igrejas e hospitais, mas a entrada do povoado já demonstra sua decadência atual.

Foi um posto dos monges templários, por volta dos séc.XII e XIII, que dali protegiam os peregrinos que andavam pela serra. Do alto de Rabanal, se tem uma esplêndida vista de toda a região até a distante Astorga.

25a.Jornada

RABANAL DEL CAMINO (1.156m.)- PONFERRADA (541m.)

32 Quilômetros

**Foncebadón (5,6 km.)- El Acebo (11 km.) – Molinaseca (7,7 km.)-
Ponferrada (7,7 km.)**

Alt.máx. – 1.515 m. na Cruz, 1 km. além da base militar, após Manjarín.

Pela única estrada que atende Rabanal a saída é pelo outro lado do povoado em direção a Ponferrada. O Caminho segue praticamente paralelo à mesma, ora cruzando-a para a direita, ora para a esquerda, sempre em subida até a Cruz depois da base militar adiante de Foncebadón. Depois inicia a descida até Ponferrada. Significa dizer que em cerca de 16 km. a descida de altitude é de mil metros.

De bicicleta é o mesmo trajeto dos caminhantes.

De automóvel se sai pela LE-142 no final de Rabanal, seguindo pela mesma até Ponferrada.

Em Molinaseca há albergue, restaurante e camping de verão. Em Ponferrada, na entrada da cidade, no alto, um albergue na praça ao fundo do Castelo dos Templários, em um prédio muito antigo e mal cuidado.

Descendo para a cidade nova, dezenas de hotéis, pensões, restaurantes, serviços médicos, bancários, postos de gasolina e tudo mais que se espera de uma cidade deste porte.

Chama-se Montes de León a cadeia de montanhas que divide a região de Rabanal de Ponferrada, e pelos lados do Monte Irago, há picos com 1.500, 1.600 e até 2.000 de altura. É uma zona fria com bastante cerração.

O primeiro ponto é Foncebadón, vila fantasma, fundada por volta do séc. X, onde havia igrejas e hospitais e que hoje está em ruínas. O Caminho segue pelo meio das mesmas, enquanto a estrada deixa-a á esquerda.

Diz a lenda (imaginem: uma lenda no Caminho!) que, lá pelo séc.XIV, um cigano resolveu dormir na porta da igreja. O padre, não conseguindo que ele fosse embora, pediu a ajuda da população para expulsá-lo do local. Deve ter havido uma discussão acalorada e, na dúvida da população sobre as reais intenções do cigano, acabou ele sendo queimado lentamente, em uma fogueira, como herege.

Enquanto era queimado, apesar de não saber por que, nem assim quis confessar seu pecado. Tão fácil seria, não? Antes de morrer, no entanto, rogou uma praga dizendo que a cidade também morreria como ele, lentamente. Se a força do cigano foi maior que a do padre não se sabe, mas a cidade começou a definhar, e hoje é habitação apenas de cães brabos, que amedrontam os peregrinos que passam por ali, já preparados para sua defesa, com seus cajados.

Logo depois se chega à outra Cruz de Ferro, esta a cruz mais conhecida do Caminho. Fincada no alto de um poste de madeira de uns cinco metros, sua parte baixa está coberta de pequenas pedras, depositadas pelos peregrinos como “ex-voto”. Segundo a tradição há centenas de anos. Passam e aí as deixam, também a título de pedir bênçãos e milagres.

Daqui, o Caminho começa a descer, destes que são os pontos mais elevados de todo o Caminho Francês, em todos seus oitocentos quilômetros de extensão.

Depois, a também vila fantasma de Manjarín, demonstra a inclemência daquelas paragens. A única vantagem do povoado seguinte, El Acebo, quatrocentos metros mais abaixo, é não estar em ruínas.

Segue-se Molinaseca, também antiga vila que, como as outras, nos séculos passados tiveram importância, pelos seus hospitais e igrejas, para proteger e abrigar os peregrinos, por aquelas paragens desertas.

Campos vem a seguir, já há quinhentos metros de altitude, e cruzando o rio Boeza. Deixando em seguida o asfalto, pela esquerda, já em Ponferrada, o Caminho segue por uma pequena calçada que sobe, por dezenas de degraus, colocados a quatro ou cinco metros uns dos outros, rente aos muros e as casas.

Ponferrada (60.000 habitantes), á qual se chega pela parte velha, estende-se dos dois lados do rio Sil, afluente do Baeza, limitada de um lado por este rio e pelo outro lado da colina, já na planura, pela auto-estrada.

O monumento mais importante é o Castelo Templário, na cidade velha, construído em um alto, as margens do rio Sil, e que protegia todo o entorno por seu ângulo de visão, a cavaleiro da região.

Cidade sem maior importância na antiguidade, isto não impediu que fosse destruída no séc. V, e depois no séc.IX. Reconstruída a cidade durante a Reconquista Cristã, os templários que haviam recebido muitas terras nas regiões próximas, ali edificaram uma de suas mais importantes bases na Espanha, protegendo-se com o soberbo castelo (séc.XII), construído sobre uma antiga fortificação romana.

Os Templários

Nenhuma outra ordem católica mexe mais com o imaginário ocidental, do que estes monges-guerreiros, cavaleiros de vestes brancas bordadas com uma enorme cruz vermelha, fundamentais para a manutenção das terras do Oriente Médio conquistadas na Primeira Cruzada (fins do séc. XI).

Contam-se as centenas, as obras históricas e os romances em português sobre estes cavaleiros.

Fundada em Jerusalém em 1118, por nove cavaleiros franceses, com o nome de Ordem Militar e Religiosa do Templo, sua sede era no próprio Templo de Salomão, naquela cidade sagrada. Só a localização de sua sede, autorizada pelo Papa, já demonstra a importância de sua criação.

Rígidas regras de castidade, abandono dos bens materiais de seus discípulos, poucas orações e muito adestramento militar, tornaram-na rapidamente temida pelos árabes, nos campo de batalha. Cedo, virou a principal defesa das terras conquistadas no Oriente, colaborando também na luta contra os mouros da Espanha e Portugal.

Suas hostes eram compostas de cavaleiros, obrigatoriamente nobres europeus, escudeiros e irmãos leigos, que podiam ser soldados de cavalaria ou infantaria.

Ao longo de décadas os próprios templários, papas, reis e nobres, doaram a Ordem propriedades rurais e povoados por toda a Europa, tornando-a tão fabulosamente rica e poderosa, que servia de banco para reis e papas.

No início do séc.XIV seus tesouros e a pouca habilidade de seu último grão-mestre, Jacques de Molay, tornaram-na alvo de Felipe IV, rei da França, filho de uma rainha de Aragão e casada com uma princesa de Navarra.

As voltas com dificuldades financeiras, depois de aumentar os impostos da população e explorar os judeus, Felipe IV, com o apoio do papa Clemente V, francês que transferiu a sede do papado para Avignon, no sul da França, declarou os templários hereges e saqueou seus tesouros (1307).

Todos os membros da Ordem foram presos em um mesmo dia na França. Nos outros países, por pressão papal, a Ordem também foi dissolvida, e seus bens requisitados pelos respectivos reis.

Molay e outros chefes templários franceses, após serem torturados com ferros e fogo por longo tempo, confessaram que tinham negado Cristo e cuspidos na cruz. Foram ao final mortos na fogueira, e Molay enforcado em uma ilha do rio Sena, na frente do Museu do Louvre.

Na ponta desta pequena ilha, onde é possível tomar barcos para passeios noturnos por Paris, uma placa evocativa, indica o local onde a cobiça e a Inquisição católica, somaram-se para matá-lo, dissolvendo a Ordem dos Templários, a congregação religiosa que mais serviços prestou á Igreja na Terra Santa e na Espanha.

Para a qual voltamos.

Ainda no alto da cidade velha de Ponferrada, próxima ao Castelo Templário, está a Basílica de Nuestra Señora de Encina (séc.XVI), assim chamada porque, segundo a lenda, a Virgem apareceu aos Templários dentro de uma encina (carvalho), que estava sendo derrubada para a construção do castelo.

Não eram bobos estes templários!

Saindo da cidade alta - e velha - descendo uma escadaria, chega-se ao plano e as construções novas com passeios e largas avenidas, passando pelo monumento dedicado as mães, e a inusitada “Praça das Hortas”. Canteiro circular, no centro da avenida, onde estátuas representam agricultores se dedicando a colheita do pimentão, tradicional produto das lavouras de Ponferrada. E mostrado em destaque.

A saída da cidade se faz pela Calle Mateo Garza, cruzando o rio Sil e tomando a auto-estrada de Madrid, em direção inversa, a Columbianos, já nos subúrbios de Ponferrada.

26a.Jornada

PONFERRADA (541M.)- VILLAFRANCA DEL BIERZO (511m.)

23,3 Quilômetros

Fuentes Nuevas (7,8km.)- Cacabelos (7,5 km.) – Villafranca (8 km.)

Alt. máx. – 590m. no alto antes de Villafranca

A pé, a saída da cidade é através de ruas, e atravessando o anel rodoviário até Columbianos. Depois, por uma boa e bem demarcada estrada, entre vinhedos e florestas, até Villafranca.

De bicicleta o caminho é bom até Camponaraya á 9,5 km. de Ponferrada. Após, o melhor é seguir pela estrada secundária que segue paralela ao Caminho.

De automóvel o percurso é pela N-VI que liga Ponferrada á Villafranca (24 km.), um pouco distante e a esquerda do Caminho.

Em Cacabelos há um albergue, pensões e restaurantes.

Em Villafranca, cidade com 3.000 habitantes, existem dois bons albergues, sendo recomendado o de Jesus Jato, além de hotéis, restaurantes, posto de gasolina e um camping nos meses de verão.

Logo a saída, o Caminho passa perto de Compostilla e Columbianos, antigos assentamentos romanos e onde há vestígios de antigos hospitais para peregrinos, iguais que o povoado seguinte, Camponaraya e ainda Cacabelos e Pieros, aos quais se chega passando muitos arroios e rios através de extensos parreirais e matas. Afora, é claro, as plantações de pimentões.

Não obstante as menores altitudes, a região é muito montanhosa e próxima a Cacabelos, em um alto, estava a fortaleza de Bergidum, capital dos astures, e que dá o nome a esta região: “El Bierzo”.

Em Villafranca del Bierzo, a parte antiga fica em um alto, mas as construções mais novas buscam as proximidades da rodovia , de tal forma que a cidade hoje se espalha pelos dois lados da mesma, na entrada do vale Valcárcel, passagem obrigatório dos peregrinos do Caminho Francês para Compostela.

A própria vila foi criada por Alfonso VI (de novo), com povoadores francos, aos quais logo se juntaram monges cistercienses, para ajudar os peregrinos.

O castelo (séc.XVI), de formas arredondas, pertence a particulares e não está aberto a visitas, mas próximo a ele no próprio Caminho, fica a singela Igreja de Santiago, igreja de uma só nave, em estilo românico, postada em cima de um barranco, famosa por sua “Puerta del Perdón”.

Na lateral da Igreja que dá para a estrada, uma porta em arco. Mais ornamentada que a porta da frente do templo, leva este nome porque o papa espanhol Calixto III, da célebre família dos Bórgia, e de pequeno reinado (1455-1458), ajudou os peregrinos a ganhar as bênçãos divinas. Desde que impedidos ou impossibilitados de continuar o Caminho, face à estrada extenuante por aonde vinham e por aonde ainda iriam. Assim, autorizou que ganhassem ali suas indulgências, desde que atravessassem aquela porta, sem necessidade de comparecer diante do túmulo do Apóstolo, em Santiago.

Calixto III é famoso também porque, igual a outros papas, favoreceu sua família, nomeando sobrinhos para cargos de cardeal (um deles o futuro papa Alexandre VI). Estes sobrinhos ou protegidos do papa eram chamados de nepotes, e daí o termo nepotismo, prática adotada com grande religiosidade pelos políticos brasileiros.

Os Jesuítas

Ainda em Villafranca, está a grandiosa Colegiata de Santa Maria (séc.XVI), e a Iglesia de San Nicolas, com a fachada copiada do templo maior dos jesuítas, em Roma, a Igreja de “Gesú”.

O Colégio, ao lado da Igreja, mostra assim ser administrado por esta ordem religiosa de educadores, fundada por Ignácio de Loyola, e tão importante na história da Igreja Católica, para fazer frente à Reforma Protestante, mudar os hábitos dos religiosos da Idade Média, e difundir o evangelho pelos novos mundos então recém descobertos.

Loyola (1491-1556) nasceu próximo a San Sebastian, praia do País Basco, ao norte de Estella e do Caminho. No início de sua vida religiosa, foi perseguido pela Inquisição Espanhola, por suas prédicas em favor dos pobres. Evidente crime em uma igreja que vivia na riqueza e protegia os ricos e nobres.

Preso duas vezes, e absolvido das imputações dos inquisidores, resolveu não abusar da evidente proteção divina e partiu para Paris, para completar seus estudos religiosos. Lá, com mais seis companheiros, na Chapelle du Martyre, em Montmartre, fizeram os votos jesuítas (1534), criando a Companhia de Jesus.

Dando a volta na história, dos jesuítas, na História do Brasil, temos, afora outras, duas obras importantes, em dois estados. Em São Paulo, fundaram a cidade de São Paulo. E no Rio Grande do Sul criaram os Sete Povos das Missões, na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina (séc.XVII-XVIII), destinados a proteger e catequizar os índios rio-grandenses, defendendo-os da cobiça dos bandeirantes paulistas e dos portugueses.

A Inquisição na Espanha

Retornando ao Caminho, este imponente colégio é a resposta dos jesuítas á Villafranca. Segundo alguns autores, aqui nasceu o tresloucado dominicano Tomas de Torquemada (1420-1498), o mais cruel e conhecido inquisidor-mor espanhol.

Naqueles tempos, Fernando e Isabel haviam recebido do papa o título de “Reis Católicos”. Em retribuição pelo esforço de seus exércitos, para expulsar definitivamente os mouros da Espanha o que afinal aconteceu em 1492, com a conquista de Granada, concluindo uma luta que começara setecentos anos antes.

Para valorizarem o título, e buscando a pureza ideológica, assim como nos Bálcãs se busca a pureza racial, passaram a perseguir judeus, protestantes, mouros, católicos não muito convictos e cristãos-novos (judeus batizados), aproveitando os ordenamentos do “Santo Ofício da Inquisição”.

A pedido de Isabel, a Inquisição foi instalada na Espanha em 1478, e por seus requintes de selvageria, tornou-se a mais célebre entre todas as outras da Europa. Talvez já ali, quando uma equipe espanhola produz grandes resultados (positivos ou negativos), apelidar-se-á de “Fúria”. E eram furiosos, os loucos dominicanos.

Em seu trabalho, contou com a colaboração decisiva de Torquemada. Calculam os historiadores, que em seus quatorze anos como Inquisidor Mor e chefe da Inquisição Espanhola, chamada pelo papa e pelos reis de Santo Ofício, matou 2.000 pessoas na fogueira, e outras 96.000 foram condenadas a outras penas.

A maneira brutal de conseguir as confissões, era a tortura, através dos instrumentos os mais cruéis, dos quais, muitas vezes, redundavam lesões permanentes nas vítimas, chamadas de hereges, que conseguissem sobreviver aos suplícios e as penas impostas.

Os quatro tribunais que instalou para julgá-los na Espanha, unificada sob os Reis Católicos, criou-lhe tantos ódios entre a população, que teve de justificar-se duas vezes perante o papa, e só podia viajar com uma grande escolta militar, capaz de proteger-lhe a vida.

Para solucionar o problema da grande quantidade de judeus na Espanha, os quais tinham sido bem recebidos e tratados pelos árabes (daí a retribuição destes aos árabes na atual Palestina), nada menos de 170 mil foram expulsos do país.

Depois da expulsão dos judeus retirou-se para um convento em Ávila onde morreu de morte natural, não obstante passar os últimos anos de vida sob o medo de ser envenenado. No Séc.XIX seu túmulo foi violado e seus restos mortais foram roubados e incinerados.

A casa onde teria nascido e vivido seus primeiros anos, fica na saída da vila.

27a.Jornada

VILLAFRANCA (511m.)- O CEBREIRO (1.300m.)

28 Quilômetros Trabadelo (9 km.) - Ambasmestas (5 km.) - Pedrafitadel Cebreiro (14 km.)

Alt.máx.- 1.300 m. em O Cebreiro

A saída á pé, de Villafranca, pode ser feita por duas pontes sobre o rio Burbia em direção ao vale do rio Valcárcel. A primeira e melhor opção é descer para a nova N-VI e, apesar de movimentada e em obras, acompanhá-la até pouco adiante de Pereje, onde se toma á direita a antiga N-VI, para atalhar até pouco antes de Ambasmestas.

Aí se encontra novamente a nova N-VI, seguindo por ela até Pedrafita, subindo pela estradinha para O Cebreiro. Este é praticamente o traçado antigo do Caminho, pois seguia o rio.

A outra opção, criada para livrar os peregrinos do trânsito, é através de um novo traçado, pelo Cerro del Real, que sai pela direita da N-VI em direção a Pradela e depois, atravessando a N-VI para Herrerias, La Faba e O Cebreiro, subindo e descendo montanhas, caminho mais cansativo e portanto, mais demorado. Dizem que é mais bonito e pitoresco.

Não duvidem, concordem e prometam usá-lo em outra oportunidade.

De bicicleta ou automóvel o caminho indicado é o mesmo da primeira opção dos peregrinos á pé.

Em Trabadelo existe hotel, restaurante e posto de gasolina; em Valcarce (pouco adiante de Ambasmestas) albergue, hotel e restaurante; em Pedrafita hotel, restaurante e posto de gasolina e em O Cebreiro um magnífico albergue, hotel e restaurante.

O Caminho agora se aproxima do final, e antes de O Cebreiro entra na Comunidade Autônoma da Galícia, última província espanhola a ser atravessada, e que lembra muito a serra gaúcha: clima ameno, vales profundos, campos de cultivos, florestas e fontes.

No estreito vale de Valcárcel, nos primeiros anos da peregrinação, os senhores feudais locais cobravam impostos dos peregrinos, aproveitando as fortalezas que construíram no local, muitas delas ainda visíveis.

Somente em 1072, por decreto de Alfonso VI, foi proibida esta prática, e a lei foi garantida com o auxílio das ordens religiosas dos Templários e de São João.

Pelas altas montanhas que circundam o vale, é possível sentir as dificuldades de passá-lo antigamente. Várias ordens religiosas construíram hospitais e igrejas para proteger os peregrinos. Assim, vilas, antigas igrejas e ruínas acompanham a passagem.

Mas, o ponto alto, em duplo sentido, pois é também o mais alto da passagem, é Cebreiro, na fronteira de León com Galícia. Povoação com 16 habitantes fixos, nela ainda se encontram várias cabanas chamadas de “pallozas”, de origem celta, anteriores ao ano 1 da Cristandade. Redondas, semi-enterradas, com paredes de pedra e cobertas de capim, agora servem de museu ou abrigo. E formam um conjunto histórico extraordinário. Mas mais extraordinário, como veremos, é o que aconteceu na igreja local, mais recentemente.

O Cebreiro situa-se logo acima do Puerto de Pedrafita, onde uma calçada romana permitia a passagem daqueles altos. Sua diminuta população recebe na festa de Santa Maria Real (8 de setembro) e a quem é dedicada à igreja (séc.IX), cerca de 30.000 visitantes.

No entanto, todo o povoado resume-se quase que em uma rua, estacionamento, cemitério e o descampado do alto da montanha. Devido à altitude, não obstante se aproveitar apenas a primavera e o verão para a peregrinação, o clima é frio, chuvoso e com cerração.

No séc.XIV, lá ocorreu um milagre: um agricultor subiu para a missa, debaixo de uma nevasca e sob forte ventania e o monge beneditino local, criticou-o por isso. Porque não ficou em casa? Ele era o único fiel presente e, por sua causa, agora, teria de realizar a celebração católica.

Logo depois, durante o ofício religioso, para recompensar o agricultor de tanta fé, deu-se um milagre. Deus transformou o vinho em sangue, e a hóstia em carne, os quais foram recolhidos pelos dois homens, extasiados, na patena e no cálice. Na pequena igreja havia uma estátua de Nossa Senhora. Diante de tal milagre, a própria estátua curvou a cabeça!

Como prova de que o fato realmente aconteceu, o agricultor e o padre estão enterrados na igreja, na Capela do Milagre. Duas ampolas de ouro guardam o que seria a carne e o sangue de Jesus Cristo, frutos deste milagre. Mais tarde, a Rainha Isabel mandou confeccionar um valioso relicário de cristal, sob medida, para guardar a Hóstia Milagrosa, o Cálice e a Patena, que podem ser venerados nesta igreja do Milagre. Quanto ao cálice que porta o vinho, chamam-no “Santo Graal Galego”, em homenagem ao Santo Graal, nome dado ao cálice usado por Jesus Cristo na Última Ceia, e ao qual já referimos, lá no início da peregrinação.

Cebreiro é o lugar predileto do Caminho, para o mais famoso peregrino da atualidade: o escritor brasileiro Paulo Coelho, emérito contador de “causos”, várias vezes condecorado no Velho Mundo e campeão de vendas de livros em inúmeros países.

28a.Jornada

CEBREIRO (1.300m.) – SARRIA (440m.)

38 Quilômetros

Padornelo (8km.)- Bidueno (6km.)- Triacastela (7km.)- Montán (5km.)-Sarria (12km.)

Alt.máx- 1.313 m. em Alto do Poio

O Caminho a pé até Triacastela é em descida acentuada (Cebreiro: 1.300 m. – Triacastela: 665m. de altitude), ou pela pista de terra, ao lado da estrada asfaltada, ou pelo caminho estreito, mas em boas condições, que corre paralelo a N-VI, ora por à direita, ora a esquerda.

De Triacastela, em subida, com uma diferença de 240 m. de altitude até o Alto de Riocabo em Montán. Depois o Caminho desce até Sarria (440m. de altitude), também por uma pista de terra, paralela à rodovia e em boas condições.

De bicicleta é obrigatório o uso do asfalto até Triacastela, por causa das muitas descidas com barrancos, impraticáveis de bicicleta. Aí, enquanto a pé, o Caminho é pela direita, de bicicleta toma-se à esquerda para Renche, e Samos, aumentando o percurso em 4 km. até Sarria, mas livrando-se das descidas abrutadas e dos perigosos barrancos da direção Montán.

De automóvel o caminho é o mesmo que de bicicleta.

É a última jornada de fortes subidas e descidas por entre a vegetação densa e a serra.

Ao mesmo tempo, na Galícia, as indicações do Caminho antes feitas muitas vezes, com flechas amarelas, desaparecem.

Em 1993, Ano Santo Compostelano, a Xunta de Galícia mandou construir uma pista de terra de Cebreiro á Santiago, paralela a rodovia quando esta invadissem a rota peregrinal. Aproveitando, edificaram á direita, e na beira desta pista, pequenos monólitos de cimento, de um metro de altura, que marcam também a quilometragem que falta até Santiago. No seu topo uma vieira, o símbolo da jornada, em relevo.

Albergues em Hospital de Condessa (antes de Padornelo), Triacastela, Calvor (após Montán) e Sarria. Também em Samos.

Hotéis, pensões e restaurantes em Triacastela, Sarria e Samos. Postos de gasolina em Samos e Sarria. Serviços médicos e bancários em Sarria.

A Galícia, já foi dito, é muito parecido à zona colonial gaúcha ou catarinense. É, portanto, grande produtora de frutas e cereais. E como os agricultores guardam estes cereais, livrando-os da praga dos ratos, sem usar raticidas ou iscas?

Por toda à parte - chamando a atenção- vamos encontrar construções, com paredes de madeiras ou alvenaria, com grandes frestas e cobertas de finas telhas de ardósia. Longas e estreitas, construídas sob pilares coroados por pratos de pedra ou em forma de meia lua do mesmo material, e sobre os quais se coloca o piso destas construções. Elas protegem o grão dos ratos que não podem subir e da umidade que se esvai pelas aberturas.

Seu nome é “hórreos” e são de grande beleza plástica. Considerando onde estamos, normalmente possuem uma cruz em cada extremidade do teto. Onde não há cruz, ao menos uma pequena torre lavrada, imitando enfeites de igreja. Poderia ser diferente?

Pequenos povoados pela estrada, com suas antigas igrejas e ruínas de hospitais, levam a Triacastela. Dos três castelos, nada resta, mas um dos hospitais, conta à história, foi presídio de peregrinos revoltados, para não dizer criminosos, que aproveitavam o Caminho para cometer seus delitos.

O grandioso Mosteiro de Samos, á beira da estrada, é um dos mais antigos da Espanha; foi construído a margem do rio Ouribio. É tão antigo, que uma inscrição no local, informa que ele foi reconstruído no ano de 665. Portanto sua fundação data, ao menos, do séc.VII. É dedicado a um casal de mártires turcos de Antioquia, Julián e Basilisa. Pelo fato de eles terem sido hospedeiros de cristãos na antiguidade.

Tem um passado glorioso e uma história soberba. Várias vezes destruído e reconstruído, dois grandes incêndios registrados, doação á ordens religiosas e troca das mesmas por outras mais simpáticas ao bispo eventual. É uma vida de centenas de séculos. Antiga e tumultuada.

Foi protegido de reis e, na Idade Média, chegou a ser proprietário de duzentas vilas ao redor. Hoje chama a atenção a capela do séc. X, e as portentosas construções que se iniciaram no séc.XVI e terminaram no séc.XVIII. O albergue, administrado pelos padres beneditinos, está neste conjunto.

As duas vertentes do Caminho encontram-se na entrada de Sarria, cidade também a beira do Ouribio, datada do séc. VI. O Caminho sobe pela Calle Mayor tendo ao alto o que resta do castelo, destruído no séc.XV, por uma revolução de camponeses contra os senhores feudais.

Na zona alta da cidade, está o Convento das Madaglenas, construído no séc.XIII, para abrigar um hospital dos Cavaleiros de São João, designados para proteger os peregrinos dos senhores feudais locais.

Assim, se verifica que os barões espanhóis daquele antanho, não obstante as luzes de Santiago se deixavam levar pela cobiça e exploravam quem lhes caísse no caminho ou Caminho.

29a.Jornada

SARRIA (440m.) – PORTOMARÍN (350m.)

21,5 Quilômetros

Mouzós (6,2km.)- Lavandeira (3,1km.) – Portomarín (12,5km.)

Alt.máx.- 655m. em Morgade, vila logo após Lavandeira

O trajeto a pé passa pela medieval “Ponte Aspera” sobre o rio Celeiro, seguindo em direção a Vilei e cruzando a estrada de ferro.

Depois para Mercado, e após cruzar a C.535, que vem de Sarria, na direção de Puertomarín, entrar em Mouzós.

Segue-se pela pista já referida, bem sinalizada, deixando a C-535 á esquerda e dela se distanciando. Ao lado da estrada secundária, o Caminho passa por nada menos de dezoito povoados, ou seja, menos de um quilômetro separa um de outro.

Pouco depois do último, Vilacha, se entra de repente na C-535, metros antes desta passar a grande ponte do rio Miño, sempre crescido, pois forma o Embalse de Belesar, graças à barragem lá existente. Puertomarín está no alto, da margem oposta.

De bicicleta, dá para acompanhar o trajeto a pé, seguindo pela estrada secundária, e cuidando apenas de alguns lugares mais difíceis, como a chegada na C.535.

De automóvel, toma-se a C.535 até Puertomarín. É uma das poucas jornadas em que o Caminho Francês não segue próximo a uma grande rodovia, entre o ponto de partida e chegada.

Em Barbadelo (3,4 km. de Sarria), Ferreiros (2 km. após Lavandeira) e Portomarín existem albergues, sendo o último mais recente, capaz de receber mais de 100 pessoas e muito movimentado.

Em Puertomarín há hotéis, restaurantes, camping, serviços médicos, bancários e posto de gasolina.

Deixando Sarria se passa uma antiga ponte de pedra, estreita, sobre o rio Celeiro. A segunda vila, no mundo de povoados a serem cruzados, é Barbadelo, importante por sua igreja românica (séc.IX) de estilo chamado “gallego”, arte regional criada a partir de padrões maiores.

Há uma história popular no local, mostrando que Barbadelo era um importante centro de peregrino, e ao mesmo tempo de malandragens durante a Idade Média.

Os grupos de peregrinos que passavam, eram atacados por um homem que fazia uma conversa mais ou menos nestes termos: "Meus irmãos. Simpatizei com vocês. Eu sou se Santiago e estou de passagem por aqui. Gostaria que procurassem minha mulher, e ela lhes dará abrigo ao saber notícias minhas, através de um sinal que lhes darei."

Os peregrinos seguiam satisfeitos com a boa nova, levando a prenda para ser mostrada como garantia de hospedagem e comida. Hospedando-se na cada da dita mulher, após a primeira ceia, a anfitriã vendia-lhes velas pelo dobro do preço do mercado, além de cobrar-lhes a permanência.

Hoje em dia os peregrinos podem ir mais confiados, pois o máximo que necessitam é informações sobre a direção a tomar. Menos na encruzilhada aquela que levava á Roma...

A meia jornada está a vila de Ferreiros, assim chamada porque, antigamente, era parada obrigatória, para pregarem-se os calçados que vinham estragados pelo seu uso na serra, e verificar as ferraduras dos cavalos e mulas, estropiados pela estrada dura e difícil.

Puertomarín, do outro lado do lago represado, é uma cidade de 1962. Da anterior se podem ver alguns vestígios sobre a água do lago. A ponte nova não lembra uma mais antiga, destruída por dona Urraca, a Bruaca, em luta com o marido. Alfonso, o Sonso.

Três Ordens religiosas tinham casas na antiga vila, mostrando a importância da mesma: a Ordem dos Templários, a de Santiago e a de São João. Dentro da cidade, como fizeram no Egito quanto às obras dos faraós, é possível conhecer alguns monumentos retirados de seus antigos lugares, antes que as águas cobrissem a velha vila. Foram reconstruídos em lugar mais alto e protegidos das águas do lago que se formaria.

30a.Jornada

PUERTOMARÍN (350m.) – PALAS DE REI (605m.)

24 Quilômetros

**Castromaior (9 km.)- Hospital de la Cruz (3 km.) – Eirexe (5).
(km.) – Palas del Rei (7 km.)**

Alt.máx. – 717m. na Sierra de Ligonde, pouco antes de Eirexe

A saída de Puertomarín, é através de uma rua muito inclinada, em direção a represa, seguindo pela esquerda da rodovia C-135 que vai á Hospital de la Cruz, onde há um entroncamento rodoviário.

Aí, cruzando a N-540, o Caminho segue por uma estrada asfaltada estreita, que atende aos povoados por onde passa, até Brea, onde ela desemboca na N-547. Seguindo pelo caminho paralelo a esta, pela esquerda, 3 km. depois, está Palas de Rei.

De bicicleta, na saída de Puertomarín o Caminho dá uma pequena volta, subindo na direção do Monte San Antonio. É preferível seguir direto pela C-135.

De automóvel são aproximados 31 km. Segue-se pela C-135 até Hospital de la Cruz. Toma-se à direita pela N-540, sentido Guntin e Lugo, até o entroncamento com a N-547, onde se toma à esquerda, direção Palas de Rei.

Isso é necessário, para conhecer-se Vilar de Donas.

Albergues e restaurantes em Gonzar (antes de Castromaior), Hospital de la Cruz (Ventas de Narón), Ligonde (ao lado de Eirexe) . Albergue, pensões, restaurantes, serviços médicos, bancários e posto de gasolina em Palas de Rei.

Saindo de Puertomarín, estamos a noventa quilômetros de Santiago e, queiramos ou não, acostumados a igrejas, fortalezas e prédios com centenas de anos, santos e ruínas que se perdem em outros milênios, os povoados, vilas e cidades agora dão uma sensação de “dèjà vu”, e a meta final impele para frente, sem tardanças e visitas.

Esta região foi habitada pelos celtas antes de Cristo. Povo aguerrido que conquistou boa parte da Europa, mas, de costumes agrícolas e divididos em tribos que apenas a guerra unia, seu armamento inferior os tornou presa fácil dos romanos. Deram origem a Idade do Ferro, introduzindo este metal na Europa.

No entanto, até Brea, encontram-se as ruínas de muitos castelos fortificados romanos, chamados castros, origem inclusive da própria Castromaior, o que pressupõe as dificuldades para a conquista desta região.

As ruínas de um grande número de fortificações celtas nos subúrbios de Palas de Rei, e o próprio nome da cidade, induzem alguns autores a crer, ter sido esta uma cidade importante para este povo.

Outros autores colocam em Palas a sede de um rei visigodo, Witiza, povo que havia invadido a Península Ibérica no ano 400 DC, derrotando outros invasores germânicos anteriores, responsáveis pela expulsão dos romanos.

De qualquer sorte, o ponto principal do percurso é visto pelos peregrinos que viajam de automóvel, com um pequeno desvio a partir da N-547, a 5 km. de Palas.

Trata-se de Vilar de Donas, criada no séc.IX, a partir de um convento feminino, daí seu nome Donas (dueñas). Sua igreja, del Salvador (séc.XII), dirigida pela Ordem de Santiago, além de grande beleza artística, abriga em seu interior numerosos túmulos de cavaleiros de Santiago, afora pinturas murais raras da Idade Média.

Desta região, há uma informação curiosa, em um antigo guia de peregrinação. O texto diz o seguinte: “As empregadas dos hospitais do Caminho de Santiago, que por vontade de seduzir ou de ganhar dinheiro, metem-se na cama dos peregrinos por inspiração do diabo, são absolutamente reprováveis. As meretrizes, que por esta mesma razão, saem ao encontro dos peregrinos nos lugares ermos, entre Puertomarín e Palas de Rei, não só devem ser excomungadas, senão despidas e deixadas expostas ao escárnio público, depois de cortar-lhes o nariz.”

Como os peregrinos da época, que faziam o trajeto completo, eram na imensa maioria homens, o diabo, conforme mais uma vez provado, inventou esta tentação para danar os viajantes; os excelentes resultados alcançados pelo demo, induziu-o a continuar com o expediente até hoje, como se vê nas feiras e exposições modernas.

Com a vantagem de muitas mulheres, por livre vontade, já se exporem quase nuas no Carnaval. Sem o perigo do escárnio público e com a garantia de não perderem o nariz.

31a.jornada

PALAS DE REI (605m.) – ARZUA (385 m.)

28 Quilômetros

Leboreiro (9 km.) – Mellid (6 km.)- Castañeda (7 km.) – Arzúa (6 km.)

Alt.máx. – 605m. em Palas de Rei

O Caminho sai de Palas pela N-547, que nos acompanhará até Santiago. Logo após, em Carballal, desvia-se pela esquerda seguindo próximo a N-547 até Coto, onde se encontram. Novos desvios e reencontros em Melide, Boento, Ribadiso (antes e depois de Castañeda) e finalmente nos subúrbios de Arzúa.

Caminha-se por boa estrada, parte da qual ou é asfaltada, empedrada ou de chão batido, com leves subidas e descidas, sempre acompanhada de muitas árvores. Mas também, e o que é melhor, por uma antiga “calzada” medieval restaurada.

De bicicleta o peregrino pode andar bem até Boente. Daí a Arzúa o Caminho é acidentado, sendo preferível seguir pelo acostamento da N-547.

De automóvel, a mesma N-547 nos leva a Arzúa em 29 km.

Albergue e restaurante em Casanova (4,5 km. de Palas), Mellid e Ribadiso.

Albergue, hotéis, restaurantes, serviços médicos e bancários e posto de gasolina em Arzúa.

Logo após a saída de Palas pela N-547, os caminhantes tomam á esquerda, na direção de San Julián.

História ou lenda, conta-se que, em priscas eras, na então recente cristianização da Espanha, um soldado de nome Julián ou Xulián teria morto, sem querer, seus pais.

Acometido de fundo remorso, resolve partir para um lugar longínquo – o futuro San Xulián – onde, para pagar suas penas, junto com a esposa, torna-se proprietário de um hospital para atender os peregrinos.

Muito mais tarde, um anjo lhe apareceu para comunicar que tinha recebido o perdão divino por seu trabalho. A igreja local, construída em sua homenagem, data do séc.XII.

O peregrino que está de automóvel poderá pedir informações em Palas, da direção para os castelos de Villamayor de Ulloa e do Castelo de Pambre, fortificações militares levantadas por volta do séc.XIV, e situadas ao sul de Palas.

Mais adiante, o povoado de Coto, marca a divisa da província de Lugo com a de La Coruña, onde se encontra Santiago. Mellid se conhece de passagem.

Castañeda é famosa porque, segundo a tradição, em seus fornos era preparada a cal, para a construção da catedral de Santiago. Segundo estas mesmas tradições, os peregrinos da Idade Média, traziam até aqui as pesadas pedras de cal, desde as pedreiras de Triacastela.

Arzúa não possui nada de notável, que não seja a certeza de estarmos ás portas de completarmos uma jornada maravilhosa de nossas vidas.

32a. jornada

ARZÚA (385m.) – SANTIAGO DE COMPOSTELA (Porta Santa) (260m.)

38 Quilômetros

Calzada (6 km.) – Salceda (5 km.) – Arca (8 km.) – Vilamaior (9 km.) – Santiago (9 km.)

Alt. máx. – 385 m. em Arzúa e 270 em Monte do Gozo (arrabaldes de Santiago)

A saída de Arzúa é pela N-547. Quem está a pé, cruza-a mais adiante e segue então por sua direita até Salceda.

Depois, até pouco adiante de Lavacolla, na capela de San Roque, segue-se paralelo a rodovia, cruzando-a várias vezes para finalmente deixá-la à direita e rumar para o Monte do Gozo e daí a Santiago.

De bicicleta o trajeto é igual a dos peregrinos a pé.

De automóvel segue-se até a capela de San Roque pela N-547. Depois, vale à pena tomar a estrada secundária pavimentada á esquerda e acompanhá-la até o Monte do Gozo.

Albergues e restaurantes em Santa Irene e, logo depois, em Arca.

Hotéis, pensões, camping e todos os demais serviços possíveis em Santiago, cidade com 100.000 habitantes.

O Caminho bem demarcado e bem cuidado, seguindo por florestas de pinus e eucaliptos, passa por nada menos do que 22 povoados, cruzando por vários rios e várias vezes a C-547, até chegar ao Monte do Gozo de onde desce e atravessa a autopista, seguindo por um largo acesso, com construções modernas.

Vale notar que o povoado e o rio de Lavacolla, pouco antes de Vilamaior, têm uma história interessante.

Todos nós sabemos, o perfume foi descoberto pelos franceses, pela simples razão de este povo não ter entre seus atributos o costume do banho diário, algo que ainda hoje lhes soa ridículo. (Não há necessidade de contarmos para nossos filhos pequenos estes detalhes).

Pois o rio Lavacolla, ou lava as costas, era o lugar onde os peregrinos franceses tiravam a roupa e... (o cronista antigo é claro): “... por amor ao Apóstolo, lavavam não só suas partes pudendas, senão a sujeira de todo o corpo.”

Que sacrifício ingente, que amor profundo ao Apóstolo. Devia ser para os franceses uma verdadeira ablução, pois, conhecendo-se seus hábitos, mais pareceria um ritual de purificação religiosa. Tão estranha aos demais peregrinos que também deveriam estar sujos, “ma non troppo”

E assim, muitos limpos, outros nem tanto. Cansados ou muito cansados, no fim do dinheiro ou não, chegamos á Santiago.

Como nosso espírito está adiante e o trecho é longo, nada de importante se encontra nestes povoados que nos faça parar até chegarmos ao Monte do Gozo, muito aproveitado por ser a última parada antes de Santiago, pela vista que se desfruta da cidade e pela gratuidade do albergue.

Monte do Gozo, elevação próxima a Santiago, é onde pela primeira vez os peregrinos podem avistar as altas torres da Catedral de Santiago. Possui um enorme albergue gratuito para 800 pessoas, afora áreas de camping, restaurante e a sede do “Centro Europeu de Peregrinação” tudo ao redor de um grande monumento evocativo.

Em direção as torres da Catedral de Santiago, baixe pelo denominado de “Barrio dos Cocheros” seguindo pela Rua San Pedro até a Porta del Camiño. Do outro lado da sinaleira, começa o “casco antigo” a parte antiga de Santiago. Seguindo sempre em frente, sem possibilidade de qualquer erro face ao fluxo constante de peregrinos, se alcança a Plaza Cervantes.

Dela, pela calle de Azabechería se passa pelo Arco del Obispo e nos encontramos na Plaza del Obradeiro.

E assim, muitos limpos, outros nem tanto. Cansados ou muito cansados, no fim do dinheiro ou não, chegamos á Santiago.

Conveniente em Santiago é não ocupar prédios antigos, reformados, para tornarem-se hotéis ou pensões. A menos que tenha sobrado para o peregrino bastante dinheiro. Neste caso busque o Hostal de Los Reyes Católicos, ou Hospital Real, prédio do séc.XVI, na própria Praça da Catedral (Plaza del Obradeiro). Como é o hotel mais famoso da cidade, o melhor é fazer reserva com antecedência.

As diárias são caras em todos os hotéis da cidade, e, próximo a parte antiga (que abriga a Catedral), mais custosas ainda, não obstante haverem mais de 1.500 leitos apenas entre hotéis de 3 a 5 estrelas. A lei da oferta e da procura funciona que é um milagre.

Saindo na direção da Plaza de Galízia e pela calle Montero Rios e transversais, há uma grande quantidade de hotéis mais novos, em prédios altos, onde, não obstante o mesmo preço salgado, as acomodações são melhores e distam apenas um bom passeio (1 km.) da Catedral e da parte antiga de Santiago, com a vantagem de estarem em um mesmo plano, ao contrário da parte da cidade atrás do Pazo Raxoi (Prefeitura) que é em uma descida.

Em algo, por certo, todos serão unânimes: valeu à pena!

Cheguei a Santiago de Compostela!

Na Idade Média, Santiago, cidade considerada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, era o terceiro ponto mais importante de romarias dos cristãos e, depois da Reforma Protestante, dos cristãos católicos. Perdia apenas para Jerusalém e a própria Roma.

Na atualidade, não obstante Jerusalém ser mais importante que Roma ou Santiago pela presença entre seus muros e calçadas da presença de Jesus, as duas últimas cidades sobrepujam-na largamente na visita de fiéis.

Foi fundada sobre o local onde teria sido descoberto o corpo do discípulo de Jesus chamado Tiago, o Maior, irmão de São João Evangelista, e que foi martirizado em Jerusalém em 44 DC. O outro Tiago, o Menor, também santo e também martirizado em Jerusalém em 62 DC, era primo de Jesus (notem: por parte de mãe, somente!)

A descoberta de seu cadáver na Espanha serviu para incentivar a luta contra os árabes, chamada de Reconquista, que iniciou no séc.VIII. A posse de terras ao sul dos Pirineus, por parte de nobres franceses, criou uma romaria constante desde a França, saindo de Le Puy, próximo a Lion, e até Santiago, a qual, nos séculos seguintes, foi grandemente aumentada, pelos cristãos dos outros países da Europa.

Sua primeira igreja foi queimada em um ataque árabe de 997, chefiado por Almanzor, que destruiu completamente a cidade.

No mesmo terreno, a partir de 1082, iniciou-se a construção da atual Catedral, ao mesmo tempo em que a nova cidade, que ia surgindo ao redor dela, foi provida de muralhas.

Estas muralhas desapareceram no séc.XIX, mas as casas, ruas, becos e praças, dão bem a noção da cidade antiga e amuralhada.

Nos séc. XI e XII, a peregrinação europeia para Compostela alcançou seu apogeu, levando a Galícia ao contato permanente com estrangeiros, intercambiando ciências, artes e literatura.

Os peregrinos diminuíram nos séculos seguintes, razão da enorme quantidade de ruínas de hospitais, encontrados pelo Caminho, abandonados nos séculos seguintes pelo não uso.

Notem que em espanhol, hospital tanto tem a interpretação dada pela língua portuguesa, como de “casa que serve para abrigar pobres e peregrinos por tempo limitado”.

A universidade local data do séc. XVI, e a partir do séc.XVIII, com o estilo barroco, um sem número de construções patrocinadas por bispos e ordens religiosas, deu á Cidade as características que ela hoje possui.

Todos os pontos de visitaçõa obrigatória são possíveis de percorrer a pé. Melhor: devem ser percorridos a pé!

A Catedral, razão última da peregrinação e os prédios do entorno da Plaza do Obradeiro, á sua frente, são os pontos altos de Santiago.

Esta enorme praça lajeada, capaz de abrigar milhares de pessoas, tem ao seu redor os edifícios principais da cidade: ao leste, a Catedral á qual se chega subindo uma bela escadaria; ao norte, o Hospital Real (séc.XVI), construído pelos reis espanhóis para atender os peregrinos e hoje um hotel de luxo; ao sul, o Colégio de San Jerónimo (séc.XVI), cuja fachada é a de um antigo hospital de peregrinos; a oeste, o Pazo Raxoi (séc.XVIII), cujo frontão comemora a batalha de Clavijo coroada pelo Santiago Matamoros (lembram?), e que hoje abriga a Prefeitura local.

Ao lado esquerdo da Catedral, quem olha da praça, o Palácio Gelmirez (séc.XII e XIII), obra do bispo de mesmo nome, é um importante marco da arquitetura românica na Espanha, e notável por seu enorme refeitório. Que não está aberto aos peregrinos...

Ao lado direito da Catedral o claustro, prédio também antigo que atende os serviços religiosos. Pelas duas laterais e pelos fundos da Catedral, outras três praças são testadas de prédios muito antigos.

Não distante também, vários mosteiros e igrejas, construídos entre os séc.XII e XVIII, por várias ordens religiosas, para marcarem sua presença nesta terra milagrosa, merecem uma visita.

No centro de turismo de Santiago, próximo à Catedral, o peregrino pode pedir o livreto sobre a cidade, que o guiará em suas visitas, em sua língua natal.

A Catedral

A fachada oeste e principal, frente à Praça do Obradeiro, dá a exata noção da suntuosidade deste edifício, construído ao longo dos séculos, em vários estilos arquitetônicos, mas todos eles buscando elevar ao máximo a arquitetura e a estatuária de seu tempo.

O pórtico do séc.XII, “Pórtico da Glória” com esculturas de profetas e apóstolos, e encimado por outra de Cristo, é majestoso e a obra mais importante do templo.

As torres de 74 metros desta fachada são as mais altas desta Catedral cuja construção é em formato de cruz latina, medindo 98m. de comprimento e , no seu cruzeiro, 67 m. de altura.

O Altar-Mor, as capelas, o Museu das Tapeçarias, o Tesoro, e Capilla de las Reliquias, são visitas importantes, se isto for possível pelas multidões que se aglomeram na igreja, principalmente nos feriados, sábados e domingos.

Você está lembrado do espanhol que com nove amigos derrotou trezentos europeus na ponte? Lembra-se? Pois a prova está aqui, no Tesoro, no relicário de Tiago, o Menor: em seu colo, o bracelete que Quiñones trouxe para Santiago, em agradecimento pela sua vitória.

Na cripta, sob o Altar-Mor, nas fundações originais da igreja destruída pelos árabes, e a qual se chega entrando por uma pequena porta, descendo por uma escada e subindo por outra, em uma fila constante de peregrinos, estariam os restos de Santiago e de dois discípulos, abrigados sob uma grande urna de prata. É sempre tanta gente para fazer a visita, através de uma fila estreita em um espaço diminuto, que as pessoas são quase que empurradas para chegar - fazer de conta que viram - e ir embora.

Ao meio dia, uma grande missa é rezada para os novos peregrinos que lotam a igreja, depois de terem tocado com os dedos, a “Árvore de José”, genealogia da família de Cristo, e com a testa a figura de sua base, o “Santo dos Croques”.

Estas figuras estão logo á entrada principal; o toque com os dedos é uma devoção antiga ao passo que o toque com a testa – segundo a tradição – é para aumentar a inteligência de quem o faz. Os políticos brasileiros costumam fazer esta peregrinação. Batem com a cabeça na estátua, achando-a sua igual. É que confundem Croques com escroques.

O grande espetáculo visual do local é o botafumeiro. Oito homens são necessários, para segurar a corda do enorme incensório, banhado em prata, colocando-o a ir e vir pelas alturas, de um lado a outro do cruzeiro e sobre o Altar-Mor da Catedral, nas cerimônias realizadas em dias especiais. Imaginem a multidão enchendo a igreja e, há poucos metros de nossas cabeças, aquela enorme bola de prata indo e vindo, soltando fumaça e enchendo o recinto com o odor do incenso. É, realmente, um espetáculo.

Maior incensório do mundo pesa mais de 60 quilos e mede 1,60 m. de altura. Data de metade do Séc.XIX. A corda que o suspende, de material sintético, atada no alto do cruzeiro da Catedral, mede 65 metros de comprimento e tem 5 cm de diâmetro. O movimento do botafumeiro pode atingir os 68 km/h no seu arco de 65 metros, com altura máxima de 21 metros.

Inicialmente seu objetivo era mais prático: é capaz de levar seu aroma a toda a igreja. Foi uma invenção espanhola, para proteger seus narizes dos odores dos viajantes de semanas, que costumavam chegar a Santiago e ir direto á Catedral, para depois tratar de seu asseio corporal e do vestuário.

Necessitamos dois dias para visitar Santiago com a calma devida. As lembranças de viagem, religiosas ou profanas, podem ser compradas na cidade velha.

As refeições podem ser feitas nos pequenos restaurantes que colocam suas mesas pelo lado de fora, nas calçadas, o que nos permite acompanhar o ir e vir dos transeuntes. E comer os pratos típicos.

Peixe é o prato típico da cidade, já que estamos próximos ao Atlântico. O vinho branco que o acompanha é da Galícia. Não se esqueçam de comer também um prato de vieiras (conchas), o mais tradicional do Caminho. E símbolo máximo do próprio.

Se vocês pedirem, o garçom traz as conchas de volta, depois de limpas, para serem levadas como recordação. Existe maneira mais singela de terminar uma viagem?

Para os peregrinos que cumpriram as condições, e carimbaram seus passaportes, em algumas das várias localidades por onde passaram , comprovando assim terem percorrido o Caminho, é chegada a hora de receber a “Compostela”.

Este documento, usado a partir do séc.XIV, atesta que o peregrino cumpriu, ao menos os últimos cem últimos quilômetros a pé, ou os últimos duzentos á cavalo.

Entrega-se o passaporte no próprio prédio da Catedral, na “Oficina de Acogida del Peregrino” situado na Casa del Deán. No dia seguinte, no mesmo local, devolvem-nos o documento e nos fazem a entrega da “Compostela”.

Termina assim nossa maravilhosa viagem pela religião, pela história e pela geografia. E pelo nosso espírito e corpo. Não importa a razão da peregrinação. Tão pouco importa os meios usados para percorrer o Caminho. Sequer o número de quilômetros feitos ou de dias empregados.

Crente ou ateu, o peregrino sairá de Santiago marcado pela etapa extraordinária que realizou. Ver e sentir o que se passou no norte da Espanha, durante os últimos doze séculos, sabendo das milhares de pessoas que construíram igrejas, hospitais, estradas e pontes para facilitar a vida de estranhos, movidos pela fé e pelo amor ao próximo.

São milhões de gentes, de variadas nacionalidades, que durante todos este tempo, percorreram a mesma estrada, buscando alimentar seu espírito, enquanto cansavam seus corpos, irmanados na esperança sempre crescente de que a vida é melhor a cada passo. A mesma que o homem tem, através dos séculos, em sua peregrinação do dia a dia. Elevados pela idéia de que, passados estes dias terrenos, outra vida nos espera, na promessa de Jesus Cristo para uns, de Maomé para outros. Ou de todas as religiões baseadas na Crença na uma força sobrenatural, criadora do Universo, que deve ser adorada e obedecida.

Obrigado aos que me acompanharam por estas semanas pelo Caminho, pelas estradas da Internet. Por maiores que sejam as criações dos homens, nenhuma delas se equipara a Criação.

Índice Geral

Abadia de Benevivere - 112

Abadia de La Cruz - 114

Afonso, o Casto - 15/16

Aigolando - 116

Alfândegas de Portugal - 23, 27

Alfonso I - 126

Alfonso VI - 73, 80, 83, 99, 114, 116, 139, 143

Alonso de Ribera - 125

Amadis de Gauda - 128

Antonio Gaudí - 130

Aparições de Medjugorje - 125
Associação de Amigos do Caminho de Santiago - 18
Barbadelo - 149
Botafumeiro - 160
Bula da Peregrinação - 12
Burgos - 95/96, 102/103
Calixto III - 139
Caminhos para Santiago - 20
Caminho a pé - 30/33
Caminho Francês - 20, 47
Caminho por automóvel - 33/35, 41
Caminho por bicicleta - 33, 41, 96
Campo das Estrelas - 6
Canção de Rolando - 50
Carlosmagno - 48, 49, 52, 61, 68, 116
Catedral de Santiago - 159
Cebreiro - 143
Cegonha - 128
Celtas - 151
Cesar Bórgia - 71
Cigano de Foncebadón - 134
Credencial do Peregrino - 18, 29
Cruz de Ferro - 134
Cruz de los Valientes - 86
El Cid - 73, 97/101, 110
Guerra Civil Espanhola - 73/74
Embaixada da Espanha - 17, 18, 20
Felix Platter (viagem) - 13
Fogo de San Telmo - 108
Fogo de Santo Antão - 104
Fonte de Reniega - 61/62
Fonte de Vinho - 67

Fontes do Caminho - 36
Franceses - 155
Hórreos - 146
Ignácio de Loyola - 140
Igreja de San Martin - 108
Igreja de Santa Maria la Blanca - 110
Igreja de Santa Maria La Real - 80
Igreja do Santo Sepulcro - 69/70
Igrejas do Caminho - 35
Início do Caminho (Saint Jean Pied de Port) - 22, 44
Inquisição na Espanha - 140
Isabel de Espanha – 58, 93, 140, 144
Jesuítas - 139
Jornada diária - 42/43
Los Sanfermines - 56
Maragatos - 129
Meca - 119
Milagre do vinho e do pão - 144
Monte do Gozo - 156
Monte Irago (cruzeiro) - 132
Mosteiro de Samos - 147
O galo e a galinha de Santo Domingo de La Calzada - 83/85
Ordem dos Cavaleiros Hospitalários ou Ordem dos Cavaleiros de Jerusalém ou Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, - 59/60
Ordem dos Templários - 60, 70, 110, 135, 143, 150
Padre João Batista Reus - 8
Pais e filhos santos – 114
Passaporte do Peregrino - 162
Ponte do Paraíso - 55
Prado de las Lanzas - 116
Prostitutas - 152

Puente de La Reina - 63
Puerta del Perdón - 139
Reino de Navarra - 65
Relíquias de santos em Paris - 13/14
Monastério de San Juan de la Peña - 15, 57
Rolando - 78/79, 116
Romanos - 151
San Isidro - 123
San Juan de Ortega - 92/93
San Tiago - 4, 5, 8, 16,
San Xulián - 153
San Zoilo - 111
Santa Maria la Blanca - 110
Santiago Matamoros - 76/77, 126, 158
Santiago de Compostela - 156
Santo Caprásio - 88
Santo Graal - 15, 144
Santo Indalecio - 89, 91
Santos Facundus e Primitivus - 114
Símbolos do Caminho - 40
Sos del Rey Católico - 58
Suero de Quiñones - 127
Tiago - 156
Torquemada - 140
Via Legião Romana - 121
VIIa Legião Romana - 120, 122
Virgem Del Camino - 124
Visigodos - 71/72, 151